

RE

2025

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

XIV SEMANA DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA

07 a 11 de outubro
ConectaIF 2025, Arena BRB
(Estádio Mané Garrincha)
Brasília - DF

Instituto Federal Brasília - IFB

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

2025



REITORA

Veruska Ribeiro Machado

PRÓ-REITORA DE ENSINO

Rosa Amélia Pereira da Silva

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA

Diene Ellen Tavares Silva

PRÓ-REITORA DE PESQUISA E INOVAÇÃO

Simone Braz Ferreira Gontijo

PRÓ-REITORA DE ADMINISTRAÇÃO

Cláudia Sabino Fernandes

PRÓ-REITOR DE GESTÃO DE PESSOAS

José Anderson de Freitas Silva

ORGANIZAÇÃO

Bélica Alessandra Pereira da Silva Dantas

Debora Leite Silvano

Kamylla Santana Guimarães

Leandro Nunes de Sousa

Makleyne de Melo e Sousa

Orlando Nobre de Medeiros

CONSELHO EXECUTIVO

Aryane Tada Ferreira Santos

Augusta Rodrigues de Oliveira Zana

Bruno Marx de Aquino Braga

Consuelo Barreto Fernandes

Eryc de Oliveira Leão

Gecyclan Rodrigues Santana

Glauco Vaz Feijó

Jessiane Fontenele Guilherme

Lauanda Beatriz Matos Costa

Leonardo Rodrigues Miranda

Maria de Fátima Félix Nascimento

Mariela do Nascimento Carvalho

Ricardo Teles

Rute Nogueira de Morais Bicalho

Vanessa de Deus de Mendonça

COORDENAÇÃO DE PUBLICAÇÕES

Daniele dos Santos Rosa

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Jefferson Sampaio de Moura

DIAGRAMAÇÃO, CAPA E PROJETO GRÁFICO

Bruno Soares Maciel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha Catalográfica

S471 Semana de Produção Científica (2025: Brasília, DF)

Caderno de Resumos XII Semana de Produção Científica - resumos, 07 a 09 de outubro de 2025, na Arena BRB Mané Garrincha, Brasília [recurso eletrônico] / organizador pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação. – Brasília: Editora IFB, 2026.

1 E-book: 193 p. : il. ; PDF.

Edição digital.

ISSN 2318-6038, Anual.

1. Produção científica - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília. 2. Produção científica - congresso. 3. Investigação científica. I. Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação, org. II. Título.

CDU 001.891

Elaborado pela bibliotecária Mariela do Nascimento Carvalho – CRB 1/2184



A exatidão das informações, as opiniões e os conceitos emitidos na obra são de exclusiva responsabilidade dos autores. Todos os direitos desta publicação são reservados à Editora IFB. É permitida a publicação parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte. É proibida a venda desta publicação.



Reitoria – Setor de Autarquias Sul
Qd. 2, Bloco E – Edifício Siderbrás
C.E.P.: 70.070-020 – Brasília/DF
www.ifb.edu.br

+55 (61) 2103-2110
editora@ifb.edu.br

SUMÁRIO

CIÊNCIAS AGRÁRIAS

- 8 Efeito da Temperatura na Germinação das Sementes de Cenoura, Rúcula e Rabanete no IFB Campus Planaltina
- 13 Sistema Medicinal Biodiverso – Práticas com Plantas Medicinais na Formação em Agroecologia
- 17 Reproduções de Edificações em Layouts do Autocad para Construções Rurais no IFB Campus Planaltina
- 21 Desenvolvimento de Mapas NDVI no IFB - Campus Planaltina
- 26 Produção de Bioinsumos por Estudantes do Campus Planaltina do Instituto Federal de Brasília
- 31 Minicurso: Prática de Derivados Lacteos

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

- 37 Prêmio Paulo Freire 2025: Memórias, Emoções e Impactos na Trajetória de uma Licencianda
- 41 Neurociência na educação: formação para Profissionais da Educação e famílias
- 44 Questionário Lúdico Mediado por Tecnologias Digitais no Ensino de Anfíbios em uma Escola Rural

CIÊNCIAS DA SAÚDE

- 49 Violência Obstétrica: Relato de Experiência no Curso Técnico em Enfermagem, Grau Técnico
- 51 Projeto de Extensão Yoga da Escola: Práticas Regulares e Vídeos para a Saúde e Bem-Estar

CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA

- 56 Medição da Aceleração da Gravidade: uma Abordagem Experimental nas Aulas de Física
- 59 Capacitação de Docentes de Matemática para o uso do Geogebra: Relato de Experiência
- 63 Processos de Ensino e de Aprendizagem sobre Conceitos Básicos de Química: Relato de Experiência de Monitoria no Programa Federal "Partiu IF" No IFC-Sombrio

CIÊNCIAS HUMANAS

- 68 Jogos de Matriz Africana: Honrando nossa Ancestralidade por meio do Jogo e da Ludicidade
- 72 Aspectos Socioemocionais e Desafios no Processo de Aprendizagem: um Relato Pessoal
- 75 Diálogos sobre a Dupla Excepcionalidade: Acolhendo a Singularidade
- 79 Alfabetização e Letramento na Educação Infantil: o Lúdico como Estratégia de Ensino
- 83 Proposta de Educação Dialógica no Complexo Penitenciário
- 87 Educação Inovadora e Autonomia: a Experiência do Ensino Médio Integrado ao Curso Técnico em Eventos

ENGENHARIAS

- 91 Diagnóstico de Potencialidades e Limitações: um Relato de Visita ao Parque Ecológico Três Meninas
- 96 Identificação de Riscos Ambientais: Observação e Desafios em um Detailer Automotivo
- 100 Vivências Acadêmicas no Parque Ecológico Saburo Onoyama: Conservação, Desafios e Aprendizados no Cerrado Urbano
- 104 Entre Agulhas e Cuidados: Olhar Prático sobre os Riscos Ambientais em Estúdios de Tatuagem

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES

- 110 Oficina de Dança Criativa – Criação de Célula Coreográfica com Jogo de Movimento
- 115 O Corpo e a Mente na Sala de Aula
- 118 Saberes Negros: Escrevivência na Academia
- 122 Treinamento Energético para Bailarinos Criadores: um Estudo Prático
- 127 Estratégias de Aprendizagem e Criatividade no EMI: uma Experiência do PIBID com o Ditado Contextualizado
- 131 Ditado Contextualizado e Escrita Criativa: um Relato de Experiência do PIBID com Obra do PAS no Ensino Médio Integrado
- 135 A Música na Dança e a Dança na Música: Contagens dos Pulsos e dos Movimentos
- 140 Escutando a Música para Dançar: A Monitoria da Disciplina de Fundamentos da Música I
- 144 II FACAP - Festival de Arte e Cultura do Alto Paraopeba
- 148 O Direito à Literatura em Contexto Prisional: um Relato de Experiência
- 151 Dança Improvisação e Somaestética
- 155 “Latinidades Dancísticas:” Estudo Metodológico do Currulao para o Frevo.

OUTROS RELATOS

- 160 Ecomemórias: Criando com Consciência, Registrando com Amor
- 163 Eficiência Da Técnica de Transplântio de Mudras de Buriti para Recuperação de Nascentes
- 172 BSBGastro: Fusão de Sabores e Saberes

- 176** Resultado do Projeto de Extensão Meninas e Mulheres em Ação: Fortalecendo os Direitos Raciais, Sociais e Profissionais
- 179** Formação Cidadã e Diversidade: a Cultura Xavante no Ensino Médio Integrado
- 184** Fossa Verde como Tecnologia Social de Saneamento: Estudo de Caso em uma Escola na Zona Rural de São Gonçalo do Gurgueia-PI
- 187** Experiência Prática no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)
- 191** Aproveitamento de Excedentes da Produção de Abacaxi em Araguaína-To: uma Ação Prática de Ensino, Pesquisa e Extensão

CIÊNCIAS AGRÁRIAS

EFEITO DA TEMPERATURA NA GERMINAÇÃO DAS SEMENTES DE CENOURA, RÚCULA E RABANETE NO IFB CAMPUS PLANALTINA

Autor(es): Camilly Peres Machado; Bárbara Tainara Ferreira Pires; Luiz Heider Campelo Brasil; Rafaella da Silva Enéas.

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília – Campus Planaltina.

Contato principal: camilly61680@estudante.ifb.edu.br

INTRODUÇÃO

A temperatura é uma grandeza física relacionada à energia cinética média das partículas, sendo determinante em diferentes áreas da ciência e tecnologia, como a física, a meteorologia e a agronomia (TAIZ et al., 2017). Ela influencia fenômenos que vão do nível molecular ao macrocosmo, impactando diretamente a vida humana, o ambiente e os processos fisiológicos de plantas.

A temperatura influencia em diversos aspectos do nosso mundo, desde o nível molecular até o macrocosmo, no corpo humano, por exemplo, a temperatura está associada ao conforto, ao sono e ao desempenho físico. Valores ideais variam conforme a atividade: entre 20 °C e 22 °C para conforto, 16 °C a 18 °C para o sono e 15 °C a 25 °C para a prática de exercícios. Quando esses limites não são respeitados, podem ocorrer fadiga, desidratação, dificuldades no repouso e riscos à saúde (SOUZA et al., 2004).

No ambiente, a temperatura é um fator determinante do clima e da biodiversidade, regulando a distribuição de espécies vegetais e animais. Alterações térmicas podem gerar eventos extremos, como secas, inundações e tempestades, afetando ecossistemas inteiros (TAIZ et al., 2017). Na agricultura, a temperatura tem papel essencial na germinação de sementes, pois influencia a velocidade e a porcentagem desse processo. A maioria das culturas apresenta faixa ideal entre 20 °C e 30 °C, embora algumas espécies germinem em limites mais baixos (10 °C a 15 °C) ou mais altos (30 °C a 35 °C). A absorção de água e as reações bioquímicas também são moduladas pela temperatura: valores baixos retardam esses processos, valores ideais os oti-

mizam e temperaturas elevadas podem bloqueá-los ou causar danos irreversíveis às sementes (MATOS et al., 2015). Além disso, a temperatura interfere na dormência e na viabilidade, quebrando-a em algumas espécies ou induzindo-a em outras, podendo reduzir o potencial germinativo (TAIZ et al., 2017).

Assim, a temperatura constitui um dos fatores mais relevantes para a vida, influenciando a saúde humana, o equilíbrio ambiental e a produção agrícola, especialmente nos processos germinativos. Este ensaio foi realizado com o objetivo de evidenciar e reforçar o conhecimento do efeito da temperatura na germinação de sementes das culturas de cenoura (cultivar Brasília), rúcula (cultivada) e rabanete (cultivar Cometo).

METODOLOGIA

O ensaio foi conduzido em delineamento inteiramente casualizado, sem repetições, utilizando três amostras de cada cultura (cenoura, rúcula e rabanete) submetidas a diferentes temperaturas: 12 °C (geladeira), 25–30 °C (ambiente) e 35 °C (estufa germinadora). Cada tratamento foi realizado em beakers de 600 ml preenchidos com uma mistura composta por um terço de areia, um terço de turfa e o restante de terra preta, sendo semeadas cinco sementes por recipiente.

Para os ambientes de geladeira e estufa, que não possuíam fotoperíodo incluso, foram adaptadas luminárias de emergência de 30 leds com duração máxima de 5 horas, fixadas no interior dos equipamentos e recarregadas diariamente para manter a iluminação artificial. A umidade do substrato foi controlada por meio de irrigações com água da torneira sempre que necessário.

As avaliações consistiram em observações e registros diários sobre a velocidade e o tempo de germinação das sementes em cada condição térmica, possibilitando comparações entre as culturas e evidenciando diferenças no desenvolvimento germinativo em função da temperatura. Não foi realizadas análises estatísticas devido à ausência de repetições no delineamento experimental. Cada tratamento contou apenas com uma unidade experimental, impossibilitando a estimativa do erro e a aplicação de testes estatísticos. Dessa forma, o ensaio teve caráter exploratório e descritivo.



Figura 1 - Disposição dos beckers com o substrato antes do plantio das sementes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o experimento, observou-se que as primeiras germinações ocorreram em ambiente de estufa a 35 °C, com plântulas de rúcula e rabanete emergindo dois dias após a semeadura. No ambiente externo, a germinação iniciou no terceiro dia para a rúcula e no quarto dia para o rabanete, enquanto a cenoura apresentou maior lentidão, germinando no 12º dia na estufa e no 15º dia no ambiente externo. Essa espécie demonstrou o maior atraso e desenvolvimento limitado, resultado das temperaturas acima da faixa ideal para seu crescimento.

As plantas da estufa apresentaram caules mais longos e menor área foliar, em resposta ao calor excessivo e à busca por luz (fototropismo), enquanto as do ambiente externo mostraram folhas maiores, caules médios e maior número de folhas. Os índices de área foliar confirmaram essa diferença: os rabanetes externos tiveram o maior valor (0,122), seguidos pela rúcula (0,075), enquanto os exemplares da estufa mostraram índices significativamente menores, chegando a 0,014 para o rabanete e 0,004 para a rúcula. A cenoura apresentou o menor índice em ambos os ambientes.

Com o avançar do experimento, todas as plântulas da estufa morreram devido à elevada transpiração e consequente estresse hídrico, enquanto no ambiente externo a cenoura também não resistiu após desenvolvimento restrito. As sementes mantidas na geladeira permaneceram dormentes e apenas germinaram após serem transferidas para o ambiente externo, confirmando sua condição de quiescência.

Os resultados demonstraram a forte influência da temperatura sobre a germinação e o crescimento, afetando processos fisiológicos como atividade enzimática, equilíbrio do pH ce-

lular, fotossíntese, fluidez das membranas e ação hormonal. Em altas temperaturas, predominam limitações como fotoinibição, perda hídrica excessiva e desenvolvimento morfológico desfavorável, enquanto baixas temperaturas podem retardar o metabolismo e a absorção de nutrientes.



Figura 2 – Crescimento e desenvolvimento das plântulas em ambiente externo.



Figura 3 – Plântula com caules finos e longos, e com folhas menores, no ambiente de estufa germinadora.



Figura 4 – Estado de crescimento do ambiente de estufa germinadora na última semana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temperatura demonstrou ser um fator decisivo para a germinação das sementes. A faixa de 35 a 37 °C, presente na estufa, foi a mais favorável, indicando proximidade com a temperatura ótima para as espécies avaliadas. A condição ambiente, em torno de 25 °C, também possibilitou a germinação, embora de forma mais lenta e possivelmente com menor porcentagem de plântulas. Já a baixa temperatura de 12 °C, simulada na geladeira, inibiu completamente o processo, levando as sementes à dormência.

Referências

- MATOS, Rigoberto Moreira de; SILVA, Patrícia Ferreira da; LIMA, Sabrina Cordeiro de; SANTOS, Célia Silva dos; DANTAS NETO, José. CARACTERÍSTICAS FOLIARES E ÍNDICE DE COLHEITA DO RABANETE IRRIGADO COM ÁGUA RESIDUÁRIA EM AMBIENTE PROTEGIDO. **Enciclopédia Biosfera**, Goiânia, v. 11, n. 21, p. 372-386, 2015.
- SOUZA, Antônio Francisco de; LOPES, Carlos Alberto; FRANÇA, Félix Humberto; REIFSCHNEIDER, Francisco José Becker; PESSOA, Homero B. S. V.; VIEIRA, Jairo Vidal; CHARCHAR, João Maria; MESQUITA FILHO, Manoel V. de; MAKISHIMA, Nozomu; FONTES, Ruy Rezende. **Cenoura**. Brasília: Embrapa Comunicação Para Transferência de Tecnologia, 2004. 78 p. (Coleção Plantar, 43). Embrapa Hortaliças.
- TAIZ, Lincoln; ZEIGER, Eduardo; MOLLER, Ian Max; MURPHY, Angus. **Fisiologia e Desenvolvimento Vegetal**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017. 888 p. (Botânica).

SISTEMA MEDICINAL BIODIVERSO – PRÁTICAS COM PLANTAS MEDICINAIS NA FORMAÇÃO EM AGROECOLOGIA

Autor(es): *Heloísa Santos Ferreira¹; Filipe Lopes Miranda; Miguel Lucas Silva; Aline Marques; Marinalva Araujo Andrade dos Santos; Hosanira Lopes; Ester Lopes; Lucas Siqueira da Silva; Paula Petracco ; Viviane Evangelista dos Santos Abreu.*

Instituição: *Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Brasília – Campus Planaltina.*

Contato principal: *heloisasferreira55@gmail.com*

RESUMO: *O Sistema Medicinal Biodiverso (SMBD) é um espaço de inovação sociotécnica que integra a Agroecologia, em sua abordagem científica e de saberes tradicionais no cultivo e manejo de plantas medicinais. O sistema promove a conservação da biodiversidade do Cerrado e de espécies cosmopolitas. Foram elaboradas tinturas e outros fitopreparados distribuídos em feiras e eventos comunitários, fortalecendo a atenção primária à saúde e o diálogo entre ciência e tradição. Além de seu impacto socioambiental, o SMBD é um laboratório vivo para a formação profissional em Agroecologia, oferecendo experiências práticas e multidisciplinares que fortalecem competências técnicas, científicas e sociais voltadas à transformação dos territórios. A implantação da rastreabilidade via QRCode garante transparência sobre princípios ativos e formas de uso seguro das espécies cultivadas. O SMBD se consolida como referência em educação, pesquisa e extensão, unindo conservação ambiental, inovação tecnológica e impacto social.*

Palavras-Chave: *Manejo agroecológico; Fitoterapia; Extensão Rural.*

INTRODUÇÃO

As plantas medicinais têm papel fundamental na atenção primária à saúde, especialmente em comunidades rurais. No Brasil, a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos incentiva a integração de saberes tradicionais ao SUS (Brasil, 2006). De forma convergente, a Organização Mundial da Saúde recomenda o estudo e o uso dessas espécies, destacando sua relevância como prática complementar e segura (Lameira; Pinto, 2008). Fatores como tradição cultural, baixo custo, reduzidos efeitos colaterais e forte vínculo comunitário favorecem sua difusão. Nesse contexto, torna-se essencial garantir o cultivo seguro e a qualidade dos fi-

topreparados. No Instituto Federal de Brasília – Campus Planaltina, o tema “Plantas medicinais e fitoterapia” integra o eixo de Agroecossistemas e disciplinas optativas do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia (IFB, 2020).

Com o propósito de integrar o estudo das plantas medicinais e da fitoterapia em abordagens teóricas, práticas de campo e atividades laboratoriais, foi implementada, em dezembro de 2019, uma área experimental de cultivo de plantas medicinais no IFB Campus Planaltina. Esse espaço, denominado Sistema Medicinal Biodiverso (SMBD), consiste em um sistema agroecológico de cultivo consorciado que reúne espécies nativas do Cerrado e espécies cosmopolitas, abrangendo diferentes formas vegetais (arbóreas, herbáceas, arbustivas, palmeiras e trepadeiras).

O SMBD tem como foco o aumento da produtividade e a melhoria da qualidade dos princípios ativos, configurando-se como um ambiente inovador de ensino, pesquisa e extensão. Nos últimos cinco anos, o SMBD se firmou como uma matriz pedagógica relevante para a validação de práticas, experimentos e interações entre estudantes, professores e as comunidades. Entre agosto de 2024 e agosto de 2025, desenvolvemos diversas atividades no Sistema Medicinal Biodiverso (SMBD), com destaque para a revitalização do espaço. Este trabalho busca relatar as ações realizadas no último ano no SMBD.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O relato resulta de uma abordagem descritiva, fundamentada na observação direta e na sistematização das práticas realizadas ao longo do período de agosto de 2024 a agosto de 2025 por estudantes, sob a orientação de professoras.

As ações tiveram início com a revitalização do espaço experimental, marcada pelo manejo de espécies invasoras, principalmente *Urochloa decumbens* (braquiária) e *Tithonia diversifolia* (margaridão). Essa etapa buscou restabelecer o equilíbrio ecológico da área e reduzir a competição com as espécies medicinais em cultivo. Em seguida, foram realizadas práticas de manejo e manutenção dos canteiros, envolvendo adubação orgânica, cobertura morta, manutenção do sistema de irrigação e reorganização das áreas de cultivo, de modo a favorecer o desenvolvimento das plantas.

Outra frente de trabalho consistiu na identificação e monitoramento de espécies, com o registro das plantas presentes no sistema. Essa atividade contribuiu para a conservação da diversidade de espécies medicinais, além de orientar a reposição daquelas que haviam sido suprimidas pela competição com exóticas. Paralelamente, foram conduzidas práticas de processamento e beneficiamento de plantas medicinais, incluindo o preparo de tinturas, o beneficiamento do açafrão (*Curcuma longa*) e experimentações voltadas à produção de fitopreparados.

O SMBD também se consolidou como espaço de pesquisa aplicada, por meio de experimentos de germinação com espécies nativas do Cerrado, como *Pterodon emarginatus* (sucupira), *Cochlospermum regium* (algodão-do-cerrado) e *Amburana cearensis* (emburana). Esses testes tive-

ram como objetivo avaliar a viabilidade germinativa e o potencial de inserção dessas espécies no sistema.

A sistematização das atividades foi realizada por meio de relatórios do eixo integrador, que reuniram registros de campo, fotografias, reuniões com as professoras e discussões coletivas entre os estudantes. Esses procedimentos permitiram refletir sobre os resultados parciais do manejo, identificar desafios e propor encaminhamentos para o fortalecimento do SMBD como espaço formativo e de inovação, voltado à agroecologia e à fitoterapia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades desenvolvidas no Sistema Medicinal Biodiverso (SMBD), entre agosto de 2024 e agosto de 2025, resultaram em avanços significativos tanto no manejo do espaço quanto na produção de fitopreparados. O primeiro desafio enfrentado foi a remoção de espécies invasoras, principalmente *Urochloa decumbens* (braquiária) e *Tithonia diversifolia* (margaridão), cuja colonização intensa havia ocasionado a perda de plantas cultivadas. Paralelamente, foram realizadas a identificação de espécies, o manejo dos canteiros, a manutenção da irrigação, a adição de matéria orgânica como cobertura do solo e o beneficiamento do açafrão (*Curcuma longa*). Também foram conduzidos testes de germinação de espécies nativas do Cerrado, como *Pterodon emarginatus* (sucupira), *Cochlospermum regium* (algodão-do-cerrado) e *Amburana cearensis* (emburana), visando sua reinserção no sistema.

Outro resultado relevante foi a produção e o envasamento de tinturas de *Cordia verbenacea* (erva-baleeira), *Baccharis trimera* (carqueja), *Mikania glomerata* (guaco), *Melissa officinalis* (erva-cidreira) e *Cymbopogon winterianus* (citronela), entre outras espécies. Esses produtos foram distribuídos em eventos como a feira agroecológica do IFB Campus Planaltina e em parceria com a Fiocruz, fortalecendo a integração entre saber acadêmico e saber popular, além de valorizar o conhecimento ancestral sobre plantas medicinais.

Como inovação, iniciou-se a implementação de QR codes e placas de identificação para facilitar o acesso do público às informações sobre as espécies cultivadas. No entanto, devido à limitação de materiais, foram confeccionados apenas dez QR codes e oito placas, com previsão de ampliação para todo o sistema.

Ao longo do período, com as espécies cultivadas no SMBD produziu-se cerca de 200 pacotes (20 g cada) de açafrão em pó, 100 frascos de tintura (30 ml), 30 potes de pomadas e quatro litros adicionais de tinturas doados à Fiocruz. Toda a produção foi destinada gratuitamente à comunidade, reforçando o caráter extensionista e social do projeto.

Os resultados foram socializados em momentos significativos, como o Seminário Integrador do Curso de Agroecologia (fevereiro e julho de 2025) e a Feira Agroecológica do IFB Planaltina, nos quais foram apresentados os processos de manejo, beneficiamento e produção de fitopreparados. Essas ações ampliaram a visibilidade do projeto e fortaleceram vínculos com a comunidade e instituições parceiras.

De forma geral, os resultados alcançados evidenciam avanços na revitalização do sistema, na conservação da biodiversidade e na valorização de práticas tradicionais de cura. A experiência também proporcionou ganhos pedagógicos e pessoais aos participantes, que relataram satisfação em observar a reorganização do espaço e os progressos obtidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A observação do sistema em processo de realinhamento, somada aos avanços obtidos, traz alegria e a sensação de avanços, mesmo diante dos muitos desafios que ainda permanecem. A recuperação da área, anteriormente dominada por plantas espontâneas, mostrou-se um processo exigente, especialmente porque o grupo é formado por poucos estudantes e as atividades de manejo ocorrem apenas uma vez por semana. Entre os principais desafios, destaca-se o sistema de irrigação, que sofre com a recorrente falta de água, além da necessidade constante de manutenção das mangueiras, frequentemente entupidas ou danificadas. Apesar dessas limitações, foi possível realizar um mutirão para introdução de novas espécies em áreas já manejadas e desocupadas, priorizando plantas nativas do Cerrado, como o alecrim-do-campo (*Baccharis dracunculifolia*) e a catuaba-do-cerrado (*Anemopaegma arvense*), reconhecidas por seu potencial medicinal e boa adaptação ao bioma. Essa ação buscou ampliar a diversidade do sistema e avaliar a viabilidade de cultivo dessas espécies em arranjos biodiversos. Outro mutirão foi dedicado à colheita, plantio, beneficiamento e distribuição do açafrão (*Curcuma longa*), contando com a colaboração de outras turmas do curso. Essa atividade possibilitou maior integração entre os estudantes, ao mesmo tempo em que promoveu o aprendizado coletivo sobre o cultivo e o processamento, fortalecendo a vivência prática e o sentido comunitário do trabalho.

Referências

- BRASIL. Ministério da Saúde. **Decreto Nº 5.813, de 22 de junho de 2006**. Aprova a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 jun. 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5813.htm. Acesso em: 20 jul. 2025.
- INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE BRASÍLIA. **Resolução nº 23/2020**. Aprova o Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia – RIFB/IFB.
- LAMEIRA, Osmar A.; PINTO, José E.B.P. (Ed.). **Plantas medicinais: do cultivo, manipulação e uso à recomendação popular**. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2008.

REPRODUÇÕES DE EDIFICAÇÕES EM LAYOUTS DO AUTOCAD PARA CONSTRUÇÕES RURAIS NO IFB CAMPUS PLANALTINA

Autor(res): Weverton da Silva Arruda; Bárbara Tainara Ferreira Pires.

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília – Campus Planaltina.

Contato principal: weverton9959@gmail.com

INTRODUÇÃO

Construções rurais é uma parte da Engenharia Rural de grande importância em qualquer tipo de planejamento para fomento de atividades agropecuárias, seja na produção vegetal ou na criação de animais, essas edificações estão presentes em praticamente todas as fases da atividade agrícola, oferecendo suporte físico e operacional para o aumento da eficiência produtiva. O campo de atuação das construções rurais é amplo e diversificado, contemplando desde instalações para animais até estruturas destinadas ao armazenamento e beneficiamento de produtos agrícolas, aproveitamento de subprodutos, processos de industrialização e acesso ao mercado. Dessa forma, tais construções contribuem diretamente para a racionalização da produção e para a maximização da produtividade no meio rural (NOVAIS, 2014).

Devido às suas características específicas, o planejamento e a execução de instalações rurais demandam conhecimentos técnicos integrados às áreas agrônoma e zootécnica. Quando aliados a princípios de simplicidade, economia e funcionalidade, esses conhecimentos garantem o adequado funcionamento das edificações dentro dos padrões técnicos desejáveis. As instalações rurais podem ser classificadas em dois grandes grupos. O primeiro inclui aquelas voltadas para atividades agrícolas, como galpões de armazenamento e beneficiamento, edificações para produtos químicos (agrotóxicos e adjuvantes), viveiros e estufas. O segundo grupo é formado pelas instalações zootécnicas, destinadas à produção animal. Na escolha do tipo de instalação, o produtor deve considerar fatores econômicos, técnicos e sua preferência por determinado sistema de produção, de modo a alinhar a infraestrutura às necessidades específicas de sua atividade agropecuária (NOVAIS, 2014).

O AutoCAD, desenvolvido pela Autodesk em 1982, é um software de CAD (Desenho Assistido por Computador) amplamente utilizado para a criação de projetos técnicos e desenhos detalhados em 2D e 3D, combinando precisão, rapidez e eficiência. Reconhecido por sua versatilidade, é empregado diariamente por profissionais de arquitetura, engenharia e design, em empresas de diferentes portes, desde pequenas startups até grandes corporações. Com uma interface intuitiva e recursos avançados, o AutoCAD facilita tarefas complexas, permitindo a elaboração de linhas, formas e objetos, o uso de anotações inteligentes e dimensionamento preciso, além de oferecer visualização realista dos projetos e suporte à impressão. Dessa forma, ele se configura não apenas como uma ferramenta de desenho, mas como um ambiente completo para criação, edição e gerenciamento de projetos técnicos detalhados (EBAC, 2023).

O objetivo do presente trabalho é evidenciar e reforçar como o conhecimento e aprendizado da utilização de novas tecnologias, como o software AutoCAD, é fundamental para a construção da formação profissional de estudantes do curso de agronomia.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da reprodução, em ambiente digital, de duas edificações do Instituto Federal de Brasília Campus Planaltina, a primeira destinada à UEP da ovinocultura (Figura 1) e a outra destinada à UEP da jardinocultura (Figura 2). Inicialmente, realizou-se o levantamento métrico das construções por meio de medições diretas utilizando uma trena, de modo a obter as dimensões reais de todos os compartimentos, aberturas e elementos estruturais do edifício. Paralelamente, registros fotográficos foram realizados para complementar as informações coletadas em campo, possibilitando maior precisão na identificação de detalhes construtivos e arquitetônicos. Com base nos dados obtidos, procedeu-se à etapa de modelagem no software AutoCAD, no qual foram elaborados os desenhos técnicos da planta baixa, fachadas e cobertura da instalação. No ambiente CAD, as medidas levantadas foram inseridas de forma sistemática, respeitando as proporções e escalas definidas para representação gráfica, assegurando a padronização necessária para fins acadêmicos e técnicos. Foram utilizadas ferramentas do software para a criação de linhas, formas, anotações e cotas, além da organização em camadas (layers), permitindo diferenciar os diversos elementos do projeto, como paredes, aberturas, cobertura e elementos de apoio.

A finalização do layout incluiu a inserção de *viewports* para adequar cada desenho às escalas específicas, bem como a disposição das pranchas em formato padronizado para visualização clara e objetiva do projeto. Essa metodologia possibilitou a reprodução fidedigna da estrutura existente, transformando dados coletados em campo em representações gráficas precisas, que podem ser utilizadas tanto para fins acadêmicos quanto para análises técnicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O layout apresentado no projeto (Figura 1) refere-se à construção de um espaço destinado à ovinocultura do IFB Campus Planaltina, com foco em áreas funcionais para o manejo do rebanho e atividades relacionadas à manutenção do local. A planta baixa, em escala 1:160, evi-

dência as divisões internas do ambiente, como a área de apoio, as baias para os animais (com destaque para as dimensões de cada uma) e a rampa de acesso, fundamental para a movimentação dos animais. A distribuição espacial sugere uma organização eficiente, facilitando o trabalho diário e o cuidado com os animais. Além disso, as fachadas laterais e frontal (escala 1:130 e 1:120, respectivamente) mostram a estrutura e os acabamentos externos, com destaque para a cobertura e o sistema de ventilação. O design busca otimizar o espaço disponível, respeitando as necessidades de ventilação e iluminação, fundamentais para o bem-estar dos animais. A proposta de layout também considera as condições de acessibilidade e a funcionalidade do espaço, oferecendo uma solução prática para os desafios cotidianos da ovinocultura.

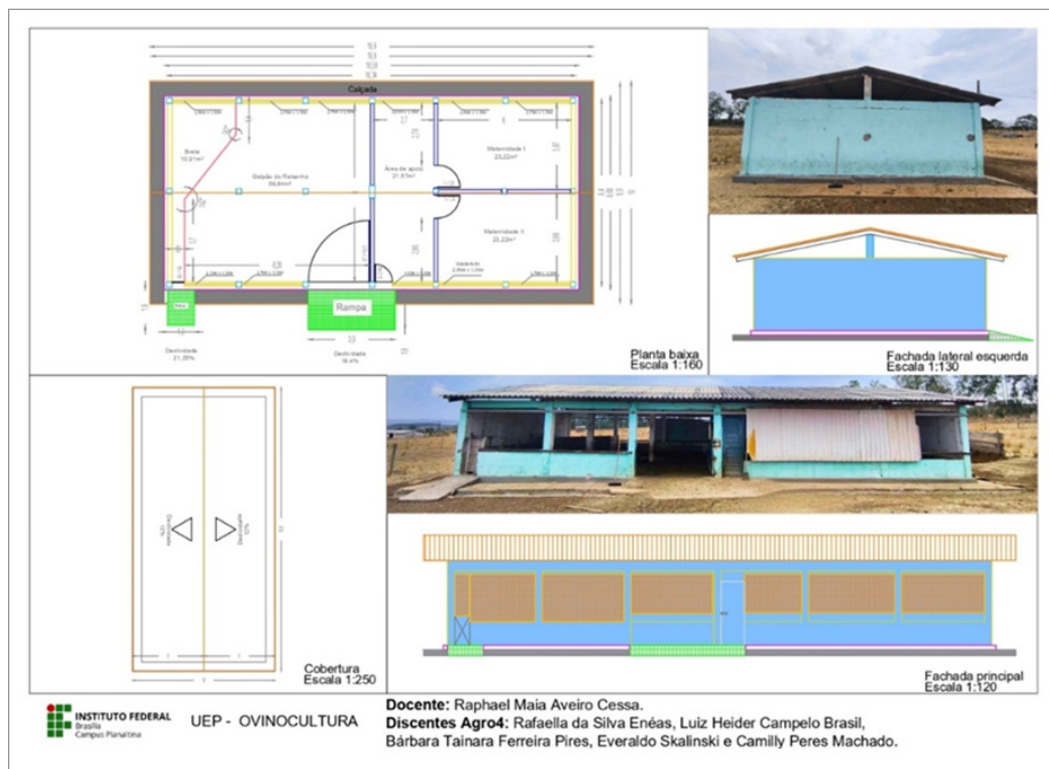


Figura 1 – Layout elaborado por grupo de estudantes do curso de agronomia durante as aulas de construções rurais, reprodução do edifício da UEP da ovinocultura, no IFB Campus Planaltina.

O layout apresentado no projeto (Figura 2) refere-se à construção da UEP de Jardinocultura do IFB Campus Planatina, desenvolvido a partir de visitas técnicas e medições realizadas pelos estudantes com o uso de trena, assegurando precisão nas dimensões representadas. O desenho foi elaborado no software AutoCAD, aplicando os conhecimentos da disciplina de Construções Rurais e possibilitando a reprodução fiel da estrutura. A planta baixa, em escala 1:100, evidencia a organização espacial dos ambientes, incluindo sala de aula, sala de ferramentas, sala de apoio, banheiros feminino e masculino, favorecendo a funcionalidade, ventilação e circulação. A cobertura, em escala 1:120, foi representada com telhado de duas águas e inclinação de 20%, enquanto as fachadas principal e lateral, em escala 1:100, foram elaboradas a partir de observações e registros fotográficos. O exercício prático contribuiu para o aprimoramento das habilidades dos estudantes em desenho arquitetônico, leitura de plantas e planejamento de espaços acadêmicos voltados ao ensino, pesquisa e extensão.

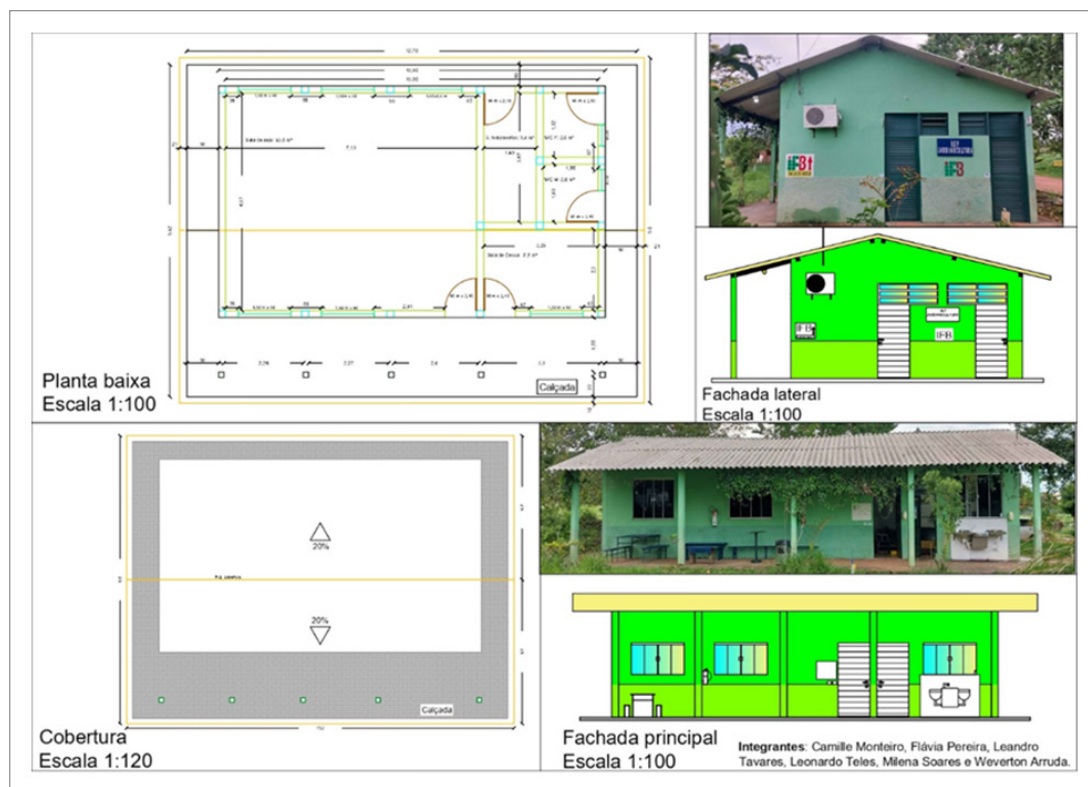


Figura 2 – Layout elaborado por grupo de estudantes do curso de agronomia durante as aulas de construções rurais, reprodução do edifício da UEP da jardinocultura, no IFB – Campus Planaltina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o domínio de novas tecnologias, como o AutoCAD, representa um elemento essencial na formação acadêmica de estudantes das áreas de engenharia, arquitetura e design, ao proporcionar competências técnicas avançadas e alinhamento com as demandas do mercado profissional. O aprendizado e a aplicação dessas ferramentas permitem o desenvolvimento de projetos precisos, a gestão eficiente de informações técnicas e a integração entre teoria e prática, favorecendo a capacidade de análise crítica, criatividade e solução de problemas complexos. Dessa forma, a incorporação de softwares de desenho assistido por computador no processo educativo não apenas enriquece a experiência formativa, mas também contribui para a preparação de profissionais mais qualificados, aptos a inovar e a atuar com eficiência em suas áreas de atuação.

Referências

EBAC. **O que é AutoCAD e por que é importante?** 2023. Escola britânica de artes criativas e tecnologia.

NOVAIS, Dirlane. **2014.2 Instalações Rurais**. [S.I.]: Biblioteca Agptea, 2014. 25 p.

DESENVOLVIMENTO DE MAPAS NDVI NO IFB - CAMPUS PLANALTINA

Autor(res): Weverton da Silva Arruda; Bárbara Tainara Ferreira Pires.

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília – Campus Planaltina.

Contato principal: weverton9959@gmail.com

INTRODUÇÃO

O avanço das tecnologias digitais tem impulsionado o desenvolvimento e a aplicação de softwares de geoprocessamento em diversas áreas do conhecimento, entre elas, a agronomia e a arquitetura. Nesse contexto, o QGIS destaca-se como uma das principais ferramentas utilizadas atualmente por estudantes e profissionais, sendo considerado o software de geoprocessamento mais baixado e empregado no Brasil (UNIDERP, 2020).

O QGIS é um Sistema de Informação Geográfica (SIG) de natureza livre e aberta, que oferece suporte à visualização, edição e análise de dados geoespaciais (MARQUES, 2021), desenvolvido sob a coordenação da *Open Source Geospatial Foundation* (OSGeo). Por ser um projeto de código aberto, encontra-se licenciado pela Licença Pública Geral GNU, o que garante liberdade de acesso, modificação e distribuição do software, favorecendo sua ampla difusão e constante aprimoramento por uma comunidade colaborativa global (UNIDERP, 2020).

Um dos principais diferenciais do QGIS é sua ampla compatibilidade, funcionando em múltiplos sistemas operacionais, tanto em versões desktop quanto mobile, como Linux, Unix, Mac OSX, Windows e Android (MARQUES, 2021). Além disso, sua arquitetura foi projetada para suportar diversos formatos de dados geoespaciais, abrangendo vetores, rasters, bancos de dados e funcionalidades adicionais, o que o torna uma plataforma versátil e adaptável a diferentes necessidades de análise espacial (UNIDERP, 2020).

O QGIS permite a visualização, gestão, edição, análise de dados e criação de mapas para impressão, sua interface é amigável ao usuário e os comandos são de fácil aprendizado. Com

ferramentas gráficas excelentes, o QGIS permite criar, redimensionar, remodelar, medir e unir diversas camadas a fim de entregar um trabalho de alta qualidade, suas funcionalidades incluem: criação de geometrias, buffer (cria uma zona em torno de um recurso em unidades de distância ou tempo), sobreposição (sobre põe dois ou mais mapas ou camadas), georreferenciamento, selecionar feições de acordo com suas propriedades, recorte, geocodificação (cria pontos em um mapa a partir de endereços organizados em uma planilha) e análise de rede (calcula a distância percorrida até um elemento percorrido em uma rede em vez de em linha reta) (MARQUES, 2021). O objetivo do presente trabalho é evidenciar e reforçar como o conhecimento e aprendizado da utilização de novas tecnologias, como o software QGIS, é fundamental para a construção da formação profissional de estudantes do curso de agronomia.

METODOLOGIA

A elaboração do mapa foi realizada por meio do software QGIS 3.x, utilizando imagens do satélite Sentinel-2 disponibilizadas gratuitamente pela plataforma Copernicus Open Access Hub (Copernicus Browser).

Inicialmente, foram acessadas as imagens de satélite correspondentes às áreas de interesses, abrangendo os municípios de Cabeceiras de Goiás e Formosa (GO), na data de 17 de julho de 2024 (Figura 1) e região do Núcleo Rural Taquara (DF), na data de 05 de setembro de 2024 (Figura 2). O recorte temporal foi definido com o objetivo de minimizar a presença de nuvens e obter representatividade da cobertura do solo no período de inverno. Após a escolha da cena com menor interferência atmosférica, realizou-se o download das bandas espectrais necessárias: bandas de resolução espacial de 10 m (B2 – azul, B3 – verde, B4 – vermelho e B8 – infravermelho próximo), em formato SAFE.

No QGIS, as bandas foram carregadas e organizadas em composições específicas, para a imagem em cores verdadeiras (RGB), foi utilizada a combinação B4 (vermelho), B3 (verde) e B2 (azul), permitindo a visualização realista das feições terrestres. Em seguida, aplicou-se o Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI), calculado por meio da expressão raster $(B8 - B4) / (B8 + B4)$, onde valores próximos de 1 representam vegetação densa e vigorosa, enquanto valores negativos ou próximos de zero indicam solo exposto, áreas urbanizadas ou corpos d'água.

Posteriormente, os resultados foram representados em duas composições distintas: a primeira em RGB de cores verdadeiras, e a segunda com o NDVI, no qual foi aplicada uma rampa de cores variando do vermelho (baixa ou ausência de vegetação) ao verde (alta densidade de vegetação). Para padronização, foram adicionados elementos cartográficos essenciais, como barra de escala, legenda, seta de orientação (Norte), título, logotipo institucional e informações de autoria e data de elaboração. Todo o processo de layout foi finalizado no Compositor de Impressão do QGIS, resultando nas versões finais dos mapas apresentados. Essa metodologia permitiu a identificação e diferenciação das áreas agrícolas e de vegetação natural, fornecendo subsídios para análises ambientais e de uso e ocupação do solo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O mapa apresentado na Figura 1 demonstra, por meio de imagens de satélite Sentinel-2 datadas de 17/07/2024, a distribuição espacial das áreas de vegetação e áreas agrícolas nas localidades das cidades de Cabeceiras do Goiás e Formosa. A imagem em RGB de cores verdadeiras evidencia a diversidade de usos do solo, permitindo a distinção visual entre áreas naturais e áreas cultivadas. Já a imagem de NDVI reforça essa análise, destacando a densidade da vegetação: valores mais altos de NDVI, representados em verde mais intenso, correspondem a vegetação mais vigorosa, enquanto valores mais baixos, em tons amarelados e avermelhados, indicam solos expostos ou áreas com vegetação escassa. Observa-se uma concentração de áreas agrícolas distribuídas predominantemente ao redor de corpos d'água e regiões de relevo mais suave, sugerindo a influência da topografia e da disponibilidade hídrica na ocupação do solo. Estes resultados permitem inferir padrões de uso do solo e avaliar a saúde da vegetação, sendo informações fundamentais para o planejamento territorial e práticas de manejo sustentável.

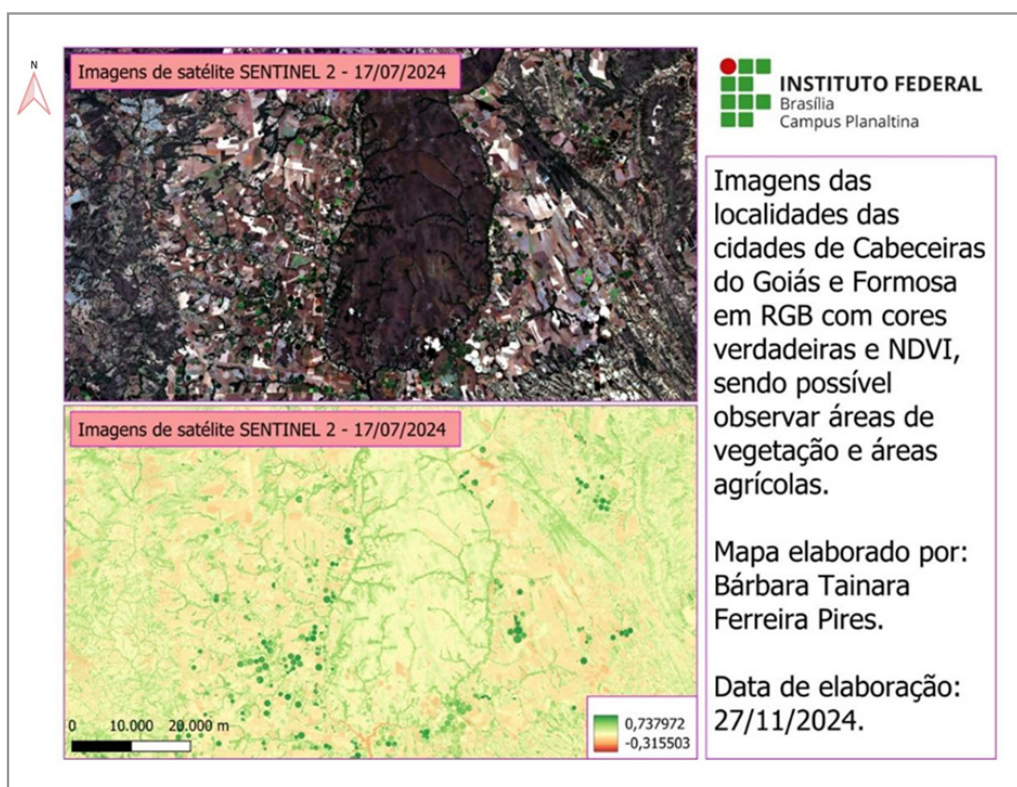


Figura 1 – Mapa elaborado pela estudante de agronomia Bárbara Tainara Ferreira Pires durante as aulas de sensoriamento remoto no IFB – Campus Planaltina.

O mapa apresentado na Figura 2 demonstra, as composições de imagens do satélite Sentinel-2, datadas de 05 de setembro de 2024, referentes ao Núcleo Rural Taquara (grandes produtores de horticultura), localizado no Distrito Federal. Na imagem em RGB (cor verdadeira), é possível observar diferentes usos e coberturas do solo, destacando-se áreas agrícolas, vegetação nativa e solos expostos. Já na composição em NDVI, nota-se uma variação nos índices de vegetação, onde os tons verdes indicam alta atividade fotossintética e vegetação mais densa, enquanto os tons alaranjados e avermelhados representam baixa cobertura vegetal, áreas em

preparo agrícola ou solos descobertos. Essa diferenciação evidencia o padrão de uso intensivo do solo característico da região, marcada por práticas agrícolas mecanizadas e presença de pivôs centrais. Assim, o NDVI se mostra uma ferramenta eficaz para identificar e monitorar o vigor vegetativo e o estado de conservação das áreas agrícolas e naturais, auxiliando no planejamento territorial e na análise da dinâmica da paisagem local.

Composições de imagens do satélite Sentinel-2, Imagem RGB (cor verdadeira) e NDVI do Núcleo Rural Taquara no Distrito Federal.



Figura 2 – Mapa elaborado pelo estudante de agronomia Weverton da Silva Arruda durante as aulas de sensoriamento remoto no IFB – Campus Planaltina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o aprendizado e a aplicação de tecnologias como o QGIS são essenciais para a formação de estudantes de agronomia, pois ampliam a capacidade de análise espacial, fortalecem a prática da Agricultura de Precisão e contribuem para o uso sustentável dos recursos naturais. Dessa forma, o domínio de ferramentas livres e acessíveis consolida-se como um diferencial acadêmico e profissional, promovendo avanços no setor agropecuário.

Referências

- UNIDERP, Blog. **Tudo sobre o QGIS:** que é e como funciona. que é e como funciona. 2020. Uniderp. Disponível em: <https://blog.uniderp.com.br/qgis-como-funciona/#:~:text=O%20QGIS%20C3%A9%20um%20Sistema,a%20Licen%C3%A7a%20P%C3%ABlica%20Geral%20GNU..> Acesso em: 23 set. 2025.
- MARQUES, Leonardo. **QGIS:** o que é, o que faz e para que serve?. O que é, o que faz e para que serve?. 2021. Clube do GIS. Disponível em: <https://clubedogis.com.br/qgis-o-que-e-o-que-faz-e-para-que-serve/>. Acesso em: 23 set. 2025.

PRODUÇÃO DE BIOINSUMOS POR ESTUDANTES DO CAMPUS PLANALTINA DO INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA

Autor(es): *Maria Dalva Trivellato (Docente); Maria de Lourdes de Almeida Oliveira, (Estudante); Wellington Fernandes da Nóbrega (Estudante); Maria Lilly Tassman Serpa (Estudante); Michael de Souza Amorim (Estudante); Manoel Alves da Silva (Estudante); Laisa de Lima Batista (Estudante).*

Instituição: *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, IFB Campus Planaltina, Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia.*

Contatos: *dalva.trivellato@ifb.edu.br; maria.oliveira27@estudante.ifb.edu.br; wellington.nobrega@estudante.ifb.edu.br.*

Resumo: *Desenvolver a produção de bioinsumos no Campus Planaltina do IFB, por meio de atividades práticas no Laboratório de Práticas Agroecológicas (LAPA), foi o objetivo central desta experiência. Estudantes do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia participaram semanalmente da elaboração de biofertilizantes, utilizando recursos locais e técnicas agroecológicas. A produção de bioinsumos visa a autonomia produtiva, fortalecimento da saúde do solo e a redução de custos de produção. A experiência contribuiu para a formação técnica dos estudantes e para o fortalecimento da agroecologia como prática produtiva exitosa.*

Palavras-chave: *agroecologia; microbiologia do solo; autonomia da família rural; soberania alimentar.*

INTRODUÇÃO

A experiência deste relato foi desenvolvida no campus Planaltina do IFB, no Laboratório de Práticas Agroecológicas (LAPA) durante aulas do Eixo Integrador do CSTA, no qual estudantes dedicam um período por semana para aprender e elaborar formulações de bioinsumos.

Os bioinsumos representam uma ferramenta importante para autonomia da família rural, sobretudo quando são produzidos dentro da propriedade e utilizando recursos disponíveis localmente, reduzindo a dependência de insumos externos e os custos de produção. Além disso, o uso de bioinsumos favorece o desempenho produtivo, melhora a saúde do solo e aumenta a resistência das plantas, contribuindo para a soberania e segurança alimentar e diminuindo os impactos ambientais.

O Decreto nº 10.375, de 26 de maio de 2020, que institui o Programa Nacional de Bioinsumos, define bioinsumo como:

“produto, processo ou tecnologia de origem vegetal, animal ou microbiana, utilizados na produção, armazenamento e beneficiamento de produtos agropecuários, nos sistemas de produção aquáticos ou de florestas plantadas, que interfiram positivamente no crescimento, desenvolvimento e mecanismo de resposta de animais, plantas, microrganismos e de substâncias derivadas e que interajam com os produtos e os processos físico-químicos e biológicos” (Brasi, 2020).

A produção agroecológica tem como base o cuidado com o solo, pois a fertilidade do solo e a nutrição das plantas, se fundamentam em processos mediados por microrganismos, que retiram seus alimentos da matéria orgânica e reduzem os restos vegetais e animais a compostos de menor tamanho: nutrientes, hormônios, vitaminas, para alimentar a comunidade microbiana, os animais e as plantas e contribuir para o aumento da resistência das plantas (Andrade, 2020).

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia conta com Laboratório de Práticas Agroecológicas - LAPA, e uma unidade de produção de bioinsumos para elaboração de biofertilizantes líquidos e para armazenamento de materiais, recipientes e equipamentos.

O primeiro passo na produção agroecológica é a coleta de microrganismos da mata nativa da localidade e sua multiplicação para inocular os demais bioinsumos, e assim, reintroduzir essa vida microbiana no solo. No LAPA são elaboradas formulações de microrganismos nativos em meio sólido (GARRO, 2016) em meio líquido (ANDRADE, 2020) e a coleta e multiplicação de micorrizas, que proporcionam às plantas uma extensão das raízes, que solubilizam e tornam disponíveis nutrientes, como o fósforo, que absorvem água e nutrientes da solução do solo.

O biochar (ou biocarvão) é empregado em várias formulações, pois favorece a vida microbiana, que passa a habitar nos microporos do carvão, que proporcionam um espaço com a umidade adequada para a vida microbiana e para as plantas. Foram construídos equipamentos caseiros, a partir de adaptações em tambores metálicos (Pinheiro, 2018). Ajustes no sistema de entrada de ar no tambor, no tempo de pirólise e no tamanho dos pedaços de madeira foram desenvolvidos por estudantes para produzir material de qualidade. Os fosfitos, que também são utilizados em formulações de biofertilizantes, são obtidos pela calcinação de ossos, em equipamento adaptado.

O composto orgânico é o bioinsumo sólido base para a produção em sistemas agroecológicos. Sua formulação é bastante versátil para aproveitar toda a matéria orgânica disponível no sistema produtivo. O bokashi é outro biofertilizante sólido para enriquecer o solo com microrganismos, minerais proporcionados pelos pós de rocha, pó de ossos, farelos e biochar para abrigar os microrganismos e garantir sua permanência no solo. Os biofertilizantes líqui-

dos complementam a nutrição vegetal, além de prevenir a multiplicação de organismos patogênicos e a alimentação de insetos herbívoros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho no projeto permitiu identificar parâmetros de qualidade dos processos fermentativos, com base em atributos sensoriais e físicos, como aroma, temperatura e umidade. Usualmente se percebem aromas adocicados, com notas características de fermentação alcoólica, semelhantes às de cerveja ou pão. Importante ressaltar que o perfil olfativo típico dos bioinsumos, em geral, é agradável, sem apresentar odor pútrido, o que indicaria contaminação ou degradação inadequada.

BIOINSUMO	FORMA DE USO	DOSE	TEMPO ELABORAÇÃO	INGREDIENTES
Microrganismos Nativos (E.M. líquido)	Ao solo Foliar	Até 5% 0,1 a 1%	15 dias	Arroz ou batata-doce, melão e água
Microrganismos Nativos (E. M. sólido)	Ao solo Foliar	5 a 10% 1 a 5%	15 dias	Serrapilheira, farelo de arroz ou similar, melão e água
Micorrizas	Ao solo Nas sementes	Uma pitada Uma pitada	3 a 4 meses	Serapilheira com um pouco de raízes finas, areia, sementes de milho ou capins e água
Bokashi (em sacos plásticos)	Ao solo	2kg/m ²	15 dias	Esterco fresco (seco), farelo de arroz ou similar, melão, EM e água
Bokasli (em leira) - Dalva/JICA	Ao solo	2kg/m ²		Esterco fresco (seco), casca de arroz, farelo de arroz, carvão moído, terra da mata, melão, EM e água
Bokasli (em leira) - Sebastião Pinheiro	Ao solo	2kg/m ²	15 dias	Esterco fresco (úmido), capim picado, farelo de arroz, carvão moído, terra da mata, melão, EM e água.

BIOINSUMO	FORMA DE USO	DOSE	TEMPO ELABORAÇÃO	INGREDIENTES
Composto orgânico	Ao solo	2kg/m ²		Esterco (mais fresco é melhor), palhada, melaço, EM e água
Nitrogênio ecológico	Ao solo	5 a 10%	7 dias	Esterco, melaço, EM e água
Biochar (biocarvão) ativado	Ao solo		45 dias	Lenha até 10 cm diâmetro, bokashi
Fosfito	Ao solo Foliar	500mL/20L 250mL/20L	1 mês	Ossos carbonizados e moídos, melaço
Biofertilizante líquido EPAGRI (com aerador)	Ao solo Foliar	5 a 10% 2 a 4%	15 dias	Esterco, semolina de arroz, melaço, biochar, pó de rocha, farinha de ossos, leite ou soro, polvilho azedo
TMT - Celso Tomita	Ao solo Foliar	5 a 10% 2%	3 a 7 dias	Composto ou bokashi, serrapilheira, húmus, terra de bambuzal, farinhas de origem vegetal e animal, melaço, leite e água
Biofertilizantes líquido de ervas espontâneas	Ao solo	5 a 10%	15 dias	Ervas espontâneas e melaço
Biofertilizantes líquido de frutas doces	Ao solo	5 a 10%	15 dias	Frutas doces e melaço
Água de vidro	Foliar	1,25%	1 dia	Cinzas, cal viva e água
Água de vidro + Bo e fosfito - Jairo Restrepo	Foliar	1,25%	1 dia	Cinzas, cal viva, fosfito, Boro

BIOINSUMO	FORMA DE USO	DOSE	TEMPO ELABORAÇÃO	INGREDIENTES
Pasta de argila	Sobre partes podadas		1 dia	Argila para cerâmica, cinzas, homeopatia de calêndula (CH7)
Biofertilizante de soro de leite	Foliar	1,25%	15 a 30 dias	Soro de leite, melação, pó de rocha e água
Biofertilizante de esterco fresco	Ao solo	5%	30 dias	Esterco fresco, melação, pó de rocha e água

Conta-se com experiências de elaboração de 18 formulações de bioinsumos, conforme se visualiza na tabela 1, que indica os materiais empregados em cada formulação, todos acessíveis, de baixo custo e sem substâncias tóxicas que colocam em risco a saúde das pessoas que os manejam e utilizam. Os métodos de elaboração são simples, mas requerem cuidado, atenção e controle dos processos. O projeto tem proporcionado impacto positivo na formação dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto tem proporcionado impacto positivo na formação dos estudantes. A experiência consolida-se como prática formativa e transformadora, demonstrando viabilidade técnica e econômica da produção de bioinsumos em ambiente educativo e no meio rural. De fácil aplicação e altamente replicável, é possível estender a metodologia a outros campi e comunidades rurais. Possui alto potencial de continuidade e aperfeiçoamento com base nos aprendizados obtidos.

Referências

- ANDRADE, Fernanda. M. C. Caderno dos microrganismos eficientes (E.M.): instruções práticas sobre uso ecológico e social do EM. 3. ed. Viçosa - MG: UFV, IPPDS, 2020.
- BRASIL. Decreto nº 10.375, de 26 de maio de 2020. Institui o Programa Nacional de Bioinsumos e o Conselho Estratégico do Programa Nacional de Bioinsumos. Diário Oficial da União, Brasília, seção 1, p. 105, 27 maio 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/d10375.htm#:~:text=DECRETA%3A,para%20beneficiar%20o%20setor%20agropecu%C3%A1rio. Acesso em: 18 set. 2025.
- GARRO, Jorge E. El suelo y los abonos orgánicos. Instituto Nacional de Innovación y Transferencia en Tecnología Agropecuaria -- San José, C.R.: INTA, 2016. 106 p. ISBN 978-9968-586-26-9
- PINHEIRO, Sebastião. Agroecologia 7.0: Bombeiro agroecológico (farinhas de rochas, biofertilizantes, biochar, agrohmeopatia e sideróforos). Atualizada comemorativa. [S.l.]: Juquira Candiru Satyagraha, 2018.

MINICURSO: PRÁTICA DE DERIVADOS LACTEOS

Resumo: *O projeto de pesquisa e extensão realizado, foi uma aula prática de produção de derivados lácteos para estudantes de Medicina Veterinária, estudantes de agronomia e graduados: valorização do papel do médico-veterinário na indústria teve como objetivo proporcionar aos inscritos no minicurso prático, acadêmicos vivência direta dos processos de transformação do leite em produtos industrializados, reforçando sua importância profissional no setor de laticínios. Compreender as etapas do processamento de leite e derivados, desenvolver habilidades práticas na produção de derivados lácteos como queijos, manteigas, doces entre outros. Aplicar os princípios e integrar entre conhecimentos teóricos de higiene, qualidade do leite e legislação sanitária e sua aplicação prática em indústrias. Além de reconhecer a importância do médico veterinário na cadeia produtiva dos lácteos. Como resultado, os participantes puderam compreender a influência da qualidade da matéria-prima e dos parâmetros tecnológicos nas características sensoriais e no rendimento dos produtos, além de discutir a padronização e os requisitos legais da produção industrial.*

Palavras-chave: *Derivados lácteos; Ensino prático; Qualidade do leite; Boas práticas de fabricação; Medicina veterinária industrial.*

INTRODUÇÃO

O leite é um dos alimentos mais completos, fornecendo proteínas, gorduras, vitaminas e minerais essenciais. Além de seu valor nutricional, constitui a matéria-prima básica para uma ampla variedade de derivados, como queijos, manteiga e ricota. A qualidade desses produtos

depende diretamente da qualidade do leite cru e do rigor higiênico-sanitário durante o processamento.

O médico-veterinário, tradicionalmente associado à saúde animal, desempenha papel estratégico dentro das indústrias de laticínios, atuando no controle da matéria-prima, na implantação de Boas Práticas de Fabricação (BPF), Análise de Perigos e Pontos Fonte: Instagram @lis-qpoa.

Críticos de Controle (APPCC), atendimento às normas do RIISPOA (Decreto n.º 9.013/2017), desenvolvimento de novos produtos e defesa agropecuária. Diante disso, a realização de atividades práticas com estudantes visa integrar teoria e prática, ressaltando a importância desse profissional na cadeia produtiva do leite.

Inicialmente, houve um momento de exposição teórica e troca de experiências sobre composição e importância nutricional do leite, qualidade do leite cru (Contagem de Células Somáticas - CCS, Contagem Bacteriana Total - CBT e resíduos de antibióticos), Boas Práticas de Fabricação, Análise de Perigos e Pontos Críticos de Controle - APPCC e normas do Regulamento da Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal - RIISPOA.

Os inscritos participaram de três estações: produção de queijo frescal, manteiga e ricota, executando etapas como pasteurização, coagulação, dessoragem, batimento do creme, formação dos grãos de manteiga, lavagem, salga e moldagem. 2. Descrição da Experiência

O minicurso de derivados lácteos, foi pela Liga acadêmica de Inspeção, qualidade e segurança dos produtos de origem animal – LISQPOA, realizado como parte do Integravet, o evento ocorreu em comemoração ao Dia do Médico veterinário (09/09/2025). O evento foi realizado pelo centro acadêmico do curso de medicina veterinária da Universidade Católica de Brasília.

Foi realizada no laboratório gastronomia, com duração de três horas, com uma médica veterinária ministrando um curso prático de produção de derivados lácteos desenvolvido para os estudantes dos cursos de Medicina Veterinária e Agronomia, e profissionais já graduados.



Figura 1 – Introdução das atividades. (Fonte: arquivo próprio)

A atividade iniciou com houve um momento de conversa e troca de experiências, no qual foram apresentados conceitos teóricos sobre composição e importância nutricional do leite, qualidade do leite cru (Contagem de células somáticas - CCS, Contagem bacteriana total - CBT, resíduos de antibióticos), relevância do controle higiênico-sanitário e papel do médico-veterinário na indústria. Essa interação favoreceu o esclarecimento de dúvidas e o compartilhamento de vivências entre estudantes e professores.

Foram divididos em três grupos e percorreram três estações de produção de derivados lácteos, Todos os grupos produziram queijo minas frescal, e apenas dois produziram manteiga e ricota. Seguindo esse passo a passo:

Estação 1 – Produção de Queijo Frescal: pasteurização lenta do leite; adição de coalho; corte da coalhada, dessoragem e enformagem; degustação comparativa com produto industrial. Estação 2 – Produção de Manteiga: batimento do creme de leite fresco obtida por centrifugação; formação dos grãos de manteiga; lavagem, salga e moldagem; avaliação sensorial. Figura 4: produção de manteiga



Figura 2 – queijo minas frescal (Fonte: arquivo próprio)



Figura 3 – Produção de manteiga. (Fonte: arquivo próprio)

Estação 3 – Produção de Ricota: aquecimento do soro (85–95 °C); adição de ácido para coagulação; coleta e dessoragem dos flocos proteicos; resfriamento, salga e enformagem; avaliação sensorial comparativa com ricota industrial. Além da parte prática, houve um momento de conversa e troca de experiências, no qual foram apresentados conceitos teóricos Fonte: arquivo próprio e sobre composição e nutricional do leite, qualidade do leite cru (CCS, CBT, resíduos de antibióticos), relevância do controle higiênico-sanitário e papel do médico-veterinário na indústria. Essa interação favoreceu o esclarecimento de dúvidas e o compartilhamento de vivências entre estudantes e professores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudantes puderam observar, de forma prática, a influência da qualidade do leite e dos parâmetros de processamento na textura, sabor e rendimento dos produtos obtidos. A comparação sensorial entre produtos artesanais e industrializados permitiu discutir questões como padronização, vida útil e requisitos legais.



Figura 4 – Análise da qualidade dos pratos produzidos. (Fonte: arquivo próprio)

O momento teórico e de troca de experiências ampliou a compreensão dos participantes sobre a cadeia produtiva do leite, destacando que a produção de derivados lácteos não se restringe a aspectos culinários, mas envolve ciência, tecnologia e responsabilidade sanitária. Ficou clara a importância do médico-veterinário na garantia da qualidade da matéria-prima, implantação de sistemas de segurança alimentar (BPF e APPCC), cumprimento do RIISPOA e desenvolvimento de novos produtos, integrando bem-estar animal, segurança do consumidor e sustentabilidade da cadeia produtiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aula prática de produção de derivados lácteos, aliada ao momento de exposição teórica e troca de experiências, proporcionou aos estudantes de Medicina Veterinária, uma simulação da vivência direta dos processos tecnológicos e reflexão crítica sobre o papel do profissional na indústria. Atividades dessa natureza contribuem para formação mais completa, integrando conceitos de qualidade, segurança alimentar e inovação. Ao final foi realizada uma comparação entre os produtos artesanais dos produzidos industrializados. Outro ponto foi uma breve reflexão dos desafios nas indústrias como padronização, controle de contaminantes, legislação e competitividade no mercado.

A experiência impactou positivamente a formação dos alunos, fortalecendo sua visão crítica e destacando o papel estratégico do médico-veterinário na garantia da qualidade e segurança alimentar, desenvolvimento de novos produtos e proteção da saúde pública. Finalizamos a atividade com a degustação dos derivados produzidos, avaliando o sabor, aparência entre outros parâmetros, considerados para a produção artesanal.

Referências

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Regulamentos Técnicos de Identidade e Qualidade de Produtos de Origem Animal. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/defesa-agropecuaria/suasa/regulamentostecnicos-de-identidade-e-qualidade-de-produtos-de-origem-animal-1>.

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

PRÊMIO PAULO FREIRE 2025: MEMÓRIAS, EMOÇÕES E IMPACTOS NA TRAJETÓRIA DE UMA LICENCIANDA

Autor(es): *Thainara Chirle Coimbra de Sales; Valéria Pereira Soares, (Professora Supervisora).*

Instituição: *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília – Campus Planaltina.*

Contato: *thainara7335@estudante.ifb.edu.br; soares-valeria@hotmail.com*

Resumo: *Este relato apresenta a experiência de uma licencianda contemplada com o Prêmio Paulo Freire (2025), que objetiva reconhecer o mérito das ações educacionais desenvolvidas no âmbito do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) de todas as regiões do Brasil, concedido pelo X Encontro Nacional das Licenciaturas (ENALIC). O objetivo é compartilhar os significados, impactos e aprendizados dessa premiação, ressaltando a valorização do protagonismo de estudantes com deficiência, a visibilidade da prática pedagógica e o fortalecimento da trajetória docente. A premiação reconheceu o trabalho Heróis do Planeta: Juntos pela Natureza e Inclusão - uma prática pedagógica libertadora inspirada em Paulo Freire, selecionado para representar a Região Centro-Oeste entre mais de 150 propostas submetidas em todo o país. A experiência envolveu a produção de histórias em quadrinhos (HQs) desenvolvidas como narrativas visuais na realização de atividades de horticultura, reciclagem e ações sensoriais, oficinas de educação ambiental e atividades inclusivas, promovendo diálogo, cooperação e participação ativa. Observou-se engajamento, autoestima e participação ativa dos estudantes durante as atividades propostas observadas nos registros visuais, além de reforçar a importância da pedagogia freiriana na construção de práticas humanizadoras. Receber o prêmio simbolizou, ainda, a relevância do PIBID como política pública voltada à formação docente crítica, inclusiva e comprometida com a transformação social.*

Palavras-chave: *Prêmio Paulo Freire; Formação Docente; PIBID/IFB; Inclusão Escolar; Educação Ambiental.*

INTRODUÇÃO

O Prêmio Paulo Freire 2025 (Figura 1) representa um marco singular em minha trajetória como licencianda e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PI-BID). Concedido a apenas dez estudantes em todo o país, este reconhecimento transcende o âmbito pessoal tendo em vista minha atuação como professora em formação, simbolizando as experiências adquiridas no PIBID, pela valorização de práticas pedagógicas que fomentam a inclusão, despertam a consciência ambiental e fortalecem o protagonismo estudantil. Este relato busca compartilhar a experiência de receber a premiação, revelando não apenas a emoção e o reconhecimento, mas também os efeitos transformadores dessa conquista na minha formação docente, na visibilidade da prática pedagógica e na consolidação de políticas públicas educacionais, como o PIBID, que promovem educação de qualidade e equidade social.



Figura 1 – Momento da premiação do Prêmio Paulo Freire 2025, reconhecendo o trabalho “Heróis do Planeta: Juntos pela Natureza e Inclusão”. Fonte: ENALIC. - Prêmio Paulo Freire (2025).

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O trabalho proposto detalha uma prática pedagógica desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) em uma escola de Ensino Especial da rede pública de ensino do Distrito Federal. A escola parceira atende estudantes com deficiência e/ou Transtorno do Espectro Autista (TEA). As atividades propostas pelo PIBID são voltadas à Educação Ambiental e envolvem diversas ações, como horticultura, por meio do cultivo de frutas e hortaliças, produção de itens com materiais recicláveis, atividades sensoriais, entre outras.

A metodologia adotada utiliza Histórias em Quadrinhos (HQs) como recurso para promover a educação ambiental inclusiva. Alinhada aos princípios freirianos de uma educação problematizadora e libertadora, a abordagem fundamenta-se na pesquisa-ação (Thiollent (2009)), utilizando registros fotográficos das atividades realizadas no espaço de educação ambiental

para criar narrativas visuais (Eisner, 2025) desenvolvidas com auxílio de Inteligência Artificial, ChatGPT por meio de fotos reais dos estudantes, observadas suas expressões durante as atividades desenvolvidas. Essa estratégia valoriza o protagonismo dos estudantes, reconhecendo-os como sujeitos ativos do próprio processo de aprendizagem e capazes de ler o mundo em que vivem, superando a chamada cultura do silêncio e garantindo a autonomia dos estudantes (Freire, 1996).

Os resultados indicam que a produção das HQs, em ruptura com a educação bancária tradicional, pode contribuir para o fortalecimento da autoestima, da identidade e do senso de pertencimento dos alunos, além de facilitar a compreensão de conteúdos ambientais por meio de uma abordagem lúdica e acessível. Dessa forma, a integração das histórias em quadrinhos no contexto escolar se revela uma estratégia eficaz para fomentar a inclusão, estimular o engajamento estudantil e ampliar o acesso ao conhecimento ambiental, reforçando a importância de práticas pedagógicas que dialogam com as necessidades específicas dos alunos e os reconhecem como agentes capazes de transformar sua realidade e a sociedade.

Durante o desenvolvimento das atividades, percebi a importância do trabalho em equipe. A colaboração entre coordenador de área, supervisora e (Bolsistas de Iniciação à Docência) BIDs evidenciou como a integração entre escola, equipe de supervisão e discentes fortalece não apenas a qualidade das práticas pedagógicas, mas também o engajamento e a motivação de todos os envolvidos. Vivenciar essa cooperação me mostrou que o sucesso de uma prática educativa depende do esforço coletivo, do diálogo constante e do compromisso compartilhado com o protagonismo estudantil e a construção do conhecimento. Essa experiência reforçou meu entendimento de que a formação docente se enriquece quando se aprende junto, compartilha responsabilidades e celebra conquistas coletivas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência gerou impactos significativos em múltiplos níveis. O engajamento e o protagonismo dos estudantes foram fortalecidos aparecendo como protagonistas das narrativas visuais. O reconhecimento e a visibilidade do trabalho se destacaram, considerando que a premiação selecionou a prática entre mais de 150 propostas submetidas nacionalmente, garantindo representatividade à Região Centro-Oeste e ao Distrito Federal. Além disso, a experiência contribuiu para o fortalecimento da formação docente, evidenciando a relevância de práticas pedagógicas humanizadoras e inclusivas, inspiradas em Paulo Freire, na construção de uma educação crítica e transformadora. O reconhecimento institucional também revelou seu potencial motivador, fortalecendo a autoestima e a percepção de relevância dos futuros docentes e reafirmando o valor de políticas públicas como o PIBID na formação de professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser contemplada com o Prêmio Paulo Freire (2025) no X ENALIC representou, em minha trajetória como licencianda em Biologia e bolsista do PIBID, a confirmação da relevância de práticas pedagógicas inclusivas e inovadoras. A experiência mostrou que o uso de histórias em qua-

drinhos na educação ambiental fortalece o protagonismo, autoestima e pertencimento, dos estudantes colocando-os como agentes ativos no processo de aprendizagem.

A premiação ampliou a visibilidade da prática, destacou o papel do PIBID como política pública e reafirmou a necessidade de uma formação docente crítica, reflexiva e inclusiva para a construção de uma educação de qualidade e socialmente transformadora. Essa vivência foi decisiva para minha formação profissional, aprofundando meu olhar sobre educação ambiental, inclusão escolar e diferentes metodologias, e deixará um legado que continuará a orientar minha prática docente. Não se trata de um ponto final, mas de um marco que se projeta para novos horizontes, indicando que ainda há caminhos a percorrer e experiências a construir, preservando o compromisso com uma educação inclusiva e transformadora, capaz de abraçar e impactar o mundo.

Referências

EISNER, Will. **Narrativas Gráficas de Will Eisner**. Tradução Leandro Luigi Del Manto. São Paulo: Editora Devir, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

THIOLLENT, Michael. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

NEUROCIÊNCIA NA EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO PARA PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO E FAMÍLIAS

Autor: *Marcello Vieira Lasneaux.*

INTRODUÇÃO

O presente relato tem como objetivo apresentar a experiência desenvolvida em duas palestras sobre neurociência aplicadas à educação, direcionadas a públicos distintos: professores e equipe pedagógica, bem como pais e seus filhos. O tema central versou sobre os processos de desenvolvimento cerebral durante a infância e a adolescência, destacando as implicações para o aprendizado, a convivência escolar e o fortalecimento dos vínculos familiares.

A neurociência, enquanto campo interdisciplinar, tem contribuído de forma significativa para a educação ao explicar como estruturas e processos cerebrais influenciam a aprendizagem, a memória, as emoções e o comportamento. Ainda que não tenha como propósito criar metodologias pedagógicas, fornece fundamentos científicos que permitem aos educadores e responsáveis interpretar melhor os comportamentos e potencializar estratégias de ensino-aprendizagem.

Descrição da Experiência

A primeira atividade foi realizada com professores e equipe pedagógica, reunindo cerca de 120 profissionais. Durante a palestra, foram trabalhados conceitos fundamentais, como sinaptogênese, poda neural, maturação do córtex pré-frontal e o papel do sistema límbico no processamento emocional. Também se destacou a importância do eixo HPA (hipotálamo-pituitária-adrenal) e do núcleo accumbens, estruturas diretamente relacionadas ao estresse, à motivação e às respostas comportamentais.

Os educadores foram convidados a refletir sobre como a plasticidade cerebral se manifesta de maneira intensa na infância e na adolescência, ressaltando que o desenvolvimento não ocorre de forma linear, mas em etapas marcadas por momentos de maior sensibilidade. Exemplos práticos e situações cotidianas foram apresentados, relacionando a teoria neurocientífica com desafios presentes em sala de aula, tais como dificuldades de atenção, comportamentos impulsivos, regulação emocional e processos de aprendizagem mediados pelo afeto.

A segunda palestra, direcionada a pais e filhos, contou com a presença de aproximadamente 100 participantes. Nesse encontro, a linguagem foi adaptada para favorecer a compreensão das famílias, buscando traduzir conceitos científicos para situações práticas do convívio doméstico. Foram discutidos tópicos como a adolescência enquanto fase de intensa reorganização cerebral, os efeitos da dopamina em situações de novidade e validação social, e o impacto das relações familiares na construção da identidade e da autorregulação emocional.

As palestras foram apresentadas no primeiro semestre de 2025 no acolhimento de professores e de famílias, entre abril e maio. O local foi o auditório principal do Instituto Federal de Brasília, no Campus Brasília. Os convites foram feitos pela direção do Campus e pela Coordenação dos Cursos de Ensino Médio Integrado.

RESULTADOS

Os resultados obtidos com as palestras foram bastante significativos. Diversos comentários foram colhidos espontaneamente de muitas das pessoas presentes. Entre os profissionais da educação, foi notável o interesse em compreender mais profundamente a relação entre emoção e cognição, bem como o papel do afeto como mediador da aprendizagem. Muitos relataram que a atividade contribuiu para repensar práticas pedagógicas tradicionais, destacando a necessidade de metodologias ativas que promovam segurança emocional e respeitem o ritmo individual dos alunos.

Entre os pais e filhos, a experiência favoreceu o fortalecimento do diálogo intergeracional. Os pais foram estimulados a refletir sobre os comportamentos típicos da adolescência não como falhas de caráter, mas como expressões de um estágio de desenvolvimento cerebral em andamento. Essa mudança de perspectiva mostrou-se importante para reduzir conflitos e criar ambientes mais acolhedores. Já os adolescentes presentes puderam reconhecer que seus comportamentos e emoções fazem parte de um processo natural, o que lhes trouxe maior consciência de si e segurança.

Além disso, as palestras permitiram sensibilizar os participantes sobre os riscos do uso de práticas punitivas ou excessivamente repressivas. Foi enfatizado que o medo não ensina, mas pode gerar traumas, ansiedade e dificuldades de aprendizagem. O fortalecimento de vínculos afetivos e a construção de ambientes seguros e previsíveis foram destacados como condições essenciais para o pleno desenvolvimento infantil e juvenil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência descrita demonstra a relevância da aproximação entre neurociência, educação e práticas familiares. As palestras evidenciaram que o conhecimento científico pode ser traduzido em orientações práticas, capazes de impactar positivamente a sala de aula e o ambiente doméstico.

Um aspecto de grande importância foi a escuta atenta dos relatos dos participantes durante e após as atividades. Muitos professores compartilharam situações vividas em sala de aula nas quais os conhecimentos neurocientíficos poderiam ter auxiliado na interpretação de comportamentos antes vistos como meramente indisciplinados, mas que, à luz da neurociência, revelam imaturidade cerebral, dificuldades de autorregulação ou necessidade de maior acolhimento afetivo. Da mesma forma, pais e responsáveis relataram episódios de conflitos familiares em que a compreensão dos processos de desenvolvimento adolescente possibilitaria respostas mais equilibradas e menos punitivas.

A incorporação dessas percepções evidencia o potencial transformador da neurociência não apenas no plano teórico, mas também no cotidiano das relações. Ao reconhecer que crianças e adolescentes aprendem e se desenvolvem melhor em ambientes seguros, afetivos e emocionalmente regulados, amplia-se a possibilidade de transformar tanto o espaço escolar quanto o ambiente familiar.

No contexto escolar, os relatos dos educadores apontam para o fortalecimento das práticas pedagógicas baseadas em vínculo, segurança e metodologias ativas. Isso contribuiu para a construção de salas de aula mais inclusivas, com maior engajamento dos estudantes e menos conflitos disciplinares. Já no ambiente doméstico, os pais e mães apontaram que compreender os mecanismos cerebrais do desenvolvimento lhes permitiu repensar práticas educativas, substituindo castigos desproporcionais por estratégias de diálogo, negociação e apoio.

Conclui-se que a experiência foi altamente positiva, não apenas pela participação expressiva — 120 profissionais da educação e 100 participantes entre pais e filhos —, mas sobretudo pela potência transformadora dos relatos e reflexões que emergiram. A apropriação coletiva desse conhecimento demonstra que a neurociência, quando integrada às práticas educativas e familiares, pode contribuir de forma concreta para o fortalecimento das relações humanas, especialmente com adolescentes, favorecendo ambientes mais saudáveis, cooperativos e emocionalmente equilibrados.

QUESTIONÁRIO LÚDICO MEDIADO POR TECNOLOGIAS DIGITAIS NO ENSINO DE ANFÍBIOS EM UMA ESCOLA RURAL

Autor(res): *Maria Eduarda Galeno Nascimento; Débora Leite Silvano.*

Instituição: *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília.*

Contato: *maria.nascimento7@estudante.ifb.edu.br*

INTRODUÇÃO

A experiência foi desenvolvida no contexto da educação básica em uma escola rural do Distrito Federal, marcada por limitações estruturais e pela escassez de recursos didáticos. Nesse cenário, o ensino de Biologia apresenta desafios adicionais, sobretudo em temas como os anfíbios, que, embora desempenhem funções ecológicas essenciais — atuando como bioindicadores ambientais e controladores de insetos —, ainda são cercados por estigmas culturais e percepções negativas.

O ensino de Biologia, portanto, deve ir além da simples transmissão de conteúdos, exigindo metodologias inovadoras que aproximem o conhecimento científico da realidade cotidiana dos estudantes e promovam a conscientização ambiental (Costa; Venturi, 2021). Nesse contexto, a ordem Amphibia destaca-se por sua relevância científica e pelo preocupante cenário de conservação, visto que aproximadamente 40,7% de suas espécies encontram-se ameaçadas globalmente (Luedtke, 2023). Estudos sobre sua diversidade e distribuição revelam-se fundamentais para compreender as pressões ambientais que incidem sobre esses organismos e para fortalecer a educação em ecologia e biologia da conservação (Vaz-Silva et al., 2020).

Diante desse panorama, a presente experiência buscou analisar o potencial do ensino lúdico, mediado por tecnologias digitais, como estratégia pedagógica voltada à aprendizagem sobre os anfíbios. O objetivo central foi aplicar um questionário lúdico digital como ferramenta de ensino, estimulando tanto o aprendizado conceitual quanto a reflexão crítica acerca da conservação desses animais. Ressalta-se que metodologias ativas, apoiadas em recursos lúdico-digi-

tais, podem dinamizar o processo educativo, favorecer a apropriação do conhecimento e consolidar práticas voltadas à formação de uma consciência ambiental mais crítica (Martin, 2018).

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência foi realizada em 2025 no Centro Educacional Várzeas – Núcleo Rural Tabatinga (Planaltina-DF), envolvendo 61 estudantes do Ensino Médio. O público foi dividido em três grupos experimentais: um que participou de aula expositiva seguida de questionário impresso, outro que realizou a mesma aula com questionário lúdico digital, e um terceiro que participou apenas do questionário lúdico digital.

O planejamento incluiu:

- Elaboração de materiais digitais interativos na plataforma Prezi, com cores vibrantes, imagens e linguagem acessível.
- Construção de um manual didático com curiosidades sobre anfíbios.
- Rodas de conversa iniciais e finais para levantamento de saberes prévios e percepções pós-intervenção.
- Aplicação de questionários avaliativos, tanto impressos quanto digitais, para verificar avanços conceituais.

As estratégias metodológicas envolveram o uso de metodologias ativas, privilegiando a participação dos estudantes, a ludicidade e a aproximação com elementos do ambiente local.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados mostraram avanços significativos na compreensão conceitual e na percepção ecológica dos alunos. O grupo que recebeu aula expositiva associada ao questionário impresso apresentou o melhor desempenho quantitativo, enquanto os demais também evidenciaram ganhos, especialmente na desconstrução de mitos sobre os anfíbios. Observou-se ainda mudança de atitudes, com relatos de valorização desses animais e reconhecimento de sua importância no equilíbrio ambiental. Os estudantes demonstraram conhecimento incipiente, sendo que a maioria acreditava que os únicos anfíbios eram os sapos, usando termos populares como “cururu” ou “perereca”. Outros animais foram citados mas com classificações equivocadas: “as minhocas também são anfíbios”.

Entre as dificuldades enfrentadas, destacam-se as limitações de infraestrutura tecnológica da escola e as concepções prévias negativas dos alunos, marcadas por medo e aversão aos anfíbios. Muitos alunos relataram que em períodos chuvosos, é comum matar sapos usando sal e água sanitária. Segundo Bispo e Moraes (2018), tais práticas podem refletir no desconhecimento sobre o papel ecológico dos anfíbios, como o controle de pragas e a função de bioindicadores ambientais.

Essas barreiras foram superadas por meio da mediação pedagógica, do uso de recursos visuais atrativos e da escuta ativa durante as rodas de conversa. Após as aulas, observou-se avanço significativo na compreensão a respeito dos anfíbios. Os alunos passaram a reconhecer

a diversidade de espécies, compreender o processo de metamorfose e discutir com maior clareza os impactos antrópicos sobre estes animais. O uso de recursos visuais foi essencial para a consolidação desses conhecimentos. Conforme Alves (2023), é necessário consolidar o uso de recursos formais e não formais para melhor conhecimento dos alunos, não focando apenas em pesquisas e sim trazendo o lúdico para que os alunos de escolas rurais tenham melhor compreensão.

Criticamente, apesar de o questionário lúdico ser mais atrativo, ele parece exigir um reforço teórico maior para garantir o desempenho, a experiência demonstra que a ludicidade, quando integrada ao planejamento pedagógico e apoiada em recursos digitais, potencializa a aprendizagem significativa. Segundo Pinheiro e Farias (2020), o uso de imagens, linguagem acessível e atividades interativas contribui para o engajamento e para a reformulação de percepções equivocadas, promovendo uma educação ambiental crítica e contextualizada. Ao mesmo tempo, ressalta-se que o jogo, isoladamente, não substitui a mediação docente. O impacto mais relevante foi a formação de uma consciência ambiental mais crítica, mostrando que práticas inovadoras podem transformar o ensino de Ciências em escolas rurais, mesmo diante de restrições estruturais.

No estudo conduzido por Souza et al. (2021), a combinação entre aula expositiva e materiais lúdicos produziu melhores resultados. Isso confirma a importância de uma abordagem integradora, na qual a ludicidade complementa e não substitui a mediação pedagógica do professor. Além disso, para Ferreira e Sá (2018), as falas dos alunos revelam a potência da escuta ativa e da contextualização para descobrir mitos, como o medo irracional ou crença de que sapos são sujos e venenosos. Portanto, a incorporação de tecnologias e elementos visuais permitiu não apenas maior engajamento, mas também a valorização de saberes locais e a aproximação entre ciência e cotidiano.

Por fim, Oliveira (2023) destaca que mesmo em contextos com limitações estruturais, como é o caso das escolas rurais, é possível alcançar avanços significativos quando se alia a criatividade, formação docente e valorização do território e da cultura local. Este contexto se relaciona com as ideias de Vasconcelos (2019), onde ele reforça que a ausência de uma abordagem dialética no ensino de Ciências, acaba por reproduzir uma visão utilitarista do conhecimento e fragiliza a formação crítica dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência realizada evidenciou a relevância do uso de metodologias lúdicas e recursos digitais no ensino de Ciências em contextos rurais. Ao articular a mediação pedagógica com a ludicidade, foi possível promover a ampliação do conhecimento científico dos estudantes, desconstruir mitos associados aos anfíbios e despertar uma consciência ambiental crítica. O uso da plataforma Prezi e de questionários interativos potencializou o engajamento discente, demonstrando que, mesmo em ambientes com limitações estruturais, práticas criativas e inovadoras podem gerar impactos significativos na aprendizagem.

Referências

- ALVES, R. G. **Utilização de répteis e anfíbios como ferramenta para ações de educação ambiental:** revisão da produção científica nos últimos 50 anos. Repositório PUC Goiás, 2023.
- BISPO, E. A. M.; MORAES, P. S. S. **Interação homem-animal:** a educação ambiental empregada como ferramenta de preservação de anuros no município de Caxias – MA. Editora Realize, 2018.
- COSTA, L. V.; VENTURI, T. Metodologias ativas no ensino de Ciências e Biologia: compreendendo as produções da última década. **Revista Insignare Scientia**, v. 4, n. 6, p. 417–436, 2021.
- FERREIRA, G. M. S.; SÁ, J. C. Recursos educacionais abertos como tecnologias educacionais: considerações críticas. **Educação e Sociedade**, v. 39, n. 144, p. 1–18, 2018.
- LUEDKE, J. A. Ongoing declines for the world's amphibians in the face of emerging threats. **Nature**, v. 622, p. 308–314, 2023.
- MARTIN, L. **Jogos didáticos com metodologias ativas no ensino de ciências.** Jaraguá do Sul, SC, Brasil, 2018
- OLIVEIRA, T. V. **Um olhar sobre a educação ambiental dentro dos projetos políticos pedagógicos das escolas rurais de Alegrete - RS.** 2023. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Ensino de Ciências e matemática) - Instituto Federal Farroupilha, Alegrete, 2023.
- PINHEIRO, E. P.; FARIAS, J. B. S. O lúdico no fazer pedagógico do professor de uma escola ribeirinha. **Revista Educação Pública**, 2020.
- SOUZA, FAMA, M. M.; GARCIA, L. M.; CAVALCANTI, E. L. D. Ludicidade na digitalidade: uma proposta lúdica quanto ao uso dos dispositivos móveis no ensino da botânica. **Revista Eletrônica Ludus Scientiae**, v. 5, n. 1-2. DOI: 10.30.691/ relus.v5il-2.31.47
- VASCONCELOS, P. H. **Educação do campo e revolução:** uma análise da produção científica em ensino de ciências e de biologia para educação escolar rural. Universidade estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Bauru SP, 2019.
- VAZ-SILVA, W. et al. **Guia de identificação das espécies de anfíbios do estado de Goiás e do Distrito Federal, Brasil Central.** Curitiba: Sociedade Brasileira de Zoologia, 2020.

CIÊNCIAS DA SAÚDE

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM, GRAU TÉCNICO

Autor(es): *Camila Bispo da Silva; Letícia Maria dos Santos Medeiros; Gabriela Cunha Martins.*

Palavras-chave: *Violência Obstétrica; Saúde Pública; Humanização.*

INTRODUÇÃO

A violência obstétrica configura-se como uma grave violação dos direitos humanos das mulheres, caracterizada por práticas desrespeitosas, abusivas ou negligentes durante o cuidado pré-natal, o parto e o pós-parto. No Brasil, o cenário é alarmante: muitas mulheres, sobretudo aquelas em situação de vulnerabilidade social, vivenciam intervenções não consentidas, omissões de cuidado, agressões verbais ou físicas e negligência institucional. Essas práticas, muitas vezes naturalizadas dentro dos serviços de saúde, são reflexo de uma cultura institucional autoritária, marcada por desigualdades de gênero, sociais e de saúde. A ausência de protocolos padronizados, a formação deficitária dos profissionais e a falta de canais eficazes de denúncia reforçam o silenciamento dessas experiências e dificultam o enfrentamento dessa violência.

OBJETIVO

Informar e orientar sobre violência obstétrica e propor ações que fortaleçam sua prevenção, o acolhimento das vítimas e a responsabilização dos responsáveis pelo ato.

RELATO DE CASO/EXPERIÊNCIA

A roda de conversa foi realizada no Curso Técnico em Enfermagem, Grau Técnico, com estudantes de várias idades. Foi realizada uma escuta ativa com os participantes, onde foi analisado o conhecimento a respeito do que se configura como violência obstétrica. Algumas pessoas souberam responder sobre o que é violência obstétrica, porém não sabiam onde e como denunciar. Houve relatos de mães que sofreram esse tipo de violência e descreveram como essa situação afetou a sua vida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência evidenciou a carência de conhecimento entre os estudantes sobre os mecanismos de denúncia e enfrentamento da violência obstétrica. Apesar de reconhecerem o conceito e algumas práticas relacionadas, muitos desconheciam os canais institucionais disponíveis para proteção das gestantes. Os relatos compartilhados durante a roda de conversa reforçaram o impacto da violência obstétrica na vida das mulheres, tanto no aspecto físico quanto psicológico, destacando a importância de abordar o tema em espaços formativos. Esse cenário dialoga com a literatura científica, que aponta a necessidade de formação adequada de profissionais de saúde e de políticas públicas voltadas à humanização da assistência e à promoção dos direitos reprodutivos das mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressalta-se a necessidade do conhecimento sobre violência obstétrica, tanto para os profissionais de saúde quanto para as gestantes e puérperas, com o objetivo de reduzir os casos de violência e, conseqüentemente, a mortalidade materna. A roda de conversa revelou ainda a falta de estrutura das Unidades de Saúde para acolher de forma humanizada gestantes e seus acompanhantes, além da dificuldade de acesso às vagas para realização do parto. Assim, iniciativas educativas, como rodas de conversa em cursos técnicos e de graduação, mostram-se estratégias importantes para sensibilizar futuros profissionais de saúde e promover mudanças no cuidado obstétrico.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes Nacionais de Assistência ao Parto Normal**: versão resumida. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_assistencia_parto_normal.pdf. Acesso em: 19 set. 2025.

PROJETO DE EXTENSÃO YOGA DA ESCOLA: PRÁTICAS REGULARES E VÍDEOS PARA A SAÚDE E BEM-ESTAR

Autor(es): Fabiana Maria Moro van Abbema; Cassia Cristina Moretto da Silva, Vania Curtarello de Oliveira.

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – Campus Curitiba.

Contato: fabiana.abbema@ifpr.edu.br; cassia.silva@ifpr.edu.br; vaniarcoliveira@gmail.com

Resumo: O projeto de extensão Yoga na Escola apresenta neste relato as ações extensionistas realizadas em 2025. Inicialmente, optou-se pela oferta de práticas regulares de Yoga semanalmente no IFPR Campus Curitiba, presenciais, todas as terça-feiras, no período da tarde. Na sequência, atendendo a demanda do ensino à distância do IFPR, foram produzidos quatro vídeos curtos com técnicas de respiração e meditação a ser disponibilizado no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) de cursos ofertados pelo IFPR por meio do Ensino a Distância (EAD). Espera-se com essas ações, difundir técnicas para o bem estar provenientes da tradição do Yoga tendo em vista o crescente número de pessoas com estresse, crise de ansiedade e síndrome do pânico, entre outros. O projeto atua desde 2013 e busca constantemente novas formas de difundir essas práticas no ambiente escolar.

Palavras-chave: Extensão acadêmica; Yoga; Saúde e bem-estar.

INTRODUÇÃO

O Projeto de Extensão Yoga na Escola vem sendo desenvolvido no IFPR desde 2013, com a proposta de promover práticas do Yoga voltadas tanto à comunidade acadêmica quanto à comunidade externa. Ao longo de seus 12 anos de trajetória, o projeto passou por diferentes formatos e vem se adequando às necessidades e contextos de cada período.

O objetivo do projeto é difundir e tornar mais acessível a prática do Yoga e/ou técnicas específicas, tanto no ambiente escolar quanto junto à comunidade externa. Assim, em 2025, ele acontece em dois formatos: presencial e on-line. No segundo semestre, as aulas regulares de yoga foram retomadas no Campus Curitiba, e também iniciou-se a produção de vídeos com

orientações de bem-estar, que serão disponibilizados no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) dos cursos de Ensino a Distância (EAD) do IFPR.

Os casos de ansiedade têm crescido muito entre a população nas últimas décadas. Problemas como depressão, fobias, transtorno obsessivo-compulsivo e crises de pânico têm em comum a presença de uma ansiedade intensa. Atualmente, a maioria dos tratamentos para a ansiedade envolve intervenções psicológicas e farmacológicas. (VORKAPIC et al., 2011). Busca-se através do projeto contribuir para o bem-estar dos participantes através das práticas respiratórias e exercícios provenientes do yoga que são muito eficazes para trazer equilíbrio e regulação emocional em momentos de estresse e ansiedade.

O objetivo deste relato é divulgar essas ações, ampliando sua visibilidade e destacando a importância da oferta de práticas de Yoga e/ou de técnicas respiratórias advindas dessa tradição no contexto escolar.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

As aulas presenciais vêm sendo realizadas semanalmente às terças-feiras, das 14h às 15h, com início em 12 de agosto e término previsto para a primeira semana de dezembro, em uma sala cedida pelo curso de Massoterapia do IFPR Campus Curitiba. Esta é a primeira oferta de aula presencial desde a pandemia. Até meados de setembro, a turma contava com 13 participantes ativos, embora inicialmente tivesse registrado 20 inscritos. Há semanalmente mais interessados que têm entrado para a turma. Entre os participantes, encontram-se docentes, estudantes do ensino médio, técnico e tecnólogo, além de membros da comunidade externa.

Logo abaixo, temos na Figura 01 uma imagem registrada de um encontro e na Figura 02 a divulgação da prática no site institucional do IFPR - Campus Curitiba:



Figura 1 – Registro da aula dia 16.09.25 (AS AUTORAS, 2025)



Figura 2 – Publicação da divulgação em 7 julho, 2025 no site do IFPR Campus Curitiba (AS AUTORAS, 2025)

As aulas são ministradas por uma professora voluntária, que possui mais de 30 anos de experiência em Kundalini Yoga, e contam com o apoio do curso de Massoterapia. A estrutura das aulas segue o formato tradicional do Kundalini Yoga, incluindo pranayama (exercícios respiratórios), aquecimento, kriyas (séries de exercícios voltados a objetivos específicos, como fortalecimento do sistema nervoso ou equilíbrio emocional), relaxamento profundo e meditação. A prática regular busca favorecer a consciência corporal e respiratória, o fortalecimento muscular, a flexibilidade, a concentração e o aumento da vitalidade. Os estudantes participantes podem validar a atividade como horas complementares. Como contrapartida, cada inscrito se compromete a colaborar com o projeto por meio de doações a instituições sociais ou da entrega de alimentos não perecíveis e materiais de limpeza.

Já a ação on-line consiste em produzir e disponibilizar quatro vídeos curtos com as seguintes técnicas: respiração quadrada (ou respiração em quatro tempos), meditação guiada, respiração consciente e profunda, exercício para liberar o estresse. Os vídeos serão publicados no Ambiente Virtual de Aprendizagem em uma área de “práticas para o bem-estar” e estarão acessíveis para os estudantes do IFPR Educação à Distância nos cursos: Logística, Meio Ambiente, Segurança do Trabalho, Serviços Públicos e Vendas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As ações do projeto estão em andamento e se estenderão até o final do ano de 2025. No entanto, o projeto possui mais de 10 anos de experiência, e muitas de suas ações seguem padrões semelhantes. Pela experiência pregressa, percebe-se que a prática regular proporciona aos participantes uma experiência rica, funcionando também como um espaço de troca e criação de vínculos, que vai além da prática em si. Naturalmente, alguns participantes costumam trazer colegas e amigos, preenchendo a sala, enquanto uma parte dos inscritos não consegue participar. Serão coletados relatos sobre a experiência das aulas ao final do semestre de 2025.

Quanto à modalidade on-line, os vídeos serão publicados em outubro, e o feedback dos participantes se dará por meio de formulário enviado por e-mail e a mensuração das visualizações será feita através dos registros de visualização no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) do IFPR. Esses vídeos serão inseridos como um conteúdo complementar opcional.

Observa-se que há grande interesse, mas também, dificuldades em manter o compromisso com uma prática regular. Para ampliar o alcance dessa experiência, especialmente no que se refere às práticas respiratórias, seria fundamental incorporar esses conteúdos na rotina escolar, possibilitando uma prática contínua, com acompanhamento pedagógico que favoreça o aprendizado do estudante com o acompanhamento do docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fundamental criar espaços de aprendizado e de práticas de yoga, que integram corpo e mente, no ambiente escolar. Esse projeto busca alcançar esse objetivo por meio de diferentes ações, seja na divulgação pontual de técnicas respiratórias ou na vivência mais prolongada proporcionada pela prática regular do Yoga. Oferecer essa experiência a docentes, estudantes, servidores e à comunidade externa representa uma forma de prevenção em saúde, ao disponibilizar ferramentas que favorecem o relaxamento, a autorregulação e o bem-estar. O Projeto Yoga na Escola tem como propósito manter essa oportunidade e ampliar seu alcance, de modo que cada vez mais pessoas possam se beneficiar. A aderência e continuidade das ações por parte do público-alvo é um desafio que pode ser pontuado, principalmente na modalidade presencial. Espera-se que na medida em que os benefícios passem a ser percebidos de forma mais ampla o comprometimento também aumente. De outra parte, a escolha conjunta do horário e do dia da semana para a prática, bem como a pontualidade no início e finalização da atividade e, por fim, o evidente cuidado no preparo, planejamento e execução das práticas de yoga por parte da professora voluntária, promovem o engajamento dos envolvidos e estimulam a assiduidade dos participantes.

Referências

VORKAPIC, Camila Ferreira et al. **Os benefícios da Yoga nos transtornos de ansiedade**. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, Rio de Janeiro, v. 1, n. 7, p. 50-54, 2011. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v7n1/v7n1a09.pdf>. Acesso em: 11 abr. 25.

KAMINOFF, Leslie. **Anatomia da ioga**: Guia ilustrado de postura e movimentos e técnicas de respiração. Santana de Parnaíba: Manole, 2023.

CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA

MEDIÇÃO DA ACELERAÇÃO DA GRAVIDADE: UMA ABORDAGEM EXPERIMENTAL NAS AULAS DE FÍSICA

Autor(es): Prof. Dr. Waldenor P. Gomes

Instituição: Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF)

INTRODUÇÃO

As aulas experimentais de Física no Ensino Médio tem sido foco de estudo. Apartir de experimentos com materiais simples pode-se explorar vários conceitos físicos e aprender importante tópicos de Física Experimental. Neste trabalho, envolvendo turmas de 3º ano do Ensino Médio do Centro Educacional 11 de Ceilândia, em conjunto com o PIBID/IFB/FÍSICA, medimos a aceleração da gravidade usando um pêndulo simples e a partir dessa aula prática pode ser explorado conceitos de Física que foram além do livro e da aula tradicional, conceitos de estatísticas como valores médios e erros relativos e a escrita de um relatório experimental. Por fim, apresentamos um resumo sobre as experiências dos alunos nessa modalidade de aula.

OBJETIVOS

Objetivo geral: Realizar uma aula experimental nas aulas de Física do Ced 11 Ceilândia e analisar como esse tipo de aula influência no processo de aprendizagem
Objetivos específicos: Calcular a aceleração da gravidade utilizando um pêndulo simples, observando a relação entre o período de oscilação e o comprimento do fio e realizar a análise de dados.

METODOLOGIA

Foram realizadas aulas experimentais utilizando um pêndulo simples, usando materiais de baixo custo (suporte de madeira, linha de nylon, porcas etc) para medir o tempo de 10 oscila-

ções completas, em seguida calcular o período de oscilação (T) e por fim calcular a aceleração da gravidade local pela fórmula $g = 4\pi^2L/T^2$ (L é o comprimento do fio variando em 50 cm, 30 cm e 20 cm). Na aula seguinte foi trabalhado a escrita de um relatório experimental analisando os dados coletados, aprendendo sobre a escrita desse tipo de instrumento. Ambas as aulas, prática e teórica, foram ministradas pelos alunos do PIBID com a supervisão do Prof. Dr. Waldenor P. Gomes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisando os resultados dos 15 grupos formados destaco que alguns grupos mediram valores bem razoáveis entre $9,33 \text{ m/s}^2$ (erro = 4,8%) até $9,76 \text{ m/s}^2$ (erro = 0,4%) mostrando habilidade com a análise de dados. Posteriormente uma pesquisa sobre estas aulas com 41 alunos através de um formulário para analisar a experiência deles com esse tipo de aula onde 78% nunca tiveram experiência com aula experimental, 48,8% consideraram a aula excelente e importante na formação e 53,7% repetiriam a aula. Enquanto a aula de relatório 39% tem experiência com esse tipo de trabalho e 43,8% apesar de considerar a aula boa apresentaram algumas dificuldades.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de aulas experimentais apresenta vantagens no ensino de Física e pelas análises feitas pode se ampliar no calendário escolar e incorporar mais conceitos físicos, matemáticos e digitais. O planejamento é que as aulas teóricas sejam aprofundadas com aulas de teoria de erros e relatórios digitados para inclusão digital dos alunos.

Referências

ARAÚJO, Mauro Sérgio Teixeira de; ABIB, Maria Lúcia Vital dos Santos. Atividades experimentais no ensino de física: diferentes enfoques, diferentes finalidades. **Revista Brasileira de ensino de física**, v. 25, p. 176-194, 2003.

LIMA, Luciele Joíne Barros; PUCINELLI, Ricardo Henrique; OLIVEIRA, Elrismar Auxiliadora Gomes. Atividades experimentais no ensino de Física: uma análise em diferentes dimensões. **Revista de Enseñanza de la Física**, v. 37, n. 1, p. 53-66, 2025.

DA CRUZ SANTOS, Ana Catarina et al. CÁLCULO DA GRAVIDADE LOCAL USANDO UM PÊNDULO SIMPLES: RELATO DE UMA AULA EXPERIMENTAL DE FÍSICA. **Revista Online JCTOB**, v. 3, n. 2, p. 90-99, 2023.

CAPACITAÇÃO DE DOCENTES DE MATEMÁTICA PARA O USO DO GEOGEBRA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Autor(es): *Valentina Guilherme Roxo (aluna do Curso Técnico de Informática para Internet Integrado ao Ensino Médio¹); Valdirene da Rosa Rocho e Tatiane Estácio de Paula (docentes do Curso Técnico de Informática para Internet Integrado ao Ensino Médio¹); Liliani de Souza Pereira (Coordenadora do Setor de Formações de Professores na Coordenadoria Regional do Campus Araranguá²).*

Instituição: *(1) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense – IFC, Campus Sombrio; (2) Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC).*

Contato: *roxovalentina@gmail.com*

Resumo: *Este relato de experiência aborda as ações do projeto de capacitação para docentes de Matemática da rede estadual de Santa Catarina. A iniciativa foi realizada por docentes do IFC – Campus Sombrio e é direcionada aos docentes da Coordenadoria Regional de Educação de Araranguá/SC (CRE). O objetivo é tornar o ensino da Matemática mais dinâmico, interativo e alinhado às demandas atuais, incentivando o uso de metodologias digitais. Os encontros de formação apresentados incluíram o uso do Geogebra no ensino de funções e Geometria. A execução destas formações promove a familiarização com as tecnologias, estimula a troca de experiências entre os envolvidos e auxilia na aplicação dos conhecimentos em aulas. Espera-se que, ao final da capacitação, os docentes explorem o potencial das tecnologias digitais em sala de aula, contribuindo para uma aprendizagem mais eficaz e engajadora.*

Palavras-Chave: *Matemática; Metodologias ativas; Formação; Docentes.*

INTRODUÇÃO

A constante evolução tecnológica exige que os docentes atualizem suas práticas pedagógicas, integrando ferramentas digitais para tornar o ensino de matemática mais dinâmico e significativo (FLEMMING; LUZ; MELLO, 2005). Embora as tecnologias digitais, como o GeoGebra, possam transformar o aprendizado, facilitando a autonomia e o raciocínio crítico dos estudantes (SANTOS, 2023), muitos educadores enfrentam desafios para utilizá-las de forma eficaz.

Diante desse cenário, este relato de experiência descreve uma formação continuada para docentes de Matemática, focada na capacitação para o uso do GeoGebra como ferramenta de

ensino. O objetivo foi habilitar os docentes no uso de recursos tecnológicos que potencializam o ensino e a aprendizagem da matemática, alinhando-se às exigências contemporâneas. A experiência proporcionou aos docentes a oportunidade de explorar conceitos de Geometria e Álgebra de maneira visual e interativa (RICHIT, 2015; MISKULIN, ESCHER, SILVA, 2007), com a expectativa de que possam aplicar essas novas abordagens em suas aulas. O compartilhamento dessas práticas, por sua vez, visou fortalecer a colaboração e a disseminação de metodologias ativas com o uso dos recursos tecnológicos.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

As oficinas foram realizadas no âmbito de um projeto de formação continuada no ano de 2025 para aproximadamente quarenta docentes de Matemática vinculados à CRE, com foco na capacitação para o uso do software de geometria dinâmica GeoGebra. A abordagem metodológica enfatizou a exploração das propriedades do conteúdo, e não a aplicação de procedimentos puramente mecânicos.

As oficinas foram divididas em duas sequências didáticas, e roteiros de atividades foram preparados para orientar os docentes. Esses roteiros incluíram instruções passo a passo e exemplos de aplicação prática em sala de aula. A execução das oficinas foi presencial, onde os docentes utilizaram os computadores com o software instalado, e os encontros foram estruturados em momentos teóricos e práticos. No momento teórico, foram apresentados os conceitos matemáticos e o GeoGebra, destacando seu potencial pedagógico. No momento prático, foram exploradas as ferramentas digitais por meio de atividades interativas em situações reais ou simuladas de ensino. Dentre os temas abordados incluíram os de: funções, inequações e geometria, as sequências didáticas exploraram a construção, análise e estudo de gráficos, ponto, ponto médio, segmento, retas paralelas e perpendiculares, comprimento, perímetro e área.

Ao final de cada oficina, foi promovido um momento de discussão para que os docentes compartilhassem suas percepções, dificuldades e estratégias. A avaliação do curso de formação foi realizada por meio de um questionário, que teve como objetivo obter feedback sobre a clareza dos conteúdos, a aplicabilidade das ferramentas e a organização. A análise das respostas permitiu avaliar o impacto na prática docente e coletar sugestões para futuras formações. A confidencialidade e anonimato dos docentes foram rigorosamente mantidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As oficinas foram desenvolvidas com atividades práticas focadas na utilização do GeoGebra para analisar a influência de coeficientes numéricos no comportamento das funções. O objetivo inicial foi que os docentes construíssem, analisassem e estudassem gráficos de funções por meio do software de geometria dinâmica, explorando as propriedades dos diferentes tipos de funções (constante, afim, quadrática, exponencial, logarítmica) a partir de suas representações gerais. Essa abordagem interativa e visual permitiu que os docentes manipulassem os valores dos coeficientes por meio de controles deslizantes, visualizando instantaneamente as alterações que estes causavam no comportamento da representação geométrica da função. Por

exemplo, na análise da função quadrática, a interatividade do software evidenciou aspectos importantes deste tipo de função que seriam de difícil visualização em um processo manual. Essa dinâmica facilita a formulação de hipóteses e a compreensão de conceitos abstratos. Desta forma, o processo de aprendizagem se torna mais dinâmico e menos exaustivo do que a construção manual de gráficos.

Após a conclusão das atividades, um questionário foi aplicado para avaliar a percepção dos docentes sobre a proposta e o uso do GeoGebra. A maioria deles relatou que a interatividade e a visualização proporcionadas pelo software possibilitam uma compreensão mais significativa dos conceitos, o que indica uma visão positiva da proposta. Para dar sequência ao projeto de formação, os docentes foram solicitados a sugerir novos temas para encontros futuros.

Com base nas sugestões, a segunda oficina abordou a construção de figuras geométricas utilizando o GeoGebra. Os docentes foram orientados a construir diversas figuras a partir de segmentos de reta, ajustando as coordenadas, e a explorar a ferramenta para calcular o ângulo formado entre dois segmentos. Em seguida, foram exploradas diferentes formas de obter polígonos regulares ou irregulares, permitindo o estudo das propriedades da geometria plana (comprimento de segmento, centro, cálculo de perímetro e área, entre outros). Como exemplo, uma das atividades elaboradas pelos docentes foi a construção de ladrilhos a partir de um polígono regular, conforme ilustrado na Figura 1. E a Rosa dos Ventos, com a representação dos pontos cardeais e os colaterais.

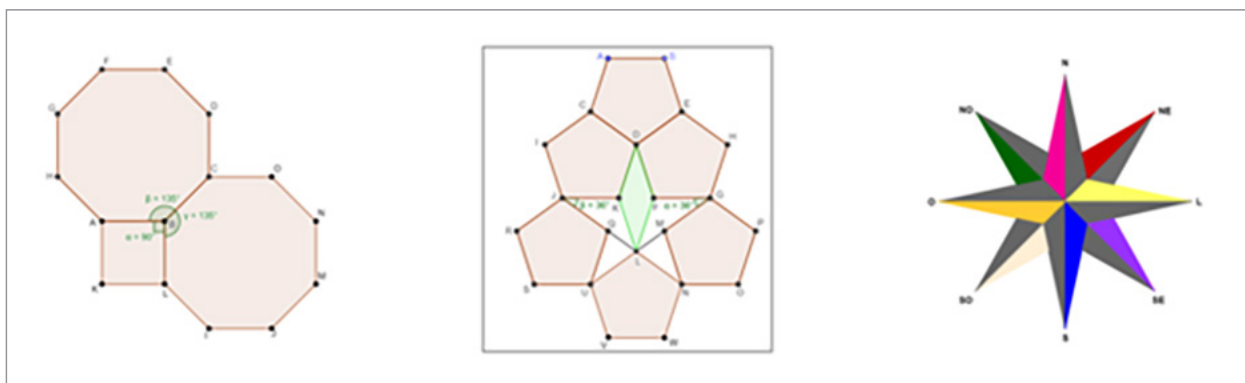


Figura 1 – Figuras geométricas desenhadas no Geogebra em atividades propostas aos docentes. (Fonte: elaborado pelas autoras, 2025)

Quando questionados sobre as dificuldades para ilustrar a Figura 1, os docentes responderam que a atividade foi mais trabalhosa, pois para construí-las, foram necessários aplicar diversos conceitos matemáticos que desconheciam possuir comandos disponíveis no software.

Em síntese, os resultados obtidos neste primeiro encontro indicam que a oficina começou a cumprir seus objetivos ao contribuir para a capacitação de docentes de Matemática no uso de ferramentas tecnológicas. O projeto favoreceu a compreensão de como essas ferramentas podem potencializar o ensino e a aprendizagem da Matemática de forma mais interativa e visual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção dessas ferramentas não apenas dinamiza as aulas, mas também contribui para o desenvolvimento do raciocínio lógico, da autonomia e da criatividade dos estudantes. Além disso, a formação docente com foco em recursos tecnológicos promove reflexões sobre metodologias ativas, ampliando as possibilidades de recursos didáticos em prol do planejamento pedagógico e incentivando que os docentes/participantes adotem uma postura mais investigativa e crítica diante dos desafios educacionais contemporâneos.

Diante do exposto, a integração entre as tecnologias digitais como aliadas ao processo de ensino-aprendizagem da disciplina Matemática revela-se como um caminho promissor, que deve ser constantemente explorado e incentivado. Tal abordagem se faz necessária, especialmente em espaços de formação continuada, como forma de qualificar a prática docente e tornar a aprendizagem mais significativa, interativa e conectada com a realidade dos estudantes.

Referências

- FLEMMING, D. M.; LUZ, E. F.; MELLO, A. C. C. de. **Tendências em educação matemática**. Palhoça, SC: Editora UnisulVirtual, 2005.
- MISKULIN, R. G. S; ESCHER, M. A.; SILVA, C. R. M. A prática docente do professor de matemática no contexto das TICs: uma experiência com a utilização do Maple em cálculo diferencial. **Revista de Educação Matemática**. v. 10, p. 29-37, 2007.
- RICHIT, A. **Formação de docentes de matemática da educação superior e as tecnologias digitais**: aspectos do conhecimento revelados no contexto de uma comunidade de prática online. 2015.
- SANTOS, R. S. O uso de tecnologias digitais no ensino da matemática. **Revista Contemporânea**, v. 3, n. 12, 2023. Disponível em: <https://11nq.com/Wvfvo>. Acesso em 10 de dez. de 2024.

PROCESSOS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM SOBRE CONCEITOS BÁSICOS DE QUÍMICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE MONITORIA NO PROGRAMA FEDERAL “PARTIU IF” NO IFC-SOMBRIO

Autor(es): Enzo Passos Scandolara.

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense – IFC, Campus Sombrio.

contato: passosenzo2007@gmail.com

Resumo: O presente relato demonstra as técnicas pedagógicas e didáticas utilizadas no contexto de monitoria de alunos do Ensino Fundamental, participantes do programa federal “Partiu IF” no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense (IFC) - campus Sombrio o seu impacto direto na construção do aprendizado sobre conceitos básicos de química e física. Para controle da evolução apresentada, os discentes realizaram um simulado dos conteúdos trabalhados no tempo de um semestre do programa, formado por conteúdos aplicados apenas de forma teórica na sala de aula e também aqueles os quais foram praticados em laboratório. Ao total, 38 alunos fizeram a avaliação, as questões sobre Métodos de Separação de Misturas, conteúdo trabalhado através de experimentos simples, despontaram com os melhores resultados no quesito de acertos em questões objetivas e na complexidade de respostas discursivas com média de acertos de 76%. Em todo o curso do programa, ao iniciar o momento de monitoria, eram frequentes os questionamentos de “Vamos no laboratório hoje?” ou “Eu entendo melhor quando é aula prática” vindos dos discentes. Pude concluir, seguramente, que a obtenção de resultados satisfatórios foi consequência direta da abstração do saber teórico na sala de aula por parte da professora responsável, aliado às práticas realizadas em laboratório no período de monitoria. Dito de outro modo, os alunos não apenas decoraram conceitos teóricos, frios e distantes ensinados dentro dos muros do Instituto Federal, mas sim que eles aprenderam e que conseguiram, ainda que com certas dificuldades (esperadas), associar a teoria à prática.

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência versa sobre o Programa Federal “Partiu IF”, no âmbito do IFC-CS, desenvolvido, no componente curricular de ciências, com discentes do 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais oriundos de escolas públicas locais. O “Partiu IF” objetiva oportunizar reforço de conteúdos programáticos (linguagens, matemática e ciências naturais), suprimindo lacunas e propiciando que estudantes de baixa renda tenham mais possibilidade de serem aprovados em seleções para ingressar nos IFs. Nesse sentido, processos de ensino e de aprendizagem sobre conceitos básicos de química foram constituídos. Um simulado foi criado e aplicado para diagnóstico após seis meses de aulas, de modo a verificar o progresso (ou não) dos conhecimentos científicos e, em certa medida, o funcionamento do projeto até o momento.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

No laboratório da instituição, foram realizados experimentos de separação de misturas, com intuito de demonstrar de maneira prática o conteúdo teórico trabalhado em sala de aula. Os 38 alunos participantes do programa foram dispostos nas bancadas adjacentes à bancada principal onde estavam preparados os experimentos (Figura 1).



Figura 1 – Disposição dos experimentos no laboratório. (Fonte: o autor, 2025)

Para exemplificar os processos de separação, preparei os seguintes experimentos: filtração do pó de café, decantação de água e óleo com o auxílio de um funil de decantação, e a decantação de solo arenoso em um becker com água, sendo cada um deles correspondido com uma questão em relatório formulado previamente para o acompanhamento dos participantes. Devido ao tamanho reduzido do laboratório e do tamanho considerável da turma, tomei a decisão, em conjunto com a professora responsável, de não realizar a demonstração da destilação simples de uma mistura homogênea de salmoura, visto que poderia ser um risco aos alunos,

que já estavam bastante agitados naquele momento. Realizei os experimentos calmamente (Figura 2), de forma a deixar espaço em aberto para que possíveis dúvidas fossem respondidas.



Figura 2 – Realização dos experimentos. (Fonte: o autor, 2025)

No percurso, realizei questionamentos sobre os processos observados procurando determinar o nível de atenção e entendimento sobre eles, olhando com atenção se o foco da turma estava presente na atividade. Ao fim, após um momento para sanar as dúvidas apresentadas, concluí a demonstração e permiti que aqueles interessados realizassem novamente a decantação do óleo, percebi que este experimento foi centro da atenção dos discentes pela utilização de uma vidraria a qual não tinham acesso em suas escolas locais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados imediatos foram observados através do relatório elaborado sobre os experimentos, os alunos que mais trouxeram questionamentos tiveram melhor desempenho nas questões apresentadas, formulando respostas mais completas e complexas sobre os fenômenos apresentados. Em paralelo, uma parcela dos discentes tomou a aula “pouco convencional” como momento favorável para conversar ou jogar no celular, já que os bolsões para a disposição dos mesmos não estão presentes nos laboratórios do instituto, sendo necessária a intervenção da professora em alguns momentos da aula. Posteriormente, durante a correção do simulado aplicado à turma meses depois da realização da aula prática, foi notável a forma com que o método de ensino fora da sala de aula foi efetivo na assimilação do conteúdo trabalhado, tendo em vista que as questões relacionadas aos métodos de separação de misturas tiveram frequência de acertos muito maior que demais assuntos não abordados de maneira prática, demonstrado pelo índice de 76% de acertos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência trouxe à atenção a maneira como a falta de infraestrutura para a realização de atividades que divergem do cotidiano da sala de aula, pode ferir o aprendizado de alunos que – em uma faixa etária que ainda admira o aspecto lúdico da aprendizagem – necessitam desse diferencial para se manterem engajados no aprendizado. A resposta positiva da turma motivou a replicação da estratégia para conteúdos trabalhados nos blocos seguintes do cronograma do projeto, esperando-se a obtenção de resultados semelhantes e na participação natural dos alunos, movidos pela curiosidade inata pelo o que lhes é demonstrado de maneira não convencional.

CIÊNCIAS HUMANAS

JOGOS DE MATRIZ AFRICANA: HONRANDO NOSSA ANCESTRALIDADE POR MEIO DO JOGO E DA LUDICIDADE

Autor(es): Leisi F. Moya (Docente) e Annie Balestra Oliveira Teló (Discente, Curso Técnico em Hospedagem).

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense – Campus Camboriú.

Contato: leisi.moya@ifc.edu.br; annieteloifc@gmail.com

Resumo: *Esse relato tem como objetivo compartilhar a experiência de uma prática pedagógica voltada para o ensino das relações étnico-raciais (ERER) por meio dos jogos de tabuleiro de matriz africana. A experiência foi realizada no Instituto Federal Catarinense – Campus Camboriú com estudantes do segundo ano de Hospedagem. Essa vivência foi uma das propostas de atividades desenvolvidas pela disciplina de Educação Física voltadas para o ERER e teve como objetivo contemplar o que a Proposta Pedagógica de Curso apresenta com relação ao ensino da história e cultura africana e afro-brasileira. A metodologia adotada é de abordagem qualitativa e caracteriza-se como Relato de Experiência (RE). As atividades foram desenvolvidas por meio de pesquisa e vivências de jogos de matriz africana e nos permitiram compreender a riqueza da cultura africana, o quanto essa cultura ainda é apagada em nossas escolas e nossa sociedade e o quanto os jogos podem contribuir com uma proposta de ensino antirracista.*

INTRODUÇÃO

Considerando a escola como um lugar privilegiado para que os estudantes tenham contato o conhecimento científico e cultural, as narrativas didáticas devem ser pensadas de modo a proporcionar que diferentes vozes, por vezes silenciadas, possam ser ouvidas e utilizadas para enriquecer e des-cortinar as relações de poder estipuladas ao longo da nossa história, em diferentes contextos, sobre tudo, pelo fato de sermos uma nação miscigenada. Diante disso, o objetivo desse relato é compartilhar a experiência de uma prática pedagógica voltada para o ensino das relações étnico-raciais (ERER) por meio dos jogos de tabuleiro de matriz africana. As Leis 10.639/03 e 11.645/08 asseguram a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e indígena nas escolas. A partir da Lei 10.639/03 foi

elaborado o Parecer CNE/CP 3/2004, que institui as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas. Temos ainda outros documentos norteadores da educação que defendem em seus pressupostos a obrigatoriedade do EREER e da história e cultura afro-brasileira, como o caso da recente e ainda em processo de implementação e avaliação, Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que entrou em vigor em 2017. No entanto, o que presenciamos nas escolas ainda é uma ausência, desvalorização ou apagamento desses saberes e uma predominância de saberes e culturas provenientes de países europeus. Com isso, constatamos que a caminhada em direção a uma educação antirracista e que valorize a diversidade cultural, em especial, a cultura africana e afro-brasileira ainda está no início da trajetória e que ainda há um longo caminho a percorrer.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência relatada ocorreu no ano de 2024 no Instituto Federal Catarinense – Campus Camboriú com turmas do segundo ano do curso integrado de hospedagem. As atividades foram desenvolvidas na disciplina de Educação Física e contemplam o que prevê o Projeto Pedagógico de Curso do curso de hospedagem. Ao longo de um bimestre letivo desenvolvemos a temática da diversidade cultural, com ênfase na cultura africana e afro-brasileira. Foram utilizadas como estratégias de ensino: aula expositiva dialogada, com a apresentação teórica de diversas temáticas relacionadas à cultura africana e afrobrasileira que dialogam com a educação física, como: identidade corporal, estigmas e pré-conceitos pautados em uma “estética embranquecida”, processo de apagamento cultural da cultura africana, manifestações corporais de origem africana e afrobrasileiras, riqueza e diversidade da cultura africana e afrobrasileira, miscigenação, jogos de matriz africana, destaques negros no esporte brasileiro, entre outras temáticas. Foi dada uma ênfase às grandes contribuições que os negros trouxeram para nossa cultura e história. Após as aulas expositivas fizemos algumas vivências práticas de jogos de matriz africana, iniciando pelo jogo mancala, nome “genérico” de um jogo milenar de origem africana, conhecido como “jogo de semear” e que possui mais de 200 variações de nomes e regras. Não temos exatamente a data de sua criação, mas, ao que tudo indica, o jogo já existe há mais de 2000 a.C. e é considerado o primogênito dos jogos de tabuleiro. Sua origem também é incerta; o que se sabe é que sua origem é africana, onde é praticado por diversas etnias, o que deu origem a múltiplos nomes e variações de regras do jogo. Santos e Caetano (2019) sinalizam que já existem diversos estudos no Brasil sobre a temática da mancala como estratégia em sala de aula, especialmente no que tange o ganho de habilidades matemáticas, mas advertem que, ainda assim, o jogo é pouco ensinado e praticado nas salas de aula. Em seu trabalho final de graduação Lima, (2021) se debruçou sobre a temática: “Jogos Mancala: entre práticas de semear, colher e contar”. Recorremos aos seus estudos e aos estudos de Silva (2021) para elencar características básicas do jogo Mancala: 1. Circularidade: os movimentos do jogo são circulares, o que ressalta a importância do círculo na cultura africana. 2. Cooperatividade: um valor importante para a cultura africana, no jogo mancala não se joga só, sempre em duplas ou mais, pois “não se faz cultura sozinho, mas na cooperação, com o outro”, como ressalta Lima (2021, p.24). Após o aprendizado e a vivência do jogo mancala, os alunos tiveram como uma das atividades avaliativas o desafio de ensinarem o jogo para mais duas pessoas que não conheciam o jogo.

Nesse processo, deveriam ensinar as regras, estimular o jogo, tirar as dúvidas e gravar o momento de explicação do jogo, para que fosse possível avaliar se tinham compreendido o jogo e ensinado corretamente. Em seus relatos, os estudantes mencionaram o quão difícil e divertido foi esse processo em que se colocaram na posição de professores. Na etapa seguinte foi utilizada a estratégia de “sala de aula invertida”, em que os estudantes se organizaram em grupos, realizaram pesquisas sobre jogos de matriz africana e depois ensinaram seus colegas em sala de aula. Algumas opções de sites, blocos, perfis na internet foram compartilhadas com eles, para que tivessem um direcionamento de onde poderiam pesquisar. Durante as práticas, os grupos deveriam destacar: de qual região ou país africano era originário, em que contexto histórico havia surgido, suas regras e materiais necessários para o jogo. No caso dos jogos de tabuleiro, deveriam providenciar tudo o que fosse necessário para o jogo. Foram apresentados diversos jogos diferentes e a experiência da sala de aula invertida foi muito bem-sucedida pois todos os grupos foram responsáveis e apresentaram trabalhos excelentes. Como última etapa desse processo de ensino-aprendizagem foi feita uma avaliação escrita, via Google Forms em que buscou-se compreender o aprendizado individualizado dos estudantes, a avaliação do processo de ensino, indicações de melhorias e uma autoavaliação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao finalizarmos as aulas destinadas ao conteúdo compreendemos o quão importantes e significativas foram tanto para os estudantes, como para a docente. Destacamos uma das questões da avaliação teórica com o intuito de ressaltar essa impressão: “Com relação aos jogos de matriz africana apresentados pela turma e por seu grupo, escreva um pequeno texto resumindo seu aprendizado e suas impressões sobre esses jogos”. Entre as respostas, destacamos: A) Ao estudar os jogos de matriz africana, percebi como eles vão além do entretenimento, refletindo valores de estratégia, cooperação e identidade. (...) Fiquei impressionado com o significado profundo desses jogos, que continuam a influenciar a cultura brasileira e a manter viva a herança africana. B) Achei muito interessante essa temática, é uma forma de saber as nossas origens, das coisas que conhecemos e não sabemos de quem são. C) Os jogos de matriz africana foram uma experiência muito interessante. Eu percebi que eles não são apenas atividades divertidas, mas também carregam significados profundos relacionados à cultura africana. Esses jogos ensinam muito sobre valores como cooperação, respeito e resistência. Participar deles me ajudou a entender melhor como a tradição africana continua viva e como ela foi adaptada ao longo do tempo. O mais legal foi ver como esses jogos podem ser uma forma de aprendizado e conexão com a nossa história, tudo isso de um jeito bem divertido e envolvente. Esses relatos nos indicam que o aprendizado, para a maioria, foi bem-sucedido e que o objetivo das aulas foi atingido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizarmos as aulas, a sensação foi de que o tempo destinado ao tema foi curto e que precisaríamos de mais tempo para desenvolver melhor a temática. No entanto, consideramos que já houve um grande avanço de conhecimento por parte dos estudantes. Cientes de que

ainda há muito a fazer, seguimos buscando aprender cada vez mais e replicarmos esses saberes com nossos estudantes, na esperança de que esses também possam replicar e ampliar o acesso a esses conhecimentos entre seus familiares e amigos, ampliando essa rede em defesa de uma sociedade antirracista e mais justa.

Referências

- LIMA, Camila I. da. Jogos Mancala: entre práticas de semear, colher e contar. **Trabalho de conclusão de curso (graduação)**. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2021. Disponível em: <https://share.google/6yzlwFUrHXZVGjXxU>. Acesso em 04 de set. de 2025.
- SILVA, Aida Maria Monteiro. Direitos Humanos na Educação Básica: qual o significado? *In*: SILVA, Aida Maria Monteiro; TAVARES, Celma (orgs). **Políticas e Fundamentos da Educação para direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2010, p.41-63.

ASPECTOS SOCIOEMOCIONAIS E DESAFIOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: UM RELATO PESSOAL

Autor(es): *Daniela de Souza Vasconcelos Cardoso -*

Instituição: *Instituto Federal de Brasília - Campus Samambaia*

Contato: *daniela.sv.cardoso@gmail.com*

INTRODUÇÃO

A aprendizagem é um processo complexo que integra dimensões cognitivas, sociais e emocionais. Os chamados aspectos socioemocionais, como autoconhecimento, autorregulação e empatia, influenciam diretamente o engajamento, a motivação e a atenção dos estudantes. Quando se trata de estudantes neurodivergentes — termo que abrange diferentes formas de processar informações e interagir com o mundo —, tais aspectos tornam-se ainda mais relevantes para a permanência e o sucesso escolar.

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência de uma estudante do Instituto Federal de Brasília (IFB), que convive com transtorno de ansiedade generalizada (TAG) e se reconhece como neurodivergente. A experiência evidencia como as dificuldades de processamento de informação e a falta de acolhimento docente impactam o processo de aprendizagem, ressaltando a importância da inclusão e do cuidado socioemocional nos espaços formativos.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, de caráter qualitativo e autobiográfico, fundamentado em reflexões pessoais sobre vivências acadêmicas no curso de Licenciatura em Educação Profissional, no período noturno, no IFB.

A coleta de dados ocorreu por meio de um formulário reflexivo, respondido pela própria autora, que incluiu questões sobre:

1. Perfil acadêmico e autorreconhecimento como neurodivergente;
2. Impactos das emoções na aprendizagem;
3. Dificuldades de concentração e processamento de informações;
4. Estratégias pessoais de enfrentamento;
5. Percepção do apoio docente e institucional.

As respostas foram sistematizadas em categorias e analisadas à luz de referenciais sobre inclusão, neurodiversidade e aspectos socioemocionais no processo de ensino-aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados revelam que as dificuldades socioemocionais impactam fortemente a aprendizagem. A autora relatou sentir ansiedade frequente durante as aulas, chegando a ter crises de taquicardia em situações de discussão não mediada pelos professores, o que a obrigava a se retirar da sala. A sobrecarga de informações também foi identificada como um fator que prejudica a participação em atividades em grupo e rodas de conversa.

“Não me concentro, tampouco consigo me manter em sala e respirando, fico querendo chorar e muitas vezes desencadeia sem ao menos ter tido algo no momento [...]. Sofro muito de taquicardia, já cheguei a ir embora por conta de discussões chatas dentro de sala e na qual não havia mediação da parte dos professores.”

Além disso, destacou-se a falta de empatia de parte do corpo docente:

“Não me sentia parte desse acordo, por ser muitas vezes a única que não consegue participar e sentir confortável com esse tipo de avaliação.”

Apesar das dificuldades, a estudante busca estratégias pessoais de enfrentamento, como respeitar seu ritmo e evitar a autossabotagem:

“Eu tento ir no meu ritmo como fui orientada e evitar me autosabotar e entender que cada um tem seu tempo para tudo.”

Esses relatos dialogam com a BNCC (2018), que ressalta a importância das competências socioemocionais para a formação integral, e com Vygotsky (1998), ao afirmar que a aprendizagem é mediada pelo contexto social. Mantoan (2003) complementa ao defender uma escola inclusiva, que reconheça as singularidades e respeite diferentes ritmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato evidencia que os aspectos socioemocionais são determinantes para o desenvolvimento da aprendizagem em estudantes neurodivergentes. As principais dificuldades identificadas envolvem a ansiedade, a sobrecarga de informações e a ausência de mediação docente em situações de conflito.

Entretanto, também se destacam caminhos de superação, como a autorregulação emocional e a busca por respeitar o próprio ritmo de aprendizagem. Entre as perspectivas futuras, destaca-se a necessidade de ampliar práticas de acolhimento docente, promover palestras e oficinas de sensibilização sobre neurodiversidade e construir um ambiente acadêmico mais empático e inclusivo.

Este trabalho encontra-se em andamento, sendo parte de um processo de reflexão contínua sobre os desafios e potencialidades da aprendizagem em contextos neurodivergentes.

Aponte os principais avanços do projeto, dificuldades enfrentadas e perspectivas futuras. Indique se o trabalho está em andamento e quais os próximos passos.

Referências

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015). Brasília: Presidência da República, 2015.

CASELLA, C. B.; VIANNA, F. A. Desenvolvimento socioemocional e aprendizagem. **Revista Educação em Foco**, v. 25, n. 3, 2020.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DIÁLOGOS SOBRE A DUPLA EXCEPCIONALIDADE: ACOLHENDO S SINGULARIDADE

Autor(es): Gabriel do Prado Rodrigues Barros*, IFB Campus São Sebastião, rodriguesbarrosgabriel27@gmail.com

Dayse Kelly Barreiros de Oliveira, IFB Campus São Sebastião, dayse.barreiros@ifb.edu.br

Ellen Michelle Barbosa de Moura, SEEDF, ellenmou@gmail.com

Resumo: O relato de experiência aborda a Dupla Excepcionalidade (2E), a coexistência de Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) e o Transtorno do Espectro Autista (TEA), um tema pouco explorado no Brasil. A pesquisa, que utiliza vinhetas pedagógicas, ilustra o paradoxo de indivíduos com grande potencial, mas que enfrentam desafios comportamentais e sociais. São apresentados dois casos: o de João, um estudante com AH/SD e TEA que demonstra talento em escrita, mas dificuldade em seguir regras, e o de Pedrinho, um estudante não verbal que se comunica de forma singular. As experiências destacam a necessidade de práticas pedagógicas flexíveis e da importância de observar o indivíduo além dos manuais. O texto conclui que a inclusão verdadeira exige um olhar prospectivo, que reconheça a totalidade da pessoa e não apenas suas habilidades ou dificuldades isoladas.

Palavras-chave: Dupla excepcionalidade. Altas habilidades. Transtorno do Espectro Autista.

INTRODUÇÃO

A Dupla Excepcionalidade, a coexistência de Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) e Transtorno do Espectro Autista (TEA), é um tema complexo e ainda pouco explorado no Brasil. Pessoas com esse perfil apresentam tanto um potencial acima da média quanto necessidades educacionais específicas. A falta de compreensão sobre essa condição pode levar à invisibilidade do estudante, impedindo o pleno desenvolvimento de suas capacidades. Este trabalho busca aprofundar a discussão sobre a Dupla Excepcionalidade (2E) por meio de vinhetas pedagógicas que ilustram situações escolares reais.

A pesquisa na área é escassa, com a maioria dos trabalhos publicados recentemente, o que reforça a urgência de debater o tema sob a perspectiva dos direitos humanos. Para isso, a metodologia utilizada foi a escrita ensaística, que permite uma abordagem reflexiva e argumentativa. Esse formato estimula o pensamento crítico e o debate, mantendo o rigor conceitual e dialogando com autores e referências teóricas para ilustrar a complexidade do tema na prática.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A Dupla Excepcionalidade se manifesta como a presença de Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) em conjunto com um Transtorno do Neurodesenvolvimento, como o TEA. Embora o termo AH/SD seja regulamentado no Brasil, o estereótipo de que o superdotado é um "gênio" em todas as áreas prejudica o reconhecimento desses talentos. A superdotação, de acordo com Renzulli, não se limita a um alto QI, mas à combinação de habilidade acima da média, criatividade e comprometimento com a tarefa. Por outro lado, o TEA, caracterizado por déficits na comunicação social e comportamentos restritos, se manifesta de forma plural. É crucial ir além da visão clínica e compreender que cada indivíduo em sua singularidade.

A coexistência dessas duas condições é paradoxal, pois um potencial extraordinário pode vir acompanhado de dificuldades significativas em áreas como processamento sensorial, comunicação ou autorregulação emocional. A vivência a seguir ilustra essa complexidade e a necessidade de um olhar mais atento para a educação de estudantes com Dupla Excepcionalidade. Ela demonstra como a teoria da inclusão é confrontada com a realidade das salas de aula, exigindo sensibilidade e a capacidade de ver além do óbvio.

Vinhetas: Relatos de Experiências Escolares com estudantes 2E

As discussões na área da Educação Inclusiva, muitas vezes, são confrontadas com a realidade das salas de aula, onde a convivência com estudantes com Dupla Excepcionalidade mostra que o ato de incluir precisa ser uma busca diária, pois exige sensibilidade, flexibilidade, capacidade de ver além do óbvio, observância das relações sociais e das situações de desenvolvimento e aprendizagem que acontecem no contexto escolar.

Os relatos sobre situações escolares envolvendo João e Pedrinho, apresentados nas vinhetas, demonstram como as habilidades e os desafios desses estudantes se manifestam de maneira única e como a educação pode ser transformadora quando adaptada a suas necessidades.

As duas vinhetas pedagógicas apresentadas a seguir ilustram a importância da Educação Inclusiva. A primeira, sobre João, explora o desafio de integrar a criatividade e o potencial intelectual com as dificuldades de autorregulação e flexibilidade. A segunda, sobre Pedrinho, destaca a importância da observação e da inovação nas estratégias de interação e aprendizagem para estudantes não verbais. Ambas as histórias reforçam a ideia de que a inclusão acontece no acolhimento de cada indivíduo, com suas particularidades e seu potencial na coletividade da sala de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vinheta 1: A Viagem de João ao Espaço

João, um estudante com Dupla Excepcionalidade (AH/SD e TEA), demonstrou um vocabulário sofisticado e descrições científicas detalhadas ao escrever uma narrativa. Apesar de seu potencial intelectual e criatividade, ele revelou desafios em seguir a estrutura padrão da tarefa, além de dificuldades em autorregulação emocional, condizentes com comportamentos de pessoas com TEA. A professora, ao invés de insistir no modelo tradicional, reformulou a atividade como um "projeto científico" e utilizou diversos recursos visuais. Essa flexibilidade foi crucial para que João concluísse a tarefa de forma satisfatória, evidenciando que a valorização de suas habilidades e o suporte para suas dificuldades foram diferenciais para o seu desenvolvimento e levou em conta sua Dupla Excepcionalidade.

Vinheta 2: O Mundo de Pedrinho

Pedrinho, um estudante autista não verbal de 4 anos, não reagia a tentativas convencionais de interação. Em vez de insistir em abordagens padronizadas, o estagiário de Pedagogia optou pela observação. Ele permitiu que Pedrinho explorasse o pátio à sua maneira e, ao imitar seus movimentos com um espelho, gerou uma gargalhada inédita no estudante, mudando a dinâmica da relação social. Essa experiência ilustra que o autismo se manifesta de formas diversas e que cada indivíduo tem sua própria lógica de interação. A atitude do estagiário mostra que a inclusão não se limita a seguir manuais, mas a criar conexões humanas por meio da observação e do respeito às singularidades de cada um.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre a Dupla Excepcionalidade, especialmente a intersecção entre AH/SD e TEA, revela um universo complexo que exige um olhar prospectivo. Essa condição é um paradoxo no qual um potencial extraordinário coexiste com desafios que, muitas vezes, dificultam a expressão desse talento. Essa dualidade, se não compreendida, pode levar a um subaproveitamento das capacidades e à invisibilidade do indivíduo.

Reconhecer a Dupla Excepcionalidade está diretamente ligado à disposição dos profissionais para olhar além do óbvio, buscando a totalidade da pessoa em vez de suas dificuldades ou habilidades isoladas. Esse olhar prospectivo é a chave para construir pontes. Espera-se que as reflexões apresentadas sirvam como um incentivo para aprofundar o conhecimento na área, visibilizando a Dupla Excepcionalidade para que a educação e a sociedade possam acolher e valorizar a diversidade humana em sua plenitude.

Referências

- BRASIL, Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC; SEEP, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>. Acesso em: 15 set. 2025.
- NAKANO, Tatiana de Cássia. Altas Habilidades/Superdotação e a dupla excepcionalidade. *In*: RONDINI, Carina Alexandra; REIS, Verônica Lima dos. (Org.). **Altas Habilidades Superdotação: Instrumentais para identificação e atendimento do estudante dentro e fora da sala de aula comum**. Curitiba: CRV, 2021.
- PAOLI, J.; FERNANDES LOOTENS MACHADO, P. Autismos em uma perspectiva Histórico-cultural. **Revista GESTO-Debate**, v. 22, n. 01-31, 23 nov. 2022.
- RENZULLI, J. S. *Reexamining the role of gifted education and talent development for the 21st century: A four-part theoretical approach*. **Gifted Child Quarterly**, n. 56, p. 150-159. 2012.
- TAUCEI, J. R. Dupla excepcionalidade e interação social: impasses e possibilidades. 2015. **Dissertação (Mestrado em Educação)** - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O LÚDICO COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO

Autor(es): Karine Araújo Almeida (Licencianda em Pedagogia¹) e Kelen Aparecida de Souza e Silva (Docente²).

Instituição: (1) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília – IFB; (2) Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF.

Contato: karine.almeida@estudante.ifb.edu.br; kelenzinha_11@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O trabalho de alfabetização proposto pelo subprojeto Alfabetização no Pibid-IFB, se concretiza na Educação Infantil a partir de reflexões sobre a alfabetização nesta etapa. Exige-se tal abordagem reflexiva, uma vez que o processo de alfabetização não constitui o objetivo central da Educação Infantil, mas se desenvolve de forma complementar à etapa seguinte que é de fato a alfabetização nos primeiros anos iniciais do ensino fundamental.

Diante disso, torna-se fundamental perceber a importância da alfabetização aliada ao letramento nesta etapa inicial. Sobre essa distinção conceitual, Magda Soares (2004) explica que alfabetizar significa aprender a codificar e decodificar letras e palavras, enquanto o letramento diz respeito ao uso social da leitura e da escrita em situações significativas do cotidiano. Ambos, no entanto, devem ocorrer de maneira integrada: “[...] o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado” (SOARES, 2004, p. 47).

Além disso, as orientações da BNCC (2017) e do Currículo em Movimento do DF (SEEDF, 2018) destacam que as práticas pedagógicas na infância devem ocorrer por meio de experiências lúdicas, significativas e contextualizadas, integrando a linguagem às demais dimensões do desenvolvimento humano. Assim, pensar a ludicidade como eixo central torna-se fundamental para alcançar, de modo efetivo, o público da Educação Infantil.

Dado isso, a experiência procurou relacionar-se diretamente com alguns objetivos do subprojeto Alfabetização, tais que dizem respeito à prática pedagógica de alfabetização e letra-

mento, bem como a produção de recursos didáticos para uma significativa contribuição à escola parceira atendida.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência foi realizada em julho de 2025, no Centro de Ensino Infantil 1 de São Sebastião, com uma turma inclusiva composta por crianças de quatro e cinco anos, além de uma aluna da classe especial com Deficiências Múltiplas. As atividades aconteceram em dois encontros presenciais de cinco horas cada, com intervalo de uma semana, no âmbito do subprojeto Alfabetização PIBID-IFB.

O planejamento iniciou-se um mês antes, em reuniões com a professora supervisora, que orientou a elaboração de um jogo pedagógico voltado ao reconhecimento das vogais, seus sons e usos contextualizados. Para tanto, foram selecionadas imagens de objetos próximos à realidade das crianças (como “abacate” e “escola”), organizadas digitalmente e plastificadas para utilização em sala. O planejamento da aula foi validado pela supervisora e pela professora regente, que sugeriram ajustes.

Na etapa de execução, o jogo foi aplicado em pequenos grupos, nos quais os alunos deveriam associar imagens às vogais correspondentes. O método foi adaptado conforme as dificuldades surgiam, reduzindo o número de figuras ou realizando a atividade de forma individualizada para favorecer a compreensão.

No segundo encontro, conduzido pela professora supervisora, houve a retomada do conteúdo com o método fônico, seguida de contação de história, pintura de lagartas feitas com cartelas de ovos e colagem das vogais em seus corpos. Essa integração de atividades lúdicas, artísticas e fonéticas contribuiu para a consolidação do aprendizado.

Como estratégias e metodologias, destacam-se: o uso do lúdico (jogos e artes visuais), a aprendizagem contextualizada, a adaptação progressiva das atividades, o método fônico e a co-regência entre bolsista e professora supervisora. Tais práticas possibilitaram avanços significativos, especialmente no reconhecimento das vogais e na participação de alunos que inicialmente apresentavam insegurança.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na primeira aula, durante a aplicação do jogo, enfrentei algumas dificuldades que exigiram reformulações da dinâmica, mas também pude observar elementos que se revelaram estratégias interessantes para abordagens futuras.

Dificuldades:

1. alguns alunos apresentaram dificuldades para administrar muitas figuras; no primeiro grupo, a atividade estava excessivamente complexa, pois entreguei mais itens do que conseguiam lidar;
2. o descarte simultâneo realizado nos dois primeiros grupos gerou conflitos, já que os alunos não gostavam quando o colega depositava a figura em sua mesa;
3. o barulho na sala dificultava a compreensão das instruções e ocasionava dispersão.

Aprendizados:

A contextualização mostrou-se muito eficaz: a imagem da escola, utilizada no jogo, despertou grande entusiasmo entre os alunos.

Na segunda aula, foi possível perceber uma consolidação maior do conteúdo. As crianças identificaram as vogais com mais familiaridade, especialmente na última atividade, em que cada uma reconheceu as cinco vogais para colar em sua lagarta. Assim, ambos os encontros se mostraram satisfatórios, alcançando os objetivos propostos.

Um episódio específico marcou significativamente a experiência. Uma aluna de outra turma participou do segundo encontro, pois sua professora havia faltado. Durante uma brincadeira no pátio, enquanto as lagartas secavam, ela disse entusiasmada: “Hoje é o melhor dia da minha vida”. Ao ser questionada sobre o motivo, respondeu: “Fiz várias brincadeiras legais”. Esse momento reforçou o aprendizado de que atividades lúdicas são essenciais no processo de alfabetização e letramento, tornando o ensino mais prazeroso e significativo na Educação Infantil.

Assim, os resultados evidenciam que as estratégias lúdicas e contextualizadas, mesmo diante de desafios práticos, potencializam o processo de alfabetização e contribuem para uma aprendizagem mais inclusiva e significativa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das práticas vivenciadas de alfabetização e letramento, ressalta-se a relevância de proporcionar ações pedagógicas lúdicas e significativas na Educação Infantil. Essas experiências favorecem que as crianças ingressem no Ensino Fundamental não apenas com habilidades desenvolvidas, mas também com uma base sólida de conhecimentos, fundamental para as aprendizagens subsequentes.

Portanto, evidencia-se a importância do trabalho desenvolvido pelo PIBID, que impacta positivamente não só os estudantes, mas também os professores. Para nós, futuros docentes, trata-se de uma oportunidade formativa essencial, pois permite o contato direto com práticas pedagógicas consistentes, fortalecendo nossa capacitação profissional e reafirmando o compromisso com uma educação de qualidade.

Por fim, conclui-se que, ações pedagógicas como estas, proporcionadas pelo PIBID, proporcionam aos estudantes a oportunidade de vivenciar práticas pedagógicas diferenciadas no processo de ensino-aprendizagem.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. P. 35-56. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2025.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo em Movimento do Distrito Federal: Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: SEDF, 2014. Disponível em <https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Curri%CC%81culo-em-Movimento-Ed-Infantil_19dez18.pdf> acesso em 06 de junho de 2025.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PROPOSTA DE EDUCAÇÃO DIALÓGICA NO COMPLEXO PENITENCIÁRIO

Autor(es): José Francisco Dominguez Martinez - Pós-graduação em Docência para EPT – IFB/ UAB* Fernanda Maria Furst Signori – Pós-graduação em Docência para EPT – IFB/ UAB**

*Estudante do Curso de Pós-graduação em Docência para EPT e professor de curso técnico no SENAI **Professora Mediadora no Curso de Pós-graduação em Docência para EPT, Polo Planaltina/ DF IFB/UAB

Resumo: *Relato de experiência docente na EPT em um Curso de Qualificação em Serralheria dentro do Complexo Penitenciário da Papuda, com o objetivo de discutir a aplicação de uma pedagogia humanista e libertadora baseada no pensamento de Paulo Freire. O curso, ofertado em parceria com a SEAP, Funap e SENAI, visa a reintegração social das pessoas privadas de liberdade por meio do Trabalho como Princípio Educativo. Ao constatar baixa autoestima e sentimento de menos valia e falta de percepção de poder transformador nos estudantes, o que os impedia de progredir na aprendizagem, foi aplicada uma atividade com base na Análise Swot, sendo notável a dificuldade em reconhecer seus pontos fortes e oportunidades, em contraste com a facilidade em elencar os pontos fracos e as ameaças. Conclui-se que a educação dialógica e participativa é fator decisivo, pois ao colocar o estudante como agente ativo e valorizar sua voz, se transforma em uma poderosa ferramenta de empoderamento pessoal, o que contribui para a não reincidência destes estudantes no Complexo Penitenciário.*

Palavras-chave: Paulo Freire; Trabalho como Princípio Educativo; EPT

INTRODUÇÃO

Paulo Freire defende que a educação não se restringe aos muros da escola, mas acontece em todos os lugares ao longo da vida; desse modo, podemos compreender que a sala de aula não se faz de espaço restrito, mas se constitui nas interações cotidianas, na troca de experiências, na conscientização sobre sua própria realidade e a reflexão crítica sobre o poder de transformação social (Freire, 2016a). A EPT é um pilar fundamental para o desenvolvimento in-

dividual e social, transcendendo os muros das escolas técnicas e universidades reduzindo as desigualdades sociais e promovendo a empregabilidade em todos os setores.

O Curso de Qualificação em Serralheria ofertado no Complexo Penitenciário Papuda em contrato entre a Secretaria de Estado da Administração Penitenciária (SEAP), juntamente com a Fundação de Amparo ao Trabalhador Preso (Funap) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) tem como objetivo trabalhar com as pessoas privadas de liberdade a conscientização, a valorização da pessoa e sua reintegração social por meio do Trabalho como Princípio Educativo.

Para tanto, como aponta Paulo Freire (2016a) o professor, que não é isento de escolhas, para trabalhar na proposta de uma formação integral-crítica-cidadã, emancipatória e omnilateral precisa ter uma postura democrática, dialógica e de agente de transformação na perspectiva da práxis; o que é crucial, quando discutimos sobre a atuação docente com pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica, emocional e privação de Liberdade.

Dessa forma, o presente relato visa discutir com vistas às obras de Paulo Freire sobre uma pedagogia humanista e libertadora, cuja importância reside na profunda transformação da relação entre educador, educando e o conhecimento; como uma possibilidade de fazer com que os estudantes em privação de liberdade do Curso de Serralheria percebam que é possível se frustrar durante o processo de aprendizagem e, ainda assim, persistir para obter os resultados esperados.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O Curso de Qualificação em Serralheria ofertado no Complexo Penitenciário da Papuda faz parte do Programa Novos Caminhos e conta com apoio do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) do governo federal. Realizado em 04 turmas, com a participação de 25 estudantes e duração de 5 meses, ao atuar como docente percebi que aqueles homens, independente da qualificação do crime cometido e da pena recebida, apresentavam baixa autoestima potencializada pela invisibilidade e julgamento social. Pensando além da qualificação profissional e com intuito de minar a reincidência, busquei trazer ao final de cada aula, um momento de reflexão e exposição de sentimentos.

Assim, pensando na luta pela superação das contradições sociais, na alienação da exploração do trabalho e na desumanização refletida na objetificação que os estudantes em privação de liberdade estão submetidos, planejei cada momento pós aula para conhecer um pouco mais sobre cada um. Afinal, a situação opressiva é desumanizante e trabalhar o orpimido para transformar a realidade opressora em processo de libertação se faz necessário (Freire, 2016b).

Com base na ferramenta de gestão Análise Swot, foi solicitado aos estudantes:

- Posicionamento em círculo para apresentação por nome e o que faziam antes de adentrarem no Complexo Penitenciário, evitando falar sobre o motivo de estarem lá;
- Momento de conversa sobre a necessidade de ter o corpo e a mente alinhados e presentes na aula, mostrando a diferença entre ver e observar para que percebam a consideração que tenho por eles;
- Preencher uma tabela com seus pontos fortes, pontos fracos, oportunidades que os auxiliarão a fazer melhores escolhas e as ameaças que poderão torná-los reincidentes.
- Reflexão a partir do feedback a cada um de forma individual, a fim de desbloquear a mente, para que pudessem observar a si mesmos e o mundo a sua volta para preencher a tabela com base na Análise Swot.
- Ao término da atividade, foi ofertado um lanche diferente do que recebem no Complexo Penitenciário e ainda em círculo discutimos sobre as facilidades e dificuldades de pensar em si e como é possível fortalecer a autoestima e a autovalorização para a reintegração social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A priori, os estudantes mostraram um comportamento de desconfiança com a proposta de trabalho integrativa baseada na dialógica, o que era esperado, uma vez que estão sob um regime opressor e com pouco ou nenhum diálogo; contudo, com o desenvolver da atividade proposta e diante um modelo educacional que consentiu a eles a autonomia e o debate dos problemas, permitiram-se participar.

Outra questão foi a dificuldade em apontarem em si mesmos seus pontos fortes, em contraposição ao inúmeros pontos fracos; assim como as ameaças elencadas mostraram ter maior peso de importância; o que dificultou a eles a identificação de oportunidades, seguido de justificativas sobre o porquê estão em situação de privação de Liberdade.

"Eu sou só o tempo que me resta, e ele não serve para mais nada além de apodrecer aqui." (frase dita por um dos estudantes e contemplada pelos demais).

Paulo Freire (2016b) caracteriza tal dificuldade dos estudantes de enxergarem a si mesmos como "**consciência alienada**" ou "**consciência oprimida**", impedindo que se vejam como um ser capaz de transformar a si mesmo e o mundo. Neste sentido, Freire (2014) ressalta o valor da ação do professor numa educação ousada que transforme a postura do sujeito no enfrentamento de problemas, apoiando no debate, a tomada de consciência. Com o intuito de resgatar a criticidade e superar o conformismo nos estudantes, busquei atuar de forma acolhedora, incentivando a valorização dos seus saberes e fazeres. O que trouxe como resultado mais expressivo o sorriso, antes suprimido, de volta no rosto destes estudantes que, com mediação foram capazes de perceber o valor de suas existências e o poder de suas escolhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível notar que a adoção de uma educação dialógica e participativa emerge como um fator decisivo; pois, coloca o estudante como agente ativo e central do processo de aprendizagem. Esta metodologia não apenas aprofunda a compreensão e o senso crítico, mas, de maneira crucial, atua diretamente no resgate da autoestima. Quando a voz do estudante é valorizada, suas experiências são respeitadas e ele se percebe capaz de contribuir ativamente para a construção do conhecimento, a sensação de pertencimento se fortalece e se percebe agente transformador. Assim, a pedagogia humanista e libertadora, transforma-se em uma poderosa ferramenta de empoderamento pessoal que cultiva a autoconfiança e prepara indivíduos mais conscientes e engajados para atuar em sua realidade; contribuindo para a não reincidência destes, no Complexo Penitenciário.

Portanto, a educação promovida com estudantes em situação de privação da liberdade deve levar em consideração o que Paulo Freire nos ensinou: a educação é “um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (2014, p. 97).

Referências

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 53. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016a.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016b

EDUCAÇÃO INOVADORA E AUTONOMIA: A EXPERIÊNCIA DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO AO CURSO TÉCNICO EM EVENTOS

Autor(es): Alice Watson Queiroz; Bianca Santos Marques; Giselly Pereira Câmara; Alana Cardoso Neves Martins Vieira.

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília – IFB Campus Brasília.

Contato: alice.watson@ifb.edu.br; bianca59047@estudante.ifb.edu.br; giselly.pereira.camara@gmail.com; alananevesvieira@gmail.com

Resumo: O projeto de Iniciação Científica realizado no Instituto Federal de Brasília (IFB), Campus Brasília, teve como objetivo analisar e registrar em documentário a experiência pedagógica do curso Técnico em Eventos Integrado ao Ensino Médio (EMI Eventos), reconhecido por adotar metodologias inovadoras. A iniciativa surgiu em 2024 diante da necessidade de compreender como práticas educativas baseadas em objetivos de aprendizagem, roteiros de estudos e projetos interdisciplinares impactam a formação discente, especialmente na promoção da autonomia e do protagonismo juvenil.

As principais ações envolveram a realização de cerca de 45 entrevistas com estudantes, egressas, docentes e familiares, além de levantamento documental e análise qualitativa. Esse material subsidia tanto um capítulo publicado em obra acadêmica quanto a produção do documentário “EMI Eventos: entre sonhos e realidades”, atualmente em fase de decupagem e edição. Também foi desenvolvida uma identidade visual para apoiar a divulgação do projeto.

Os resultados preliminares apontam percepções positivas quanto ao fortalecimento da autonomia e da formação crítica dos estudantes, embora também revelem tensões e desafios relacionados à adaptação ao modelo inovador, especialmente pela ausência de aulas expositivas tradicionais e sistema de gerenciamento educacional. Dados quantitativos sugerem que a proposta pedagógica não compromete o desempenho acadêmico, uma vez que aproximadamente 65% das estudantes que prestam vestibulares ingressam em universidades públicas.

A experiência evidencia o potencial do EMI Eventos como espaço de experimentação pedagógica, ao mesmo tempo em que reforça a importância de debater práticas inovadoras e suas implicações para políticas educacionais.

Palavras-chave: *inovação educacional; protagonismo juvenil; Ensino Médio Integrado; autonomia; práticas pedagógicas.*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta o relato de experiência do projeto de Iniciação Científica desenvolvido no Instituto Federal de Brasília (IFB), Campus Brasília, vinculado ao curso Técnico em Eventos Integrado ao Ensino Médio (EMI Eventos). O objetivo foi analisar e registrar em documentário a experiência pedagógica inovadora do curso, marcada pela avaliação por objetivos de aprendizagem, roteiros de estudos e projetos interdisciplinares, que buscam fomentar a autonomia discente. A experiência reflete o desafio de consolidar práticas educativas emancipatórias em uma rede pública federal, em diálogo com os debates contemporâneos sobre inovação educacional e protagonismo juvenil.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O projeto teve início em 2024, com o intuito de investigar metodologias inovadoras no ensino médio, inicialmente prevendo comparação com outras escolas. Contudo, diante do foco das instituições parceiras na implementação da Reforma do Ensino Médio, optou-se por restringir o estudo ao EMI Eventos. O percurso metodológico foi organizado como um estudo de caso, utilizando entrevistas semiestruturadas, levantamento documental e análise qualitativa. O resultado desse estudo sobre o curso está presente no capítulo “Emi Eventos: Construção, Desafios e Resultados de um Projeto Pedagógico INOVADOR” do livro “Ensino Médio Integrado: políticas, currículos e práticas a ser apresentado no dia 8 de outubro de 2025, durante o III Seminário Nacional do EMI no Conecta.

Foram realizadas cerca de 45 entrevistas com docentes, estudantes atuais, egressas e familiares, registradas em vídeo para posterior edição do documentário intitulado 'EMI Eventos: entre sonhos e realidades', que será lançado até o final do ano. O processo atual encontra-se em fase de decupagem, roteirização e edição, envolvendo também a criação da identidade visual do projeto, incluindo logo e materiais gráficos para lançamento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os depoimentos coletados apontam que a proposta pedagógica do EMI Eventos é percebida de forma positiva, sobretudo por promover autonomia e protagonismo discente, mas também suscita críticas relacionadas às dificuldades de adaptação a uma metodologia não tradicional. As alunas relatam desafios diante da ausência de aulas expositivas convencionais e do maior grau de responsabilidade pelo aprendizado. Entre docentes e gestores, destacam-se tensões sobre a avaliação e a carga de trabalho decorrente do modelo inovador.

Dados preliminares indicam taxas elevadas de aprovação em universidades públicas (cerca de 65% das estudantes que prestam vestibulares), o que sugere que práticas pedagógicas centradas na autonomia não comprometem o desempenho acadêmico. Pelo contrário, demons-

tram potencial de fortalecer a formação crítica e emancipatória. A análise em curso busca articular percepções subjetivas com dados quantitativos, de modo a oferecer subsídios à avaliação do projeto pedagógico do EMI Eventos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada evidencia os desafios e as potencialidades da implementação de metodologias inovadoras no ensino médio público. O EMI Eventos mostra-se como um espaço de experimentação pedagógica que tensiona estruturas escolares tradicionais, ao mesmo tempo em que forma sujeitos mais autônomos e críticos. O documentário em produção será uma ferramenta importante para dar visibilidade às vozes de estudantes, docentes e famílias, e para subsidiar debates acadêmicos e institucionais sobre inovação educacional no Brasil. Como próximos passos, destacam-se a finalização do documentário, sua divulgação em eventos científicos e a elaboração de artigos acadêmicos a partir dos dados coletados. Acredita-se que os resultados poderão contribuir para o aprimoramento de práticas educativas inovadoras e para a construção de políticas públicas mais inclusivas e efetivas.

Referências

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- PERRENOUD, Philippe. **Ensinar**: agir na urgência, decidir na incerteza. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- MIOTO, Luis. Dispositivos pedagógicos inovadores: práticas de ensino-aprendizagem em contextos escolares. 2022. 277 f. **Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação**, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022. ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. **Como aprender e ensinar competências**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- IFB – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília. **Planos de Curso Técnico em Eventos Integrado ao Ensino Médio** (2017, 2019, 2023 e 2025). Brasília, IFB.

ENGENHARIAS

DIAGNÓSTICO DE POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES: UM RELATO DE VISITA AO PARQUE ECOLÓGICO TRÊS MENINAS

Autor(es): Bruna Letícia de Jesus Cardoso; Victor Kalin Rodrigues Galeno; José Wagner Alves Garrido (docente)

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília.

Contato: brunaljcardoso@gmail.com; vkrg96@gmail.com; josewagnerag@gmail.com

Resumo: Este relato descreve a experiência de visita técnica realizada no Parque Ecológico Três Meninas, localizado em Samambaia, Distrito Federal. O objetivo é diagnosticar as potencialidades e limitações da Unidade de Conservação, observando aspectos como a conservação da biodiversidade, dos espaços de lazer e iniciativas de Educação Ambiental à luz do seu marco regulatório e plano de manejo. Foram realizadas observações in loco, registro fotográfico e análise documental – reportagem, artigo e legislação específica – para a produção deste relatório. Os resultados evidenciaram a riqueza ecológica do Cerrado preservada no parque, mas também problemas como depredação, sensação de insegurança, além do risco ambiental causado pela pressão antrópica que afeta o parque.

Palavras-chave: Unidade de Conservação; Cerrado; Biodiversidade; Pressão Urbana.

INTRODUÇÃO

O Parque Ecológico Três Meninas, localizado na Região Administrativa (RA) de Samambaia, DF, é uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável que integra a Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE) JK. Criado por Lei Distrital[1] e regulamentado por decreto[2], o parque possui 66,54 ha de extensão e significativo valor histórico, ecológico e cultural. Sua história precede a criação da própria RA onde está situado, pois se origina de uma antiga fazenda dos anos 60, onde o proprietário, Dr. Pena Marinho, arrendava o terreno.[3] O nome do parque é uma homenagem a suas três filhas, e um dos patrimônios arquitetônicos do parque remete a elas: as três casas de boneca que foram construídas para as meninas (ver figura 1).



FIGURA 1 – Vila das Bonecas. (Fonte: autoria própria, 2025)

Portanto, o significativo valor histórico-cultural do parque, que acompanha toda a criação e desenvolvimento da região ao seu redor, atravessa gerações e aproxima a comunidade local com o meio natural, potencialmente desenvolvendo o senso de preservação através do contato com o parque e dos projetos de Educação Ambiental desenvolvidos nele. Quanto à relevância ecológica, o parque é cortado a noroeste pelo Ribeirão Taguatinga, abriga uma grande quantidade de nascentes, um sítio arqueológico e uma área representativa de cerrado.[1]

Este relato tem como objetivo documentar a experiência de visita técnica ao parque, analisando suas potencialidades e desafios frente ao seu marco legal, contribuindo para a discussão sobre a gestão de Unidades de Conservação e a promoção da educação ambiental.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência foi conduzida em julho de 2025, envolvendo discentes do curso Técnico em Controle Ambiental do IFB Samambaia, componente curricular Legislação Ambiental. A metodologia incluiu: revisão do marco legal (Lei do SNUC, Código Florestal, Leis Distritais) e do Plano de Manejo aprovado em 2021[2]; visita guiada com registro fotográfico para confrontar a situação real com as diretrizes planejadas; identificação de espécies da flora e fauna; e observação das condições de infraestrutura e manutenção. Foram realizadas também conversas informais com visitantes. As etapas incluíram planejamento prévio, coleta de dados in-loco e análise integrada dos aspectos ecológicos, sociais e administrativos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados confirmaram a relevância ecológica do parque, com presença de espécies nativas como pequi, buriti e ipê, além de fauna diversificada (saruê, seriema, teiú), consistente com seu objetivo de conservação do bioma Cerrado.

Potencialidades

Sobre a diversidade de espécies nativas, o parque conta com o espaço “Jardim dos Pequenos”, além de ter sido feito o plantio de 3.600 mudas do Cerrado a partir do termo de compromisso nº 028/2017. Há ainda trilhas, áreas de convivência, parques infantis e estruturas esportivas (ver figura 2), além do programa “Parque Educador”, uma parceria entre a Secretaria de Estado do Meio Ambiente, a Secretaria de Estado de Educação e o Instituto Brasília Ambiental, que visa aproximar a comunidade escolar das Unidades de Conservação através da Educação Ambiental, levando alunos do ensino público aos parques ecológicos locais.[3] Ambas as potencialidades estão alinhadas às previsões de uso público do plano de manejo do parque, art. 8º, I, II, III.[4]



FIGURA 2 – Estruturas físicas do parque. (FONTE: autoria própria, 2025)

Ameaças

Entretanto, foram observados graves problemas: depredação das casinhas históricas, sensação de insegurança em pontos mais afastados do parque[5] e principalmente as consequências da pressão antrópica na região. Um fato que chamou a atenção foi a proximidade das residências dos limites do parque (ver figura 3).



FIGURA 3 – Proximidade das residências ao limite do parque. (FONTE: autoria própria, 2025)

O adensamento urbano muito próximo a Unidades de Conservação pode provocar uma série de prejuízos como: aumento dos riscos de queimadas, queda na qualidade da água e dimi-

nuição da vazão, além da intrusão de animais domésticos que ameaçam a fauna nativa (ver figura 4).

Essas limitações indicam uma lacuna entre a existência dos instrumentos legais e de planejamento (como o Plano de Manejo e a Lei de Proteção de Áreas Verdes) e a implementação efetiva de ações de manutenção, fiscalização e educação ambiental. A superação desses desafios exigiria maior articulação entre gestão pública e envolvimento comunitário.



FIGURA 4 – Pica-pau-do-campo e animal doméstico no Parque Três Meninas.
(FONTE: autoria própria, 2025)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o Parque Três Meninas:

É um espaço vital para a região, porém carece de maior investimento em gestão e participação comunitária para efetivar os instrumentos de planejamento existentes;

O Parque Três Meninas representa um importante patrimônio natural e cultural de Samambaia, amparado por uma sólida estrutura legal e um instrumento de planejamento (Plano de Manejo);

A experiência evidencia que o principal desafio não é a falta de normativas, mas a efetiva aplicação e operacionalização delas. Recomenda-se a ampliação de parcerias com universidades, ONGs e a comunidade local para auxiliar na implementação do plano de manejo, além da alocação de recursos para ações prioritárias de manutenção, prevenção a incêndios e programas de educação ambiental continuados;

A experiência reforça a necessidade de se ir além da criação de leis e planos, garantindo sua execução prática para a sustentabilidade de parques urbanos no DF.

Referências

- BRASIL. Distrito Federal. Lei n. 576, de 26 de outubro de 1993. Cria o Parque Três Meninas na Região Administrativa de Samambaia (RA XII) e dá outras providências. **Diário Oficial do Distrito Federal**, Brasília, DF, 29 out. 1993. Seção I.
- BRASIL. Distrito Federal. Decreto n. 15.901, de 12 de setembro de 1994. Regulamenta a Lei nº 576, de 26 de outubro de 1993, que cria o Parque Três Meninas, na Região Administrativa de Samambaia (RA XII), e dá outras providências. **Diário Oficial do Distrito Federal**, Brasília, DF, 13 set. 1994. Seção I.
- BRASIL. Controladoria-Geral do Distrito Federal. Instrução Normativa nº 4, de 22 de janeiro de 2021. **Plano de Manejo do Parque Ecológico Três Meninas**. DF, ed. 15, seção 1, p. 9, 22 jan. 2021.
- BRASÍLIA AMBIENTAL (DF). **Parque Educador**. Brasília, DF, [2023]. Disponível em: <https://www.brasiliaambiental.df.gov.br/parque-educador/>. Acesso em: 23 jul. 2025.
- NCA ENGENHARIA, ARQUITETURA E MEIO AMBIENTE S/C LTDA. **Zoneamento Ambiental e Plano de Manejo da Área de Relevante Interesse Ecológico Parque Juscelino Kubitschek – ARIE Parque JK**: Produto Final - Diagnóstico Ambiental. Volume I – Tomo I – Texto. Brasília, DF: [s.n.], 2006.
- TV BRASIL. “Parque Três Meninas é opção de lazer em Samambaia, mas enfrenta problemas” [vídeo]. **YouTube**, 12 jul. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/n-OB5p6FuXM?si=54fFh3hWEM9X5qu9>. Acesso em: 20 jul. 2025.

IDENTIFICAÇÃO DE RISCOS AMBIENTAIS: OBSERVAÇÃO E DESAFIOS EM UM DETAILER AUTOMOTIVO

Auto(es): Lorena Costa Silva (Discente); José Wagner Alves Garrido (Docente).

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília – Câmpus Samambaia.

Contato: lorenacosta.design@gmail.com; josewagnerag@gmail.com

Resumo: A atividade de serviços estéticos para veículos oferece riscos à saúde do trabalhador e a o meio ambiente. Portanto, o objetivo desse trabalho foi avaliar os riscos ambientais presentes na atividade de detailer automotivo¹, analisando e identificando agentes que podem colocar em risco tanto o profissional quanto ao meio ambiente. O trabalho foi realizado Análise Preliminar de Riscos (APR) e confecção do Mapa de Riscos para o ambiente laboral, gerenciando os riscos ambientais e as medidas preventivas. Foram identificados como agentes físicos: ruídos constantes e de impacto, advindos dos equipamentos, ferramentas e máquinas. Além de calor e umidade, resultante da lavagem e higienização dos automóveis no ambiente fechado. Os agentes químicos, como poeiras, vapores e produtos químicos são os mais presentes na rotina de trabalho. Esforço físico intenso, postura inadequada, monotonia e repetitividade foram identificados como os agentes ergonômicos.

Palavras-chave: segurança do trabalho, acidente, meio ambiente, medidas preventivas.

INTRODUÇÃO

O ambiente laboral do profissional detailer automotivo¹ pode vir a comprometer sua saúde física e psíquica. Além disso, as atividades geram diversos resíduos sólidos e líquidos que devem ser destinados a logística reversa, uma vez que podem comprometer a qualidade dos recursos naturais, caso sejam descartados de forma inadequada.

A Portaria nº 25, de 29 de dezembro de 1994, do Ministério do Trabalho, expandiu a classificação dos riscos ocupacionais para além dos agentes físicos, químicos e biológicos, incluindo os riscos ergonômicos e de acidentes, a legislação permitiu uma identificação mais completa

dos perigos no ambiente de trabalho. Ocasionalmente maiores possibilidades de avaliação e controle e, desse modo, resultando na potencialização da busca por medidas de proteção mais eficazes para os trabalhadores. (Barbosa Filho, 2011).

Segundo a Norma Regulamentadora (NR) n. 09, os agentes ambientais são classificados como físicos, químicos e biológicos, presentes nos locais de trabalho e que, devido à sua natureza, intensidade e o tempo de exposição, são passíveis de provocar danos à saúde das pessoas que trabalham nesses ambientes e ao meio ambiente (BRASIL, 2021). Uma vez que, nas oficinas de estética automotiva são realizadas lavagens de latarias, estofados e tapetes, e pequenos reparos com lixamento e pintura, a utilização de produtos sintéticos, solventes, graxas e óleos, bem como serviços repetitivos somados à postura inapropriada, o contato com os agentes ambientais é direto e faz parte da rotina dos profissionais.

Diante disso, o objetivo desta pesquisa é analisar os riscos ambientais da atividade de estética automotiva, localizada na região administrativa de Vicente Pires – DF, visando identificar os fatores de risco à saúde do trabalhador e ao meio ambiente.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência foi conduzida outubro de 2024, por meio de visitas técnicas em uma oficina de estética automotiva, localizada na região administrativa de Vicente Pires – DF. Envolvendo discentes do curso Técnico em Controle Ambiental do Instituto Federal de Brasília, Campus Samambaia, componente curricular Higiene, Saúde e Segurança do Trabalho.

Para a análise foram realizadas observações diretas dos trabalhadores no ambiente laboral para identificação de cada risco ambiental, a partir da identificação dos riscos ambientais, foi realizada a Análise Preliminar de Riscos (APR), de acordo com as orientações de Esteves (2004), Glasmeyer (2006) e Barbosa Filho (2011). Com estes resultados foi possível a construção do Mapa de Riscos para o local de trabalho e a proposição de medidas preventivas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Figura 1A, representa a parte seca da oficina, onde são realizados pequenos reparos, lixamentos e pequenos serviços. Nesta imagem é possível identificar vários equipamentos causadores de ruídos como as lixadeiras, martelos, entre outros.

IMAGEM NÃO FOI FORNECIDA

Figura 1 – (A) parte seca e (B) estufa de pintura da oficina. (Fonte: arquivo pessoal)

Ainda na Figura 1B, identifica a estufa, onde é realizado pintura automotiva, do lado direito da imagem, observa-se vários materiais usados para o processo de preparo e pintura dos carros, como solventes, tintas e massa reparo. Ainda conforme a Figura 2, o compressor é foi o maquinário maior causador constante de ruídos. Foi observado, que os trabalhadores em alguns momentos fazem usos de alguns Equipamentos de Proteção Individual (EPI's), como má-

caras e protetores auriculares, entretanto, importante ressaltar a falta e não utilização de EPI's podem acarretar diversos problemas de saúde para o trabalhador.

A Figura 2A, identifica a área de lavagem automotiva, onde os trabalhadores convivem com agentes físicos, químicos e ergonômicos da profissão. Observou que é um ambiente úmido, ou seja, uma área molhada, onde são utilizados diversos produtos químicos para limpeza das laterais, tapetes e estofados. Nesse local, ainda foi observado a presença de outro equipamento de pressão ruidoso, além disso há presença de fios elétrico no chão.

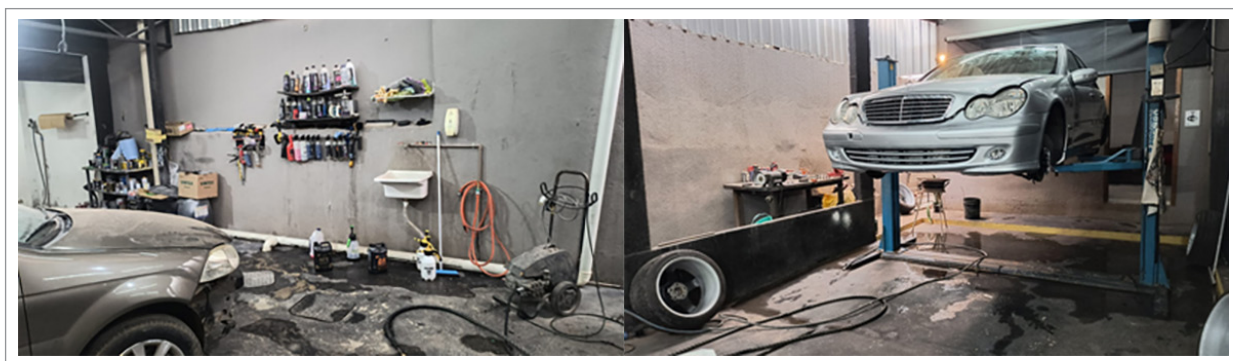


Figura 2 – (A) área de lavagem e (B) elevador de carros. (Fonte: arquivo pessoal)

Na Figura 2B pode-se analisar a área do elevador de carros, onde também são realizadas lavagens das partes inferiores dos automóveis. No local também há a presença de fios de eletricidade no chão molhado, peças dos carros e ferramentas constantemente obstruindo a circulação.

A Figura 3A demonstra a cozinha/refeitório, onde os trabalhadores convivem com o calor e a falta de um local apropriado para realizar as refeições.



Figura 3 – (A) Cozinha/refeitório e (B) estoque da oficina. (Fonte: arquivo pessoal)

Na Figura 3B, trata-se do ambiente de estoque, observa-se o armazenamento de produtos químicos como solventes, tintas, massas para reparo, vernizes, entre outras coisas como peças de carro, estofados, forros e tapetes.

Quanto aos resíduos obrigatórios de logística reversa, como óleos lubrificantes, eles vão sendo armazenados em vasilhames vazios, até que haja quantidade considerável para levar até um estabelecimento que recebe o material.

Na Figura 4, apresenta o mapa de riscos para o ambiente laboral da oficina de estética automotiva, considerando que os riscos ambientais identificados.



Figura 4 – Mapa de risco com a grandeza dos riscos ambientais e as medidas preventivas. (Fonte: arquivo pessoal)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é uma contribuição inédita acerca dos riscos ambientais na atividade laboral de oficina estética automotiva.

Visitas técnicas nesse ambiente laboral possibilitou aos discentes a oportunidade de vivenciar na prática os conteúdos trabalhados em sala, fortalecendo a compreensão sobre a importância da identificação dos agentes ambientais.

As perspectivas futuras será ampliar esta experiência para outros ambientais funcionais dessa natureza, com intuito de oportunizar outros trabalhadores a desenvolver a percepção dos riscos ambientais e a proteção do meio ambiente.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA FILHO, A. N. **Segurança do trabalho e gestão ambiental**. 4ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- ESTEVES, A. S. Gerenciamento de riscos de processo em plantas de petroquímicos básicos – uma proposta de metodologia estruturada. Niterói, RJ, 2004. **Dissertação (Mestrado), Curso em Sistemas de Gestão**, Universidade Federal Fluminense, 2004.
- GLASMEYER, S. P. Acidentes Industriais Maiores: uma proposta para o gerenciamento de riscos a partir de uma revisão de requisitos legais. São Paulo, SP, 2006. **Dissertação (Mestrado), Centro Universitário SENAC**, 2006.

VIVÊNCIAS ACADÊMICAS NO PARQUE ECOLÓGICO SABURO ONOYAMA: CONSERVAÇÃO, DESAFIOS E APRENDIZADOS NO CERRADO URBANO

Amanda Lustosa dos Santos, Instituto Federal de Brasília - Campus Samambaia - amandalustosa140@gmail.com

Lucas da Silva Sousa de Carvalho, Instituto Federal de Brasília - Campus Samambaia - lkztrs@gmail.com

Geovanna da Cruz Soares*, Instituto Federal de Brasília - Campus Samambaia - geovannasoares788@gmail.com

José Wagner Alves Garrido, Professor no Instituto Federal de Brasília - Campus Samambaia - josewagnerag@gmail.com

Resumo: *Este relato de experiência apresenta as vivências acadêmicas realizadas no Parque Ecológico Saburo Onoyama, localizado em Taguatinga/DF. O objetivo da visita foi observar aspectos da fauna e flora do Cerrado, compreender a importância da conservação de áreas verdes urbanas e refletir sobre os desafios enfrentados pela unidade de conservação diante da urbanização. Durante a experiência, foram registradas espécies da fauna e flora típicas do Cerrado, observou-se a infraestrutura do parque, que inclui áreas de lazer como piscina de uso público, e foi analisado o papel do espaço como instrumento de educação ambiental. Entre as dificuldades identificadas, destaca-se os impactos da urbanização no entorno do parque, a pressão populacional e a necessidade de maior sensibilização comunitária para a preservação. A experiência possibilitou reflexões críticas sobre a relação entre áreas naturais e a expansão urbana, reforçando a relevância da prática de campo na formação técnica em controle ambiental.*

Palavras-chave: *Bioma; Educação Ambiental; Unidade de Conservação; Urbanização; Sustentabilidade.*

INTRODUÇÃO

O Parque Ecológico Saburo Onoyama é uma importante unidade de conservação situada em Taguatinga/DF, inserida no contexto urbano do Distrito Federal. Além de preservar fragmentos do bioma Cerrado, desempenha papel fundamental como espaço de lazer, educação ambiental e contato da comunidade com a natureza.

De acordo com a Lei nº 9.985/2000, que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), as unidades de conservação são espaços territoriais e seus recursos ambientais. Essas áreas têm a finalidade de assegurar a preservação da biodiversidade, a manutenção dos serviços ecossistêmicos e o uso sustentável dos recursos naturais. Sua importância está diretamente relacionada à proteção de ecossistemas, espécies da fauna e flora ameaçadas, além de promover a educação ambiental, pesquisa científica e proporcionar espaços de lazer e contato da sociedade com a natureza.

A realização de atividades de campo em ambientes como este é essencial para a formação de futuros profissionais da área ambiental, pois promove a integração entre teoria e prática, além de estimular reflexões críticas sobre a conservação em áreas urbanas.

Em face ao exposto, o objetivo deste relato é compartilhar a experiência vivida em um Parque Ecológico, destacando os aprendizados obtidos, os desafios enfrentados e a relevância do espaço para a conservação ambiental e educação da população.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A visita ocorreu no Parque Ecológico Saburo Onoyama situado em Taguatinga/DF em julho de 2025 e contou com a participação dos estudantes do curso Técnico Subsequente em Controle Ambiental do IFB – Campus Samambaia, tal atividade está relacionada com o componente curricular de Legislação Ambiental.

As atividades desenvolvidas incluíram a observação direta da fauna e flora típicas do Cerrado, registro de informações sobre a infraestrutura do parque e reflexões sobre a relação entre conservação ambiental e uso público.

Baseou-se em observação sistemática, registros fotográficos, rodas de conversa e discussão orientada, buscando integrar os conteúdos estudados em sala de aula às práticas de campo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a experiência, foram registradas observações relacionadas à fauna e à flora do Cerrado. Conforme mostra a Figura 1, embora não tenham sido avistados animais durante a visita, havia sinalização no parque destacando a possibilidade de ocorrência de fauna local.

Conforme a Figura 2 ilustra aspectos da flora presentes na unidade de conservação, reforçando a importância da preservação para a manutenção da biodiversidade em meio ao ambiente urbano, reforçando a importância da unidade de conservação para a manutenção da biodiversidade em meio ao ambiente urbano.



Figura 1 – Placa informativa sobre a fauna no Parque Ecológico Saburo Onoyama. (Fonte: Autores)

Conforme a Figura 2 ilustra aspectos da flora presentes na unidade de conservação, reforçando a importância da preservação para a manutenção da biodiversidade em meio ao ambiente urbano, reforçando a importância da unidade de conservação para a manutenção da biodiversidade em meio ao ambiente urbano.



Figura 2 – Presença de mata de galeria: (A) fitofisionomia comum em áreas de preservação e (B) raízes tabulares (sapopemas). (Fonte: Autores)

De acordo com a Figura 2A, trata-se de uma área preservada, caracterizada pela sua vegetação densa e árvores altas, enquanto na Figura 2B, expressa vegetações com raízes tabulares (sapopemas), a presença dessas raízes é uma característica da mata de galeria, que se desenvolve em áreas de solo úmido ao longo dos rios e córregos do bioma.

Também foi identificado, a presença de piscina aquáticas e de áreas de lazer, evidenciando o potencial do parque como espaço de convivência e de aproximação da comunidade com a natureza, caracterizando a multifuncionalidade do espaço ao integrar lazer e preservação ambiental.

A vivência permitiu refletir sobre os limites e potencialidades do parque, destacando a necessidade da efetividade de políticas públicas, como prevê o Sistema Nacional de Unidade de Conservação (Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000), Política Nacional de Educação Ambiental (Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999), Política Nacional de Recursos Hídricos (Lei nº 9.433, de 8 de janeiro de 1997) e outras normas, as quais retratam ações educativas contínuas e envolvimento da comunidade local para garantir a conservação dos recursos naturais e ter condições sadias à qualidade de vida da população.

Diversos estudos ressaltam a relevância das atividades de campo na formação de profissionais da área ambiental. Segundo Oliveira e Andrade (2019), as experiências em campo permitem aos estudantes vivenciar a realidade ambiental de forma direta, favorecendo a compreensão dos processos ecológicos e socioambientais. Já Silva et al. (2021), apontam que o contato com áreas naturais contribui não apenas para a assimilação de conteúdos, mas também para o despertar de valores voltados à conservação. Nessa mesma perspectiva, Santos e Pereira (2020) reforçam que atividades práticas em unidades de conservação urbanas fortalecem o vínculo da comunidade acadêmica com a preservação ambiental e estimulam reflexões críticas sobre os desafios da sustentabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Parque Ecológico Saburo Onoyama possibilitou aos discentes a oportunidade de vivenciar na prática os conteúdos trabalhados em sala, fortalecendo a compreensão sobre a importância das unidades de conservação urbanas.

O relato evidencia que a experiência contribuiu para a formação acadêmica e cidadã dos estudantes, promovendo maior conscientização sobre os impactos da urbanização e a urgência de ações de preservação do Cerrado.

Recomenda-se a continuidade de atividades acadêmicas no parque e o desenvolvimento de projetos de ensino, pesquisas e extensão, com o intuito de aproximar a comunidade da temática ambiental, fortalecendo a cultura de sustentabilidade e conservação.

Referências

DISTRITO FEDERAL. Instituto Brasília Ambiental – IBRAM. Parque Ecológico Saburo Onoyama. Disponível em: <<https://www.ibram.df.gov.br>>. Acesso em: set. 2025.

RIBEIRO, J. F.; WALTER, B. M. T. As principais fitofisionomias do bioma Cerrado. In: SANO, OLIVEIRA, M. R.; ANDRADE, T. P. Atividades de campo como instrumento pedagógico no ensino de Ciências Ambientais. Revista Brasileira de Educação Ambiental, v. 14, n. 2, p. 45-60, 2019.

SILVA, J. L.; COSTA, A. F.; MENDES, R. S. Educação ambiental crítica e práticas escolares: reflexões para o ensino médio. Revista Educação e Sociedade, v. 42, e022318, 2021.

SANTOS, F. R.; PEREIRA, M. L. Sustentabilidade e práticas ambientais em comunidades urbanas. Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 55, p. 112-130, 2020.

ENTRE AGULHAS E CUIDADOS: OLHAR PRÁTICO SOBRE FOS RISCOS AMBIENTAIS EM ESTÚDIOS DE TATUAGEM

Autor(es): Bru Ribeiro (Discente no Curso Técnico em Controle Ambiental); José Wagner Alves Garrido (Docente)

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília – Câmpus Samambaia

Contato: bruribeirobsb@gmail.com; josewagnerag@gmail.com

Resumo: *O ambiente laboral de serviços estéticos de tatuagem oferece riscos à saúde do trabalhador e ao meio ambiente. Nesse caso, esse relato tem objetivo de identificar os riscos ambientais presentes em um estúdio de tatuagem, analisando e identificando agentes que podem colocar em risco tanto o profissional quanto o meio ambiente. O trabalho foi realizado seguindo a Análise Preliminar de Riscos (APR) e a confecção do Mapa de Riscos para o ambiente laboral. Para os agentes físicos, foram identificados ruídos constantes, advindos dos equipamentos e máquinas. Além do desconforto térmico causado por ar-condicionado no ambiente fechado. Os agentes químicos como poeiras, tintas e solventes são os mais presentes na rotina de trabalho. Vírus, bactérias, protozoários, fungos e bacilos são os agentes biológicos aos quais os profissionais ficam expostos todos os dias, quando fazem o procedimento de estética. Esforço físico intenso, postura inadequada, monotonia e repetitividade foram identificados como os agentes ergonômicos.*

Palavras-chave: *higiene, saúde, segurança do trabalho, acidente, meio ambiente.*

INTRODUÇÃO

O ambiente laboral do profissional de estética corporal pode vir a comprometer sua saúde física e psíquica. Além disso, as atividades geram diversos resíduos sólidos e líquidos que devem ser destinados a logística reversa, uma vez que podem comprometer a qualidade dos recursos naturais, caso sejam descartados de forma inadequada.

De acordo com a Portaria nº 25, de 29 de dezembro de 1994, do Ministério do Trabalho, classifica os riscos ocupacionais como sendo os agentes físicos, químicos, biológicos, ergonô-

micos e de acidentes. Ocasionalmente maiores possibilidades de avaliação e controle e, desse modo, resultando na potencialização da busca por medidas de proteção mais eficazes para os trabalhadores.

Nos estúdios de tatuagem são realizados procedimentos com perfurocortante, utilização de solventes e tintas, bem como serviços repetitivos somados à postura inapropriada, o contato com os agentes ambientais é direto e faz parte da rotina dos profissionais.

Diante disso, o objetivo deste relato de experiência foi identificar os riscos ambientais em um estúdio de tatuagem, localizado em Samambaia – DF, visando relatar os fatores de riscos à saúde e ao meio ambiente.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência é conduzida por meio de realização de visitas técnicas em um ambiente estúdio de tatuagem, localizado em Samambaia – DF. Envolvendo discentes do curso Técnico em Controle Ambiental do Instituto Federal de Brasília, Campus Samambaia, componente curricular Higiene, Saúde e Segurança do Trabalho.

Para a análise foram realizadas observações diretas dos trabalhadores no ambiente laboral para identificação de cada risco ambiental, a partir da identificação dos riscos ambientais, foi realizada a Análise Preliminar de Riscos (APR), de acordo com as orientações de Esteves (2004), Glasmeyer (2006) e Barbosa Filho (2011). Com estes resultados foi possível a construção do Mapa de Riscos para o local de trabalho e a proposição de medidas preventivas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Figura 1, representa a sala de procedimento, onde são realizadas as tatuagens. Nesta imagem é possível identificar os agentes físicos: ruídos (fonte geradora foi a máquina de tatuagem), luminosidade (iluminação forte), ao qual o profissional da tatuagem está exposto diariamente no ambiente laboral, bem como risco de choques elétricos (fios de eletricidade e extensões). Riscos químicos (durante a utilização de tintas e solventes). Além disso, pôde observar a postura inadequada do profissional, em que poderá desencadear lesões devido a não adequação dos equipamentos de trabalho, enquadrando como um risco ergonômico.

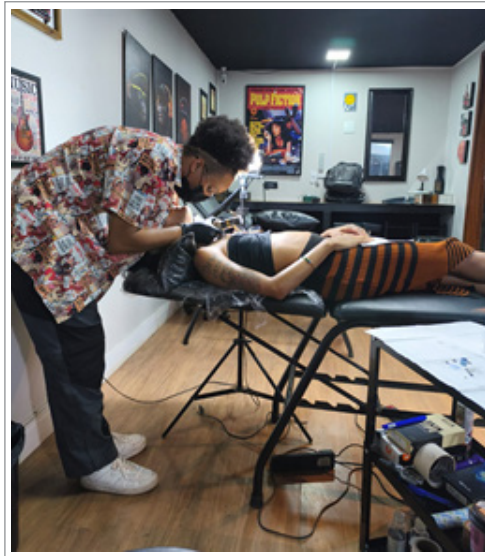


Figura 1 – Sala de procedimento, estúdio de tatuagem. (Fonte: Arquivo pessoal)

Na Figura 2, observa-se o uso dos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), luvas e máscaras descartáveis, bem como todo material de uso único, que também é descartável. A atividade de tatuador gera resíduos de descarte especial, como os perfurocortantes, que devem ser descartados nas unidades de saúde. Se o resíduo for em grandes quantidades o estúdio de tatuagem deve contratar uma empresa para realizar o descarte correto.

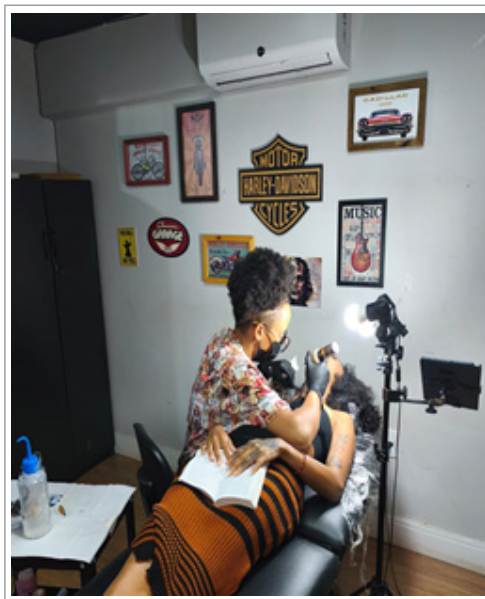


Figura 2 – Sala de procedimento, estúdio de tatuagem. (Fonte: arquivo pessoal)

Ainda, conforme a Figura 2, observa-se a presença do equipamento de ar-condicionado localizado bem acima do profissional e do cliente, o qual pode causar condições favoráveis a agentes biológicos como fungos e bactérias e exposição térmica, como o frio, provocado por mínimas temperaturas.

Na Figura 3, identifica os EPIs e os materiais utilizados durante o procedimento da tatuagem, após o término da atividade são descartados, com intuito de garantir a proteção do trabalhador e/ou consumidor e do meio ambiente.



Figura 3 – EPIs, ferramentas e materiais. (Fonte: Arquivo pessoal)

Observa-se ainda, na Figura 3, os riscos de acidentes relacionados à profissão de tatuador incluem os agentes perfurocortantes como as agulhas e os riscos de contaminação por agentes biológicos. Na Figura 4, apresenta o mapa de riscos para o ambiente laboral referente ao estúdio de tatuagem, considerando que os riscos ambientais identificados.

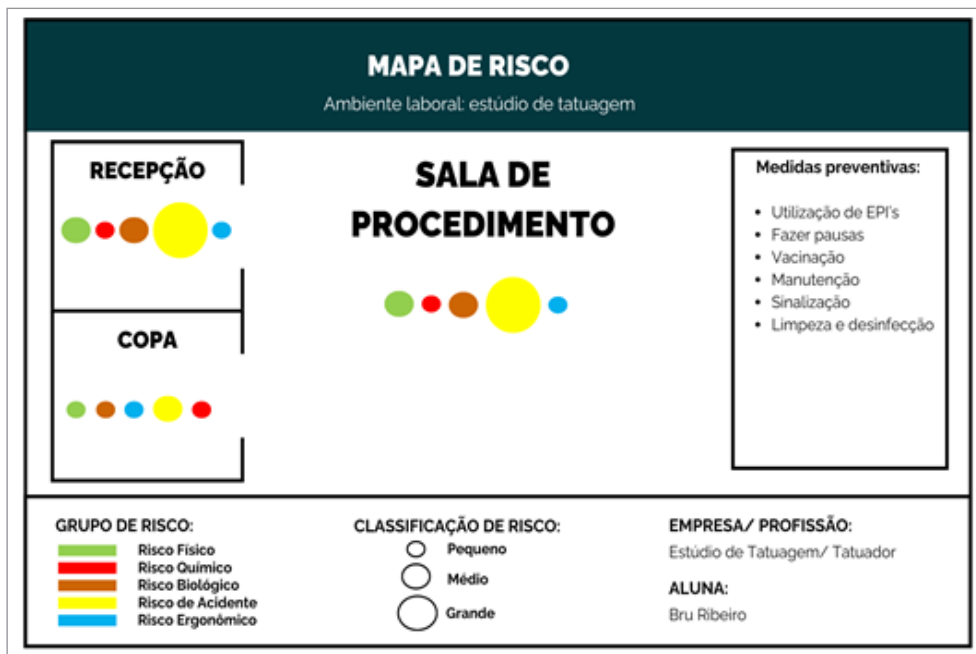


Figura 4 – Mapa de riscos do ambiente laboral referente ao estúdio de tatuagem. (Fonte: Arquivo pessoal)

Conforme a Figura 4, as medidas preventivas com o intuito de proteger o trabalhador, os EPIs podem ser óculos de proteção, máscara semifacial com filtro químico para vapores orgâ-

nicos, luvas, roupas de proteção (aventais ou macacões) e calçado de segurança para proteger pele e corpo contra respingos e vapores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta atividade prática possibilitou aos discentes a oportunidade de vivenciar na prática os conteúdos trabalhados em sala, fortalecendo a compreensão sobre a importância do gerenciamento dos riscos ambientais.

O relato evidencia que a experiência contribuiu para a formação acadêmica, com contribuição inédita sobre os riscos ambientais em um ambiente de estúdio de tatuagem.

Recomenda-se ampliar esta experiência para outros profissionais dessa natureza, com intuito de oportunizar outros trabalhadores a desenvolver a percepção dos riscos ambientais e a proteção do meio ambiente.

REFERÊNCIAS

ESTEVES, A. S. Gerenciamento de riscos de processo em plantas de petroquímicos básicos – uma proposta de metodologia estruturada. Niterói, RJ, 2004. Dissertação (Mestrado), Curso em Sistemas de Gestão, Universidade Federal Fluminense, 2004.

GLASMEYER, S. P. Acidentes Industriais Maiores: uma proposta para o gerenciamento de riscos a partir de uma revisão de requisitos legais. São Paulo, SP, 2006. Dissertação (Mestrado), Centro Universitário SENAC, 2006.

LINGÜÍSTICA, LETRAS E ARTES

OFICINA DE DANÇA CRIATIVA – CRIAÇÃO DE CÉLULA COREOGRÁFICA COM JOGO DE MOVIMENTO

Autor(es): Aleksandro Silva Alves; Maria Adeliciane da Paz Silva.

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiânia – IFG.

Contato: docenciaemmovimento@gmail.com

INTRODUÇÃO

A dança, compreendida como forma de expressão estética, sensível e educativa, constitui uma estratégia significativa para o desenvolvimento humano. Gardner (1995) afirma que todos os indivíduos possuem múltiplas inteligências, entre elas a cinestésica, que permite explorar o corpo, o movimento e a consciência de si. Contudo, o ambiente escolar ainda privilegia as inteligências lógico-matemática e linguística, limitando por muitas vezes o potencial de práticas artísticas no processo de ensino-aprendizagem. Segundo Ferreira e Falkembach (2012, p. 71), a dança é “uma possibilidade de expressão da vida e da existência”, constituindo-se como espaço de autoconhecimento e de leitura do mundo.



Figura 1 – Inteligências Múltiplas. (Fonte: <https://keeps.com.br>. Reportagem: Inteligências Múltiplas: o que é e como aplicar a teoria de Gardner, Acesso: Jun 2022)

Nesse sentido, Rocha (2016, p. 84) acrescenta que “pensar é um outro modo de fazer dança”, destacando a capacidade da arte em provocar novas formas de reflexão e existência. Este trabalho, desenvolvido como atividade da pós-graduação em Docência para Educação Profissional Tecnológica no IFG – Campus Luziânia, teve como objetivo relatar a experiência da “Oficina de Dança Criativa - Criação de Célula Coreográfica com Jogo de Movimento”, realizada com estudantes do Ensino Médio Integrado ao Curso Técnico em Informática, ressaltando sua relevância na construção de vivências artísticas, relacionais e pedagógicas

METODOLOGIA

A oficina foi realizada no Instituto Federal de Brasília (IFB- Campus Brasília), no curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio, dentro da disciplina de Linguagens - Artes. A prática foi desenvolvida de forma interventiva e participativa, em que os estudantes aprenderam fazendo, em um processo lúdico e colaborativo. A proposta metodológica foi inspirada em Laban (1978), que destaca a importância de investigar as qualidades do movimento, como níveis (baixo, médio e alto) e direções espaciais, para ampliar a expressividade corporal. Além disso, seguimos a perspectiva de Marques (2012), que defende a dança na escola como prática educativa interdisciplinar e promotora de autonomia criadora.

As etapas metodológicas foram organizadas da seguinte forma:

- Etapa 1 – Introdução: roda de conversa inicial, em que os estudantes se apresentaram e relacionaram suas sensações a cores e comidas, palavras sorteadas posteriormente em jogos de movimento.
- Etapa 2 – Aquecimento/Alongamento: exploração dos níveis da dança (baixo, médio e alto), seguida de alongamentos.
- Etapa 3 e 4 – Ritmo Musical: dinâmicas de contagem rítmica em grupo, individual e com música, integrando corpo e musicalidade.
- Etapa 5 – Jogo de Movimento: sorteio de palavras, criação de movimentos a partir de cada letra das palavras e composição de células coreográficas (pequena coreografia) em duplas e trios.
- Etapa 6 – Apreciação e Roda de Conversa: apresentação das coreografias criadas, seguidas de reflexão coletiva sobre a experiência.



Figura 2 – (a) Pulando de forma sincronizada; (b) Outro ângulo do pulo sincronizado; (c) Jogo de movimento; (d) Estudantes realizando o jogo de movimento. (Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, IFB Campus Brasília, set/2022)

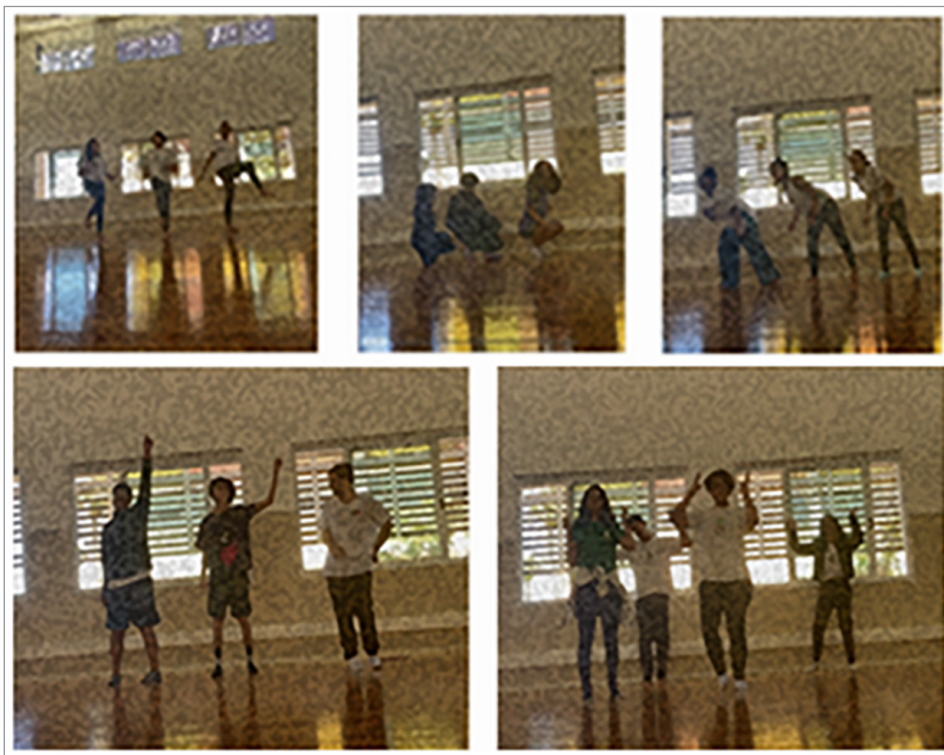


Figura 3 – (a) Pulando de forma sincronizada; (b) Outro ângulo do pulo sincronizado; (c) Jogo de movimento; (d) Estudantes realizando o jogo de movimento. (Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, IFB Campus Brasília, set/2022)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudantes demonstraram engajamento e disposição ao longo da oficina, superando inseguranças iniciais relacionadas à exposição corporal. A metodologia baseada em jogos e brincadeiras favoreceu a integração do grupo, estimulando a cooperação, a criatividade e a comunicação interpessoal.

Ribeiro e Silva (2022, p. 14) enfatizam que a Dança Criativa vai além de contribuições restritas ao corpo, sendo também reconhecida como Dança Educativa, pois utiliza jogos e brincadeiras para despertar o potencial criador. Essa perspectiva se confirmou na oficina: os jogos foram fundamentais para que os estudantes criassem movimentos espontâneos e colaborativos.

Foi perceptível o desenvolvimento de habilidades como atenção, memória, escuta e foco, além da capacidade de resolver problemas imediatos - especialmente no momento de adaptação dos movimentos individuais para a composição coletiva da célula coreográfica. Esse processo confirma a visão de Marques (2012) de que a dança na escola deve ser compreendida como área de conhecimento e não apenas como recreação.

O exercício de apreciação final possibilitou a construção do pensamento crítico e reflexivo, uma vez que os estudantes tiveram que observar, respeitar e valorizar a criação dos colegas, estabelecendo relações entre o fazer artístico e a convivência social. Como coloca Rocha (2016), a dança pode estimular modos diversos de pensar e estar no mundo, algo evidente no engajamento e nas reflexões dos adolescentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina cumpriu seu objetivo de estimular conexões interpessoais por meio da Dança Criativa, demonstrando que o corpo pode ser instrumento de aprendizagem significativa e de construção de novos modos de ser e estar no mundo. Entre os avanços, destacam-se a autonomia na criação coreográfica, o fortalecimento da coletividade e a integração entre ludicidade e aprendizado.

Entre as dificuldades, observou-se a resistência inicial de alguns estudantes em participar das propostas corporais, superada gradualmente com a criação de um ambiente seguro e acolhedor. Como perspectiva futura, recomenda-se ampliar a utilização de oficinas semelhantes em diferentes contextos escolares, valorizando a dança não apenas como recreação, mas como área de conhecimento e prática pedagógica interdisciplinar.

Referências

- FERREIRA, Taís; FALKEMBACH, Maria Fonseca. Teatro e Dança nos Anos Iniciais. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- GARDNER, Howard. Inteligências Múltiplas: a teoria na prática. Porto Alegre: Penso, 1995.
- LABAN, Rudolf. Domínio do Movimento. São Paulo: Summus Editorial, 1978.
- MARQUES, Isabel A. Interações: crianças, dança e escola. São Paulo: Blucher, 2012.

RIBEIRO; SILVA, Daiana Fernandes; Maria Adalciane da Paz , “Serhumaninhos em movimento: vivências pedagógicas no ensino da dança criativa,” Biblioteca digital de Trabalhos de Conclusão de Curso, acesso em 4 de setembro de 2025, <https://bdtcbra.omeka.net/items/show/70> .

ROCHA, Thereza. O que é Dança Contemporânea: uma aprendizagem e um livro de prazeres. Salvador: Conexões Criativas, 2016.

Vídeo produzido da oficina: <https://www.youtube.com/watch?v=wRHI8R9Bc1Y>

O CORPO E A MENTE NA SALA DE AULA

Autor(es): Grazielle Moreira Nazário Alves (*Professora de Língua Inglesa, estudante da Especialização em Gestão na Educação Profissional e Tecnológica*).

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília – IFB.

Contato: grazielealvesciencia@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência busca refletir criticamente sobre os desafios enfrentados nos primeiros anos de atuação docente, com ênfase nas condições de trabalho e nos impactos emocionais vivenciados em ambiente escolar. A experiência foi marcada por tensões, inseguranças e aprendizados, revelando a complexidade da construção da identidade profissional docente. O objetivo geral é analisar os efeitos das relações interpessoais e institucionais na saúde mental da professora iniciante.

APRESENTAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A prática docente ocorreu em uma escola pública, com turmas do Ensino Fundamental, na disciplina de Língua Inglesa. Desde o início, a experiência foi marcada por sentimentos ambíguos: de um lado, o entusiasmo com a oportunidade de ensinar; de outro, a insegurança frente às adversidades do ambiente escolar. Um episódio particularmente delicado envolveu a postura agressiva de uma professora, que, diante dos alunos e da supervisora, contestou o uso da língua inglesa em sala de aula. O episódio gerou profundo constrangimento e abalo emocional na docente, agravado pela ausência de apoio dos colegas. Apenas o vice-diretor demonstrou acolhimento e empatia, o que reforçou a percepção de isolamento no ambiente de trabalho. Apesar desses desafios, as vivências em sala com os alunos foram positivas. Observou-se um grupo com grande sede de conhecimento, ainda que prejudicado por colegas que não demonstravam o mesmo comprometimento com os estudos. A experiência evidenciou o poten-

cial transformador do ensino quando aliado ao engajamento dos estudantes. Nas aulas, foram aplicadas estratégias didáticas criativas para estimular o interesse e facilitar o aprendizado da língua inglesa. Utilizaram-se filmes com legendas como recurso audiovisual para desenvolver a compreensão oral e contextualizar vocabulário. Além disso, atividades práticas foram promovidas, como o uso de dados para fixar o conteúdo do verbo *to be*, e a dinâmica de "vestir-se da profissão", em que os alunos se caracterizavam de diferentes profissionais e colocavam placas com os nomes das ocupações em inglês. Essas ações contribuíram para tornar o aprendizado mais significativo, despertando o interesse dos alunos e promovendo um ambiente mais interativo e acolhedor. A superação das dificuldades se deu por meio da busca por formação continuada e pelo fortalecimento da autonomia pedagógica, permitindo à docente ressignificar sua prática e reafirmar seu compromisso com uma educação transformadora e inclusiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência vivenciada evidenciou que os primeiros anos da docência constituem um período de intensas descobertas, marcado tanto por conquistas quanto por frustrações. Um dos resultados mais relevantes refere-se ao impacto das relações interpessoais no ambiente escolar, que se mostraram determinantes para a construção da identidade profissional docente. O episódio de deslegitimação por parte de uma professora, ocorrido diante dos alunos e da supervisora, gerou sentimentos de humilhação e insegurança, evidenciando como situações de hostilidade podem fragilizar a saúde mental da docente iniciante. A ausência de apoio da equipe escolar, com exceção do vice-diretor, reforçou o isolamento profissional e afetivo, aspecto frequentemente relatado por professores em início de carreira, conforme destacam estudos que relacionam o desgaste emocional à precariedade das relações institucionais. Apesar desse contexto adverso, os resultados em sala de aula apontaram para um cenário distinto, no qual a interação com os alunos funcionou como elemento de motivação e de reafirmação do papel social da docência. A utilização de recursos audiovisuais, como filmes legendados, e de dinâmicas lúdicas, como jogos e encenações, favoreceu o engajamento dos estudantes e contribuiu para a aprendizagem significativa da língua inglesa. Essa experiência confirmou que metodologias ativas e criativas não apenas potencializam a compreensão do conteúdo, mas também fortalecem o vínculo entre professor e aluno, criando um ambiente de acolhimento e pertencimento.

Outro resultado relevante foi o reconhecimento da importância da autonomia pedagógica. Diante da ausência de apoio institucional, a docente buscou estratégias de formação continuada, o que lhe permitiu ressignificar a própria prática e adotar uma postura mais crítica frente às adversidades do contexto escolar. Esse movimento de autoformação reforça a perspectiva de que o desenvolvimento profissional docente é contínuo e está intrinsecamente ligado à capacidade de reflexão crítica sobre a própria experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência evidenciou a necessidade urgente de políticas e práticas escolares que promovam o cuidado com a saúde mental dos professores, especialmente nos anos iniciais da car-

reira. Para a docente, foi uma oportunidade de amadurecimento, fortalecimento emocional e afirmação da identidade profissional. Para a escola, revela-se a importância de cultivar relações mais respeitadas e colaborativas. A vivência relatada reforça o papel da formação continuada e da ética nas relações institucionais como pilares para uma prática pedagógica saudável e efetiva. Palavras-chave: Docência inicial; Conflitos escolares; Saúde emocional do professor.

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

NÓVOA, A. **Os professores e a sua Formação**. Lisboa: Edições Asa, 1992.

SABERES NEGROS: ESCRIVIVÊNCIA NA ACADEMIA

Autor(es): Leila Camila Barbosa Moreira (Estudante do Curso Superior de Tecnologia em Eventos), Letícia Bianca Barros de Moraes Lima (Doutora em Geografia).

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília.

Contato: leilacamila.bn@gmail.com; leticia.lima@ifb.edu.br

Resumo: *A intenção desse relato é poder abrir um espaço, um campo de escuta e diálogo que possa junto à própria estrutura, receptionar as diferentes experiências que enquanto sujeito carrego comigo no mundo. Pretendo situar o leitor nos aspectos que configuram a formação daquilo que entendemos enquanto sujeito, uma vez que, é por meio desses aspectos que temos reais condições de nos aproximarmos de qualquer produção que faça valer as bases pelas quais uma narrativa pode se afirmar no mundo. Por isso, enquanto Mulher preta, mãe e periférica, moldada pelo racismo estrutural, institucional e acadêmico, proibida de existir e que precisa a todo momento resistir, faço valer a escrita como um instrumento que junto a tantas outras ferramentas, reposiciona o modo como as instituições de produção de conhecimento têm nos receptionado. A partir de vivências pessoais e de intersecções que me atravessam nessa trajetória, busco por meio delas, desenvolver um desabafo acerca do racismo institucional.*

Palavras-chave: *Mulher, Preta, Mãe, Pobre, Academia, Racismo, Epistemicídio*

INTRODUÇÃO

Com o relato em questão pretendo expor, por meio da condição de mulher, preta, mãe, estudante, pesquisadora, periférica e acadêmica como as instituições são espaços de exclusão de saberes e conhecimentos advindos dos negros e de que forma essas mesmas instituições colaboram para a perpetuação do racismo. Contudo, o que evidencio é a capacidade de também resistir e inocular modos de falar e ser ouvida que, quando produzidos, interferem na lógica dominante. Em síntese, o que proponho é fazer-se notar como o racismo institucional atua

na exclusão e invisibilização dos saberes negros dentro das instituições, colaborando para a manutenção da hegemonia branca e a perpetuação da desigualdade racial.

A produção desse desabafo foi embasada nas contribuições teóricas de autoras fundamentais para a compreensão crítica das relações raciais e de gênero. Cida Bento (2022), em *O pacto da branquitude*, evidencia como a branquitude opera de forma estruturante para manter privilégios e silenciar vozes negras nas instituições, inclusive no meio acadêmico. Angela Davis (2016), em *Mulheres, raça e classe*, oferece uma análise interseccional sobre a opressão de mulheres negras, articulando as dimensões de gênero, raça e classe social na estrutura de dominação. Já Beatriz Nascimento (2021), em *Uma história feita por mãos negras*, recupera a centralidade das experiências negras na formação da sociedade brasileira, destacando a potência dos quilombos e dos movimentos negros como espaços de resistência e produção de saberes. A articulação dessas autoras permite fundamentar a compreensão sobre os mecanismos de exclusão e invisibilização enfrentados por nós, mulheres negras, inclusive no contexto acadêmico.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A partir da minha trajetória, explico de que modo as experiências individuais impactaram direta e simbolicamente meu corpo. Busco por meio de pesquisas, apontar que o ingresso de mulheres negras na academia continua sendo uma exceção, diante de uma realidade histórica ao qual nossos corpos foram destinados desde a infância, relegados às funções de base. Essa realidade reforça uma estrutura que naturaliza a exclusão e alimenta a ideia de que o espaço da produção de conhecimento não nos pertence. Tais estruturas moldam o imaginário social, mas também o íntimo: percebo que o racismo molda, de forma profunda, minha própria percepção de pertencimento, fazendo com que o desejo de estar na academia seja atravessado por sentimentos de não pertencimento e de "intrusão".

A vivência da maternidade, da negritude e da exclusão se entrelaça em uma condição de constante resistência, em que o desejo de produzir saber surge como enfrentamento e reconfiguração de uma narrativa que, por muito tempo, tentou negar o acesso à palavra, à pesquisa e ao pensamento. Nesse sentido, Sueli Carneiro (2023), contribui para minha reflexão, ao afirmar que o dispositivo de racialidade constrói o outro como um "não ser", negando-lhe humanidade, o que reforça a importância da produção intelectual de mulheres negras como um ato político de afirmação de existência e de ruptura com as lógicas de silenciamento historicamente impostas pelo epistemicídio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Adentrar o espaço acadêmico através da escrita torna-se fundamental no meu processo de constituição. Pois, ao mesmo tempo que sinto ter sido "moldada" pelo racismo e suas estruturas percebo, também, que enquanto opero no ultrapassamento dessa condição, faço valer minha escrita como recurso de resistência política, social e histórica.

Os resultados apontam que a auto-narrativa se configura como um instrumento capaz de gerar movimentos significativos nos contextos em que o sujeito está inserido. A análise do relato evidencia que as palavras, enquanto ferramentas de expressão, não apenas denunciam as violências sofridas, mas também indicam marcadores sociais que atravessam trajetórias de vida e delimitam oportunidades. Esse processo revela que a escrita não se restringe a um exercício individual, mas assume caráter coletivo, ao ampliar possibilidades de reflexão e transformação nas instituições que a reconhecem como forma legítima de produção de conhecimento. A auto-análise, conduzida a partir das vivências no campo da produção de eventos, demonstra que as experiências pessoais, quando elaboradas no espaço acadêmico, possibilitam a construção de novos modos de vida, reafirmando o potencial da escrita como prática emancipatória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse relato é uma possibilidade de me reconhecer e me afirmar em um espaço que, tantas vezes, tenta negar minha presença e meu pertencimento. Ao escrever sobre minha trajetória como mulher preta, mãe e periférica, constantemente atravessada pelo racismo estrutural, institucional e acadêmico, reafirmo que a escrita é mais do que um exercício intelectual: é um ato de sobrevivência, de resistência e de construção de caminhos para mim e para tantas outras.

A experiência me mostrou que minha voz não está isolada. Ela ecoa junto às de mulheres como Cida Bento (2022), Angela Davis (2016), Beatriz Nascimento (2021), Neusa Santos (1983) e Sueli Carneiro (2023), que abriram caminhos para que pudéssemos hoje narrar nossas próprias histórias e questionar as estruturas que nos silenciam. Ao lado delas, percebo que minha escrita também pode ser um gesto político de insubmissão, rompendo com o epistemicídio e afirmando a legitimidade do saber que nasce da vivência.

Ao transformar dor em palavra, percebo que este relato não é apenas sobre mim, mas sobre muitas de nós, mulheres empurradas para fora da produção de conhecimento e, ainda assim, que produziram um ato político de ocupar esses espaços. Esse processo me fez entender que resistir não significa apenas sobreviver, mas criar novos modos de existir dentro da academia, abrindo frestas para que outras também possam chegar.

A relevância dessa experiência está justamente em afirmar que nossas narrativas são conhecimento e que o campo acadêmico precisa se abrir para acolher essas vozes. Espero que o que aqui escrevo possa inspirar outras mulheres negras a utilizarem suas histórias não só como ferramentas de denúncia, mas também de cura e de reexistência.

Como continuidade, desejo que esse exercício de autoanálise e escrita possa ser replicado em diferentes contextos, fortalecendo a ideia de que cada trajetória importa e que a produção de saber não precisa se restringir aos moldes da hegemonia branca. A academia pode – e deve – ser lugar onde nossas experiências são reconhecidas como parte legítima da construção do conhecimento.

Assim, encerro reafirmando: minha escrita é resistência, é memória e é futuro. É a senha pela qual acesso o mundo e pela qual também desejo abrir portas para que outras possam atravessar comigo. Nos curando através da escrevivência.

Referências

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. São Paulo: Zahar, 2023.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**; Tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombo e movimentos; organização Alex Ratts. 1. ed. Rio de Janeiro:Zahar, 2021.

SANTOS, Neusa Santos. Tornar-se negro. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TREINAMENTO ENERGÉTICO PARA BAILARINOS CRIADORES: UM ESTUDO PRÁTICO

Autor(es): Larissa Sousa Luz; Raquel Purper.

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília – IFB.

Contato: larissa61074@estudante.ifb.edu.br; raquel.purper@ifb.edu.br

Resumo: *A pesquisa tem como base os estudos do teatro físico e é permeada pelos trabalhos de Eugenio Barba, Jerzy Grotowski e pelo treinamento energético desenvolvido pelo grupo Lume Teatro. A partir de vivências pessoais no teatro e do contato direto com o treinamento energético, surgiu o desejo de aprofundar a investigação e compor um grupo de estudos. Para isso, ministrei aulas para um grupo que investigou a junção entre o teatro e a dança, percebendo como a exaustão pode ser transformada em energia e, então, em criação cênica. Essa junção entre linguagens gerou uma possibilidade de aprofundamento nos estudos do corpo-mente e da presença em cena. Nos momentos finais do processo, as práticas se intensificaram, com aulas contínuas e sem pausas, levando os participantes ao limite físico e emocional. Esses momentos de exaustão, no entanto, revelaram também um estado de renovação e reorganização interna. Os relatos apontam sensações de leveza, consciência ampliada e até mesmo de um estado meditativo, abrindo espaço para novos caminhos de pesquisa dentro da formação artística.*

Palavras-chave: *energia; dança; teatro; exaustão; treinamento energético.*

INTRODUÇÃO

Minha primeira experiência com o treinamento energético aconteceu entre 2019 e 2020, durante a graduação em Teatro. Desde então, me interessei pelo possível processo de transformação alcançado nesse tipo de prática. O que mais me encantou, foi entender que o treinamento energético não se limita à técnica. Ele atua em um nível mais profundo, em uma escuta sensível do próprio corpo e dos impulsos internos.

Ao entrar no curso de Licenciatura em Dança, em 2023, percebi, conversando com alguns colegas, que "treinamento energético" não era um assunto de conhecimento comum. Me chamou muito a atenção, principalmente porque bailarinos(as) trabalham intensamente com seus corpos: em aulas, ensaios, criações, apresentações, fora e dentro da universidade, estando em movimento constantemente. Mesmo com toda essa carga física e emocional, muitas vezes não há um preparo específico para a gestão do cansaço ou a qualidade da presença em cena.

Foi a partir desses questionamentos que cresceu a vontade de investigar e propor o treinamento energético como um dispositivo na formação de bailarinos criadores. A relevância desta proposta se dá por ser uma alternativa à preparação corporal de bailarinos criadores, dentro do Instituto Federal de Brasília (IFB). Ao buscar vídeos e referências online (além dos textos), percebi que não há muito material, o que me motivou a produzir um documentário que possa servir como registro e material de estudo para pesquisas posteriores.

O objetivo principal deste trabalho foi abrir espaço para o diálogo entre o teatro e a dança dentro do IFB, defendendo que o treinamento energético pode ampliar o repertório corporal e criativo do bailarino. Neste sentido, a dança se alimenta de outras fontes, expandindo seus caminhos de criação, sensibilização e expressão.

DESCRIÇÃO DE EXPERIÊNCIA

Antes de iniciar a parte prática do projeto, realizei uma pesquisa para definir os referenciais teóricos. Junto a isto, participei do curso Da energia à Ação, ministrado por Naomi Silman[1], integrante do grupo LUME Teatro. O curso aconteceu em Salvador e teve como foco o treinamento energético. Foram três dias intensos de vivência prática, com carga horária extensa, o que ampliou significativamente minha compreensão sobre o tema e influenciou diretamente na construção da proposta que desenvolvi posteriormente.

Logo após essa imersão, iniciei a etapa prática do projeto, ministrando aulas durante os meses de junho e julho de 2025, no Instituto Federal de Brasília (IFB), no campus Brasília. As aulas aconteceram em uma das salas de dança, duas vezes por semana, às segundas e quintas-feiras, das 9h às 12h, totalizando três horas de duração por encontro. Os participantes tinham idades variadas, entre 18 e 40 anos, sendo cinco mulheres e dois homens. Para registrar o processo, contei com uma videomaker que participou, praticamente, de todos os encontros. Cada aula foi pensada individualmente, com base na observação do grupo e na construção gradual do que era necessário para atingir os objetivos da prática.

As aulas tinham caráter intensivo e foram cuidadosamente estruturadas como um processo gradativo. Ao longo dos encontros, os participantes foram sendo preparados física e energeticamente para, somente nos últimos dias, vivenciarem práticas contínuas, sem pausas, ao longo das três horas. Esses momentos finais do processo foram conduzidos em alta carga energética, levando os participantes ao limite físico e emocional. Chegavam ao final exaustos, mas também em um estado de renovação interna, como se algo tivesse sido reorganizado dentro de cada um. Essa experiência de esgotamento seguido de revitalização se tornou um dos aspectos mais marcantes do trabalho.

O estudo envolveu práticas oriundas do teatro, voltadas à ativação do corpo e ao desenvolvimento da presença cênica. Propus exercícios que buscavam despertar o “leão interno”, como costume chamar, com jogos de atenção e aquecimento como jogar peteca e o mergulhão do cavalo-marinho com o objetivo de gerar energia e aprender a sustentá-la em cena. Trabalhamos também com exercícios de ação e reação utilizando materiais simples como bolinhas, bastões e balões.

A respiração foi um dos pilares do treinamento, especialmente aliada aos princípios do Kung Fu e à prática do Chi Kung [2], utilizados para concentrar e canalizar a energia necessária ao trabalho. Investigamos o desconforto em cena, lidando com situações como “ser observado ou interrompido durante uma ação”, buscando desenvolver uma postura de presença confortável, mesmo em contextos de exposição.

Durante o processo, investigamos planos corporais, diferentes velocidades e a relação entre estímulos internos e externos e como o ambiente interfere na estrutura corporal, mas também como o estado interno pode reconfigurar essa relação. Um dos conceitos que atravessou o trabalho foi o que chamo de koshi, uma energia localizada cerca de três dedos abaixo do umbigo, considerada essencial para o enraizamento e estabilidade do corpo. Trabalhamos o desenvolvimento dessa energia e sua permanência, inclusive quando os participantes não estavam diretamente em cena, ou seja, como manter o “estado de prontidão” e o movimento interno ativo, mesmo na espera.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Depois desse longo e intenso processo de aulas que planejei e ministrei, fui surpreendida de diversas maneiras. Muitas das aulas que, inicialmente, programei precisaram ser revistas. Observando o grupo, pude perceber suas necessidades e, assim, refazia a proposta, ajustando as ordens de atividades, mudando as dinâmicas para que o trabalho se tornasse mais potente e conectado com o momento presente.

Compreendi que a condução desta prática exige uma escuta: estar atenta ao que está acontecendo aqui e agora, e não ficar completamente presa ao planejamento original. Mais do que seguir uma estrutura fixa, era essencial me comprometer com o desenvolvimento real daqueles corpos em processo. Em razão disso, muitas vezes deixava o plano de aula de lado e aproveitava o que eles estavam criando ou como algumas provocações minhas levavam eles para um lugar totalmente novo.

No documentário, que está em fase de edição, há diversos depoimentos dos participantes. Alguns relataram como, no início, algumas propostas pareciam desconexas e difíceis de compreender e que, com o tempo, passaram a fazer sentido. Senti que o próprio processo mostrou os caminhos. Perceber a diferença em aspectos corporais de como começaram e como terminaram o treinamento foi muito significativo, pois comecei esse projeto com o intuito de compreender a importância de treinamentos específicos dentro da dança e de defender a ideia de que a dança deve beber de outras águas. Energia gera energia, e o corpo cansado também cria novas configurações.

Uma descoberta inesperada foi perceber, a partir do relato dos próprios participantes, que o trabalho levava a um certo estado meditativo. Muitos relataram uma sensação de corpo mais leve, mais oxigenado, como se estivessem entrando em outro nível de consciência após as aulas. Além disso, muitos demonstraram interesse em continuar estudando sobre o tema, expressaram desejo de ter mais aulas, participar de outros cursos e aprofundar esse tipo de experiência. Foi como plantar uma semente que começou a criar raízes.

Estas reações me mostraram o quanto esse trabalho foi e é rico e potente. Também reforçou a ideia de que, para nós, artistas do corpo, mas especificamente bailarinos, que estamos em constante movimento ao longo da semana, é essencial pensar em práticas que nos ajudem a sustentar essa intensidade e o desgaste corporal a longo prazo. O estudo energético vai muito além do “suor” e da fisicalidade. Ele se torna uma prática de autoconhecimento a qual ensina onde colocar nossa energia, como lidar com o cansaço, como utilizar a dor e a mente exausta para permanecer em movimento. E, sobretudo, ajuda a desenvolver uma espécie de mestre interno, de compreender nosso limite, quando não posso ou devo ultrapassar o limite, para assim experimentar outros estágios de energia e criação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivida ao longo deste processo evidenciou a potência e a importância de integrar o treinamento energético às práticas da dança. A partir dos estudos do teatro físico, especialmente nos trabalhos de Jerzy Grotowski, Eugenio Barba e do grupo Lume Teatro, e muitos e muitas outras que conheci ao longo dessa trajetória, tornou possível perceber como esses conhecimentos, quando adaptados e inseridos no universo da dança, ampliam as possibilidades de criação, escuta corporal e presença em cena. Compreender que a dança pode e deve dialogar com outras linguagens artísticas é reconhecer uma potência das práticas corporais. O treinamento energético, além de promover condicionamento físico, nos convida a estados de meditação, abrindo espaço para novas investigações. Portanto, é um trabalho intenso de pesquisa e autoconhecimento.

Essa experiência pode ser aplicada em diferentes contextos de formação, tanto na dança quanto no teatro, em oficinas, núcleos de pesquisa ou ações de extensão. O material gerado ao longo do processo, incluindo os registros audiovisuais, podem servir como base para novos desdobramentos e aprofundamentos, contribuindo para que outras pessoas conheçam e desenvolvam práticas. Também há espaço para o aperfeiçoamento e expansão da proposta: seja através do desenvolvimento de metodologias mais estruturadas, da articulação com outras práticas corporais, ou mesmo da criação de programas contínuos de treinamento. Pretendo seguir com essa pesquisa e contribuir para que mais pessoas tenham contato com o treinamento e, quem sabe, desenvolvam alguma nova prática a partir desses estudos. Levar essa investigação para frente é fortalecer o cuidado com o trabalho do artista e valorizar o autoconhecimento como dispositivo na formação e na criação cênica.

Referências

- [1] Atriz-pesquisadora colaboradora do LUME Teatro – grupo brasileiro de referência na pesquisa da arte de ator e vencedor do Prêmio Shell 2013 em pesquisa continuada - palhaça e diretora, nascida em Londres e radicada no Brasil desde 1997. Graduada em artes cênicas pela Universidade de Londres, continuou os seus estudos com mestres em teatro físico, palhaçaria e butoh como Philippe Gaulier, Jacques Lecoq, Sue Morrison e Tadashi Endo. Disponível em: <https://www.lumeteatro.com.br/o-nucleo/atrizes-e-atores/naomi-silman>. Acesso em: 19.set.2025.
- [2] Qigong, chi kung ou kikō é um termo de origem chinesa que se refere ao trabalho ou exercício de cultivo da energia. Estes exercícios têm a finalidade de estimular e promover uma melhor circulação de energia qi (energia vital) no corpo.

ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM E CRIATIVIDADE NO EMI: UMA EXPERIÊNCIA DO PIBID COM O DITADO CONTEXTUALIZADO

Autor(es): Eliene do Carmo Santos Nunes¹; Douriana Ribeiro Torres¹; Edgar Silva do Nascimento¹; Luiz Carlos Fernandes de Souza¹; Marcos José Alves de Souza².

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília – IFB, (1) Campus Ceilândia, (2) Campus Samambaia.

Contato: eliene.nunes@ifb.edu.br; douriana.torres@estudante.ifb.edu.br; edgar65356@estudante.ifb.edu.br; luiz75101@estudante.ifb.edu.br; – IFB Campus Samambaia – marcos.souza6@estudante.ifb.edu.br

Resumo: Este trabalho apresenta uma experiência pedagógica desenvolvida com turmas do 1º ano do Ensino Médio Integrado (EMI) do IFB – Campus Ceilândia, no componente de Linguística e Literatura. A atividade, denominada Ditado Contextualizado, foi conduzida por licenciandos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em parceria com a professora regente/supervisora, com o objetivo de ampliar o vocabulário, aprimorar a escrita e estimular a produção textual criativa dos estudantes. A partir da seleção de 40 palavras do texto *A Agonia de um Bioma*, presente na Matriz de Referência da 1ª Etapa do Programa de Avaliação Seriada (PAS) da Universidade de Brasília (UnB), os resultados evidenciaram avanços na escrita, na escuta e na interpretação textual, além de despertar maior interesse pela ampliação do repertório linguístico.

Palavras-chave: ditado contextualizado; vocabulário; escrita criativa; ortografia.

INTRODUÇÃO

A experiência foi realizada nas aulas do componente curricular de Linguística e Literatura, nos dias 31 de julho e 1º de agosto de 2025, com os estudantes das turmas do 1º ano do Ensino Médio Integrado, dos cursos Técnico em Segurança do Trabalho (TST) e Técnico em Eletrônica (TEN) do IFB – Campus Ceilândia. A atividade foi planejada e conduzida pelos licenciandos participantes do PIBID, em parceria com a professora regente/supervisora no contexto das iniciativas que buscam articular a formação inicial docente com a prática pedagógica em sala de aula. A proposta visou enfrentar dificuldades de ortografia e vocabulário recorrentes no contexto escolar e que afetam o desempenho dos estudantes em avaliações externas, como o Programa de Avaliação Seriada da Universidade de Brasília (PAS/UnB).

JUSTIFICATIVA

O relato aponta a importância da proposta para a formação de professores e para o ensino de Língua Portuguesa. A iniciativa aproxima a teoria da prática e permite que futuros professores conheçam metodologias de ensino ativas e adaptadas ao contexto escolar. Embora alguns educadores considerem o ditado como uma atividade simples e ultrapassada, no contexto de ditado com a escrita criativa, a atividade configura-se como uma estratégia de aprendizagem de grande relevância, uma vez que desenvolve no estudante múltiplas habilidades como a escuta mais atenta, a concentração, a consolidação dos conhecimentos ortográficos e gramaticais.

Segundo Sousa (2014, p. 118), “[...] escrever na tarefa do ditado é transformar um texto ouvido num registro gráfico. Se é verdade que implica conhecimentos linguísticos, ortográficos, caligráficos e de convenções de escrita, omite, contudo, a vertente de autoria”. Sobre a omissão da “vertente da autoria”, é importante salientar que o ditado aliado à escrita criativa mostra-se como uma opção para o preenchimento dessa lacuna, uma vez que permite ao estudante “desbloquear” o processo de escrita por meio da produção textual livre e significativa para ele.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A atividade foi conduzida pelos licenciandos participantes do PIBID em parceria com a professora regente/supervisora e foi desenvolvida nas seguintes etapas: inicialmente, foram ditadas 40 palavras selecionadas do texto A Agonia de um Bioma, da matriz de referência da 1ª etapa do PAS/UnB; em seguida, procedeu-se à correção coletiva, momento em que os bolsistas registraram no quadro as formas corretas das palavras, permitindo que os estudantes revisassem suas próprias produções e reescrevessem os vocábulos em desacordo com a grafia correta; a próxima etapa correspondeu à leitura do texto para compreensão do significado das palavras no contexto específico; por fim, realizou-se uma produção textual livre, na qual os discentes deveriam elaborar um texto criativo utilizando cinco palavras - Cerrado, hotspot, sazonal, premente, agronegócio -, na ordem previamente indicada pelos licenciandos.

Embora tenha havido momentos de dispersão e conversas paralelas, características presentes em turmas do primeiro ano do ensino médio, percebeu-se que houve interesse por parte dos estudantes em executar a tarefa, originando inclusive uma discussão enriquecedora sobre o texto trabalhado, destacando principalmente a importância do bioma Cerrado no contexto ambiental brasileiro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No 1º ano do EMI em Eletrônica participaram ao todo 34 estudantes, cujos desempenhos foram organizados e analisados de forma quantitativa e qualitativa. Os dados coletados indicam variações significativas no domínio ortográfico dos alunos. A tabela a seguir representa a distribuição dos estudantes conforme o percentual de acertos no ditado:

Tabela 1 – % acerto de palavras do ditado (1º ano – EMI/TEN).

% ACERTO DE PALAVRAS DO DITADO	
< 50%	5
50% ----- 60%	4
60% ----- 70%	6
70% ----- 80%	5
80% ----- 90%	9
90% ----- 100%	5

Fonte: Os autores, 2025.

Apenas 41% dos alunos (14 de 34) atingiram um percentual de acerto superior a 80%, o que é um indicativo de bom domínio da ortografia das palavras trabalhadas. Por outro lado, 27% dos estudantes (9 alunos) ficaram abaixo de 60% de acerto, revelando dificuldades significativas com a grafia correta. A dispersão dos dados mostra a existência de diferentes níveis de competência linguística dentro da mesma turma, o que evidencia a necessidade de estratégias pedagógicas diferenciadas. No que se refere à etapa da escrita criativa, a maioria dos alunos optou por textos narrativos ou dissertativos convencionais. No entanto, dois estudantes se destacaram ao escolher a poesia como forma de expressão, demonstrando sensibilidade estética e criatividade acima da média.

Já na turma de 1º ano do EMI em Segurança do Trabalho 26 estudantes realizaram a atividade, cujo percentual de acertos dos vocábulos está organizado na tabela 2:

Tabela 2 – % acerto de palavras do ditado (1º ano – EMI/TST)

% ACERTO DE PALAVRAS DO DITADO	
< 50%	3
50% ----- 60%	1
60% ----- 70%	8
70% ----- 80%	7
80% ----- 90%	3
90% ----- 100%	4

Fonte: Os autores, 2025.

O fato de apenas 27% dos estudantes (7 de 26) terem alcançado um percentual de acerto de maior que 80% reforçam a necessidade de aplicação do ditado contextualizado nos bimestres contínuos, além do desenvolvimento de outras atividades de aprendizagem voltadas para o aperfeiçoamento da grafia e para a expansão do vocabulário dos estudantes. Apenas um estudante não participou da etapa da escrita criativa e 3 estudantes não utilizaram todas as palavras indicadas pelos licenciados para a produção do texto (cerrado, hotspot, sazonal, premente, agronegócio). Com relação ao tipo textual, a maioria dos estudantes escreveu uma narrativa comum, mas chamou a atenção uma aluna que escreveu uma poesia. Por ser uma escrita li-

vre, as abordagens foram variadas, destacando-se o texto de um estudante que optou por uma abordagem de cunho político, evidenciado a importância social da temática do meio ambiente abordada pelo texto A Agonia de um Bioma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência realizada demonstra a relevância do PIBID como espaço de formação que integra licenciandos, professores supervisores e estudantes do ensino médio, promovendo aprendizagens significativas para todos os envolvidos. Mesmo diante de desafios próprios do contexto escolar, o ditado contextualizado evidenciou o engajamento e interesse dos discentes, reforçando a importância da realização de atividades de aprendizagem inovadoras para o aperfeiçoamento das habilidades linguísticas dos discentes.

Referências

SOUSA, Otília Costa e. O ditado como estratégia de aprendizagem. **Educação e Formação**, Lisboa, Número 9, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ipl.pt/entities/publication/1a4287b2-8f0a-4418-8de9-4689681147e9>. Acesso em 19 set. 2025.

WALTER, Bruno Machado Teles; SEVILHA, Anderson Cassio. A agonia de um bioma. *In*: O cerrado está morrendo. **Revista Darcy n. 21**, p. 6-7. Disponível em: <https://revistadarcy.unb.br/images/PDF/darcy21.pdf>. Acesso em 19 set. 2025.

DITADO CONTEXTUALIZADO E ESCRITA CRIATIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID COM OBRA DO PAS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Autor(es): Eliene do Carmo Santos Nunes¹; Leonardo Barbosa Mendes¹; Luiz Carlos Fernandes de Souza¹; Marcos José Alves de Souza².

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília – IFB, (1) Campus Ceilândia; (2) Campus Samambaia.

Contato: eliene.nunes@ifb.edu.br ; leonardo.mendes@estudante.ifb.edu.br; luiz75101@estudante.ifb.edu.br; marcos.souza6@estudante.ifb.edu.br

Resumo: Este estudo apresenta uma experiência pedagógica com turmas do 2º ano do Ensino Médio Integrado nos cursos técnicos em Segurança do Trabalho (TST) e Eletrônica (TEN), no componente curricular de Linguística e Literatura do IFB – Campus Ceilândia. A atividade de ditado contextualizado, planejada e conduzida pelos licenciandos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em parceria com a professora regente/supervisora, teve como objetivo ampliar o vocabulário, trabalhar a ortografia e estimular a produção textual criativa. Para isso, foram selecionadas 37 palavras de um texto científico da Matriz de Referência da 2ª etapa do Programa de Avaliação Seriada (PAS) da Universidade de Brasília (UnB). Os resultados indicaram que a prática favoreceu a aprendizagem linguística, o desenvolvimento comunicativo e sociointerativo, além de evidenciar que o ditado é um recurso eficaz para integrar escrita correta, criatividade e participação colaborativa.

Palavras-chave: ditado contextualizado; vocabulário; ortografia; escrita criativa.

INTRODUÇÃO

A experiência relatada foi realizada no Instituto Federal de Brasília – Campus Ceilândia, nos dias 30 e 31 de julho de 2025, com estudantes do 2º ano do Ensino Médio Integrado, dos cursos Técnico em Segurança do Trabalho (TST) e Técnico em Eletrônica (TEN). A atividade foi conduzida por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em parceria com a professora regente/supervisora no âmbito das ações que visam aproximar a formação inicial de professores da prática pedagógica em sala de aula. A intervenção didática partiu de demandas concretas observadas no contexto escolar, sobretudo no que se refere ao domínio da ortografia e do vocabulário, aspectos frequentemente identificados como fragilidades

no desempenho discente e em avaliações externas, como o Programa de Avaliação Seriada da Universidade de Brasília (PAS/UnB). De acordo com Sousa (2014), o ensino da ortografia tem sido historicamente negligenciado nas práticas escolares, muitas vezes reduzido à memorização de regras, sem o devido investimento em atividades que promovam a compreensão linguística e a contextualização do uso da língua. Ainda segundo a autora, “o ditado continua a ser uma estratégia didática que, quando bem utilizada, pode contribuir significativamente para o desenvolvimento das competências da escrita” (SOUSA, 2014, p. 116). Nesse sentido, o presente relato tem como propósito analisar uma proposta pedagógica que aliou o ditado contextualizado à escrita criativa, buscando não apenas avaliar a ortografia, mas também ampliar o repertório lexical e estimular a produção textual dos estudantes em contextos significativos.

Justificativa

A experiência apresentada evidencia a relevância para a formação docente e o ensino de Língua Portuguesa ao articular teoria e prática, permitindo aos licenciandos vivenciarem metodologias ativas e contextualizadas no espaço escolar. Também reforça a importância da alfabetização linguística contínua no Ensino Médio, sobretudo entre estudantes de cursos técnicos, que frequentemente enfrentam dificuldades de leitura e produção textual. Conforme Sousa (2014), ensinar e aprender a escrever implica compreender o papel social da escrita e suas implicações práticas, ressaltando a necessidade de atividades significativas. Nesse sentido, o uso de textos da Matriz de Referência da 2ª etapa do PAS favorece a preparação para avaliações externas e o desenvolvimento de competências linguísticas essenciais para a vida acadêmica e profissional.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A atividade foi planejada e conduzida e pelos bolsistas do PIBID em parceria com a professora regente/supervisora e objetivou trabalhar ortografia e vocabulário a partir de um dos textos da Matriz de Referência da 2ª etapa do PAS da UnB, intitulado “A geometria e sua relação com as estruturas dos vírus”, de Gabriel Cafeu Brandão. O texto foi selecionado por apresentar extensão adequada ao tempo de aula e por conter termos pouco frequentes no vocabulário cotidiano dos estudantes, o que possibilitou um trabalho linguístico mais desafiador. Ao todo, foram escolhidas 37 palavras com potencial de erro ortográfico, que serviram de base para a realização de um ditado contextualizado. No primeiro momento, as palavras foram ditadas e os alunos registraram como acreditavam ser a grafia correta. Em seguida, os bolsistas realizaram a correção coletiva no quadro, enquanto os estudantes reescreviam a forma correta ao lado de suas respostas, identificando os equívocos cometidos. Na sequência, ocorreu a leitura compartilhada do texto, com atenção especial à compreensão das palavras previamente trabalhadas, retomadas no momento em que apareciam. Para concluir, os alunos participaram de uma atividade de escrita criativa, utilizando cinco vocábulos selecionados — sanar, minuciosa, mosaico, coronavírus e acoplado —, que foram inseridos gradativamente na produção textual a cada dois minutos.

A proposta integrou leitura, escrita e reflexão linguística, mobilizando metodologias ativas, ensino contextualizado e avaliação formativa, o que favoreceu o protagonismo dos estudantes e o uso significativo da língua. A aplicação do ditado mostrou-se bastante produtiva, pois permitiu identificar com clareza as principais dificuldades ortográficas da turma, muitas delas relacionadas ao uso de letras dobradas, à acentuação e à confusão entre sons semelhantes. A correção coletiva promoveu momentos de troca e discussão, estimulando a aprendizagem colaborativa. Além disso, muitos estudantes demonstraram surpresa ao perceber que desconheciam o significado de várias palavras, o que reforçou a importância da ampliação vocabular em contextos reais de leitura. Ao final da atividade, os discentes relataram que o exercício, embora diferente das práticas às quais estavam habituados, foi útil e dinâmico, pois possibilitou compreender, na prática, como o domínio da ortografia e do vocabulário está diretamente relacionado à interpretação de textos e à produção escrita.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram 46 estudantes de duas turmas e a tabela abaixo apresenta a distribuição percentual de acertos no ditado, que envolvia palavras de uso técnico e cotidiano, aplicadas a um texto do PAS:

Tabela 1 – % acerto de palavras do ditado

% ACERTO DE PALAVRAS DO DITADO	
< 50%	5
50% ----- 59%	9
60% ----- 69%	8
70% ----- 79%	11
80% ----- 89%	11
90% ----- 100%	2

Fonte: os autores, 2025.

A análise dos resultados demonstra que a maioria dos estudantes se concentrou entre 70% e 89% de acertos (22 alunos), revelando um desempenho satisfatório no domínio ortográfico. Apenas dois alunos alcançaram a faixa de excelência (90% a 100%), o que aponta a necessidade de fortalecer o trabalho voltado ao aprimoramento ortográfico até níveis mais elevados. Por outro lado, chama a atenção o número de estudantes com desempenho insatisfatório: 14 alunos (cerca de 34% dos estudantes) ficaram abaixo de 70% de acertos, evidenciando dificuldades que demandam intervenções pedagógicas específicas, sobretudo voltadas à fixação de convenções ortográficas e à atenção auditiva durante o ditado.

Na atividade de escrita criativa, os alunos deveriam produzir textos incluindo as palavras sanar, minuciosa, mosaico, coronavírus e acoplado. A maior parte dos estudantes utilizou corretamente todas as palavras propostas, demonstrando compreensão da tarefa e capacidade de

organização textual. Contudo, dois alunos apresentaram variações nas palavras (como flexões no plural), o que sugere certa desatenção às orientações iniciais. Observou-se ainda que os estudantes conseguiram revisar e corrigir os erros cometidos no ditado (com exceção de um estudante), o que representa avanço na consciência sobre a importância do processo de revisão. Destaca-se, também, a produção diferenciada de alguns estudantes: um dos estudantes optou pelo gênero carta, revelando domínio de repertório e sensibilidade ao adaptar o vocabulário trabalhado a diferentes contextos discursivos. Outro produziu um poema, enquanto um terceiro escolheu escrever um relato romântico de caráter pessoal, aproximando-se da linguagem poética com características que consistem na expressão de sentimentos, emoções e da subjetividade do “eu” poético, valorizando a dimensão estética e afetiva da linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência realizada com os alunos do 2º ano do Ensino Médio Integrado do IFB - Campus Ceilândia evidenciou a importância de estratégias pedagógicas que articulam conteúdo programático e contexto avaliativo real, como o uso de textos da Matriz de Referência do PAS 2 da UnB. A proposta mostrou-se eficaz para promover o aprendizado da ortografia e o enriquecimento do vocabulário, estimulando a reflexão sobre o processo de escrita e permitindo o diagnóstico de dificuldades comuns. Além disso, favoreceu a participação ativa da turma e demonstrou que o ensino da Língua Portuguesa pode ser mais dinâmico quando associado a práticas contextualizadas e criativas. Sugere-se a continuidade da atividade com outros textos e disciplinas, bem como o aperfeiçoamento por meio de feedback individual e produção textual mais elaborada.

Referências

BRANDÃO, Gabriel Cafeu. **A geometria e sua relação com as estruturas dos vírus**. Escola Preparatória da UFABC, 2020.

SOUSA, Otília Costa e. **O ditado como estratégia de aprendizagem**. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ipl.pt/entities/publication/1a4287b2-8f0a-4418-8de9-4689681147e9>. Acesso em: 19 set. 2025.

A MÚSICA NA DANÇA E A DANÇA NA MÚSICA: CONTAGENS DOS PULSOS E DOS MOVIMENTOS

Resumo: *A dança e a música possuem uma relação muito próxima em diversos estilos/gêneros musicais. Muitas vezes, o músico entende internamente os elementos musicais, mas desconhece aspectos mais técnicos dos movimentos corporais que compõem determinados estilos ou gêneros da dança e vice-versa, o dançarino executa os movimentos sem uma consciência mais apurada do material musical. Este relato de experiência apresenta o ensino de Música, mais especificamente, da análise musical para a formação do licenciando em Dança no contexto da disciplina de Fundamentos da Música II de uma instituição de educação, ciência e tecnologia do Centro-Oeste. As etapas dessa experiência envolveram oficinas práticas com convidados e desenvolvimento de um trabalho inicial contendo um esquema de análise musical com as contagens do pulso, dos compassos, da estrutura musical e uma proposta prévia de uma contagem que envolvesse uma futura composição coreográfica. Após a primeira etapa, houve o aprofundamento dos elementos musicais que foram trabalhados nas aulas por meio das correções desse trabalho inicial e a elaboração de um esquema, que desta vez, fosse composto pelo registro da música juntamente ao da dança. Os resultados mostraram que o entendimento de ambas as partes, dos estudantes e da professora foram aprofundados havendo a melhoria na comunicação entre eles, principalmente no que diz respeito à conceituação dos termos e às contagens da música e do movimento.*

Palavras-chave: *apreciação musical; ensino de dança; aprendizagem musical.*

INTRODUÇÃO

A dança e a música possuem uma relação muito próxima em diversos estilos/gêneros musicais. Muitas vezes, o músico entende internamente os elementos musicais, mas desconhece

aspectos mais técnicos dos movimentos corporais que compõem determinados estilos ou gêneros da dança e vice-versa, o dançarino executa os movimentos sem uma consciência mais apurada do material musical. Côté-Laurence (2000) e Davidson (2023), por exemplo, relatam da relevância de se considerar os elementos musicais na dança e da necessidade do pianista e do professor nas aulas compartilharem conhecimentos mútuos nas aulas de dança clássica com música ao vivo.

Este relato de experiência apresenta o ensino de Música, mais especificamente, da análise musical para a formação do licenciando em Dança no contexto da disciplina de Fundamentos da Música II do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília. O estudo se justificativa pela falta de materiais pedagógicos que orientem os profissionais da área da Música para atuar com estudantes no contexto de um curso de Dança, quando aqueles não têm qualquer formação, seja formal ou não formal, em algum estilo/gênero de Dança. Neste relato, o objetivo é trazer um trabalho final de estudantes que participaram da disciplina de Fundamentos da Música II que resulta de um processo de ensino e aprendizagem ocorrido no primeiro semestre do ano de 2025. O trabalho final resulta da integração de um esquema de análise musical com o registro dos movimentos de uma composição coreográfica realizada pelos estudantes e apresentada na sala de aula.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência ocorreu na Sala de Música e, por vezes, nas salas de Dança de um curso de Licenciatura em Dança durante o primeiro semestre de 2025. As etapas baseadas no planejamento envolveram oficinas práticas com convidados e desenvolvimento de um trabalho inicial contendo um esquema de análise musical com as contagens do pulso, dos compassos, da estrutura musical e uma proposta prévia de uma contagem que envolvesse uma futura composição coreográfica. Após a primeira etapa, houve o aprofundamento dos elementos musicais que foram trabalhados nas aulas por meio das correções desse trabalho inicial e a elaboração de um esquema, que desta vez, fosse composto pelo registro da música juntamente ao da dança.

As aulas envolveram (i) aulas expositivas e dialógicas da análise de canções, principalmente, levando em consideração as escolhas musicais dos estudantes; (ii) oficinas com convidados da área da dança que mostraram maneiras da contagem e do registro da dança; (iii) a proposição criativa de esquemas de análise tendo alguns modelos de referência (Ferreira, 2001; Gelewsky, 1973); (iv) a apresentação e discussão desses esquemas na sala de aula promovido pelo debate entre os estudantes e a professora; e (vi) a elaboração e apresentação da composição coreográfica e o registro dos movimentos criados para essa composição.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira atividade, os estudantes, em duplas, foram estimulados a escolher uma música da preferência deles e analisá-la tendo em mente os pulsos/as batidas, o compasso/a métrica e a estrutura da música. Nesse relato, tomaremos como exemplo o trabalho de dois estu-

dantes que foi considerado exemplar no desenrolar das propostas na sala de aula (Quadro 1). O esquema musical produzido pelos estudantes foi elaborado com o auxílio do aplicativo BandLab[1] partindo do upload de uma versão em áudio da música com as ferramentas de “analisar fragmento/andamento” e a descoberta do compasso/métrica realizando os ajustes necessários do material melódico no início (tético) ou em outros tempos do compasso (anacruse).

Quadro 1 – Análise preliminar da música “Tonight we’re not alone”[2]

ESTRUTURA DA CANÇÃO	MINUTAGEM	COMPASSOS (MÉTRICA QUATERNÁRIA SIMPLES)	CONTAGENS DOS MOVIMENTOS
Verso 1 (anacruse)	00:00 - 00:21	4 compassos 4 compassos	2 frases de 8 tempos 2 frases de 8 tempos
Pré-refrão	00:22 - 00:40	8 compassos	4 frases de 8 tempos
Refrão	00:40 - 01:10	8 compassos 1 compasso 2 compassos	4 frases de 8 tempos 1 frase de 4 tempos 1 frase de 8 tempos

Fonte: elaboração dos autores (2025).

Após realizou-se o registro da música e da dança de maneira detalhada (Figura 1). A contagem dos pulsos/batidas da música consta acima do registro das pernas, dos braços, da cabeça e da direção dos movimentos (setas). A notação coreográfica utilizada pelos estudantes teve a perspectiva do método Sutton (Trindade, 2008).

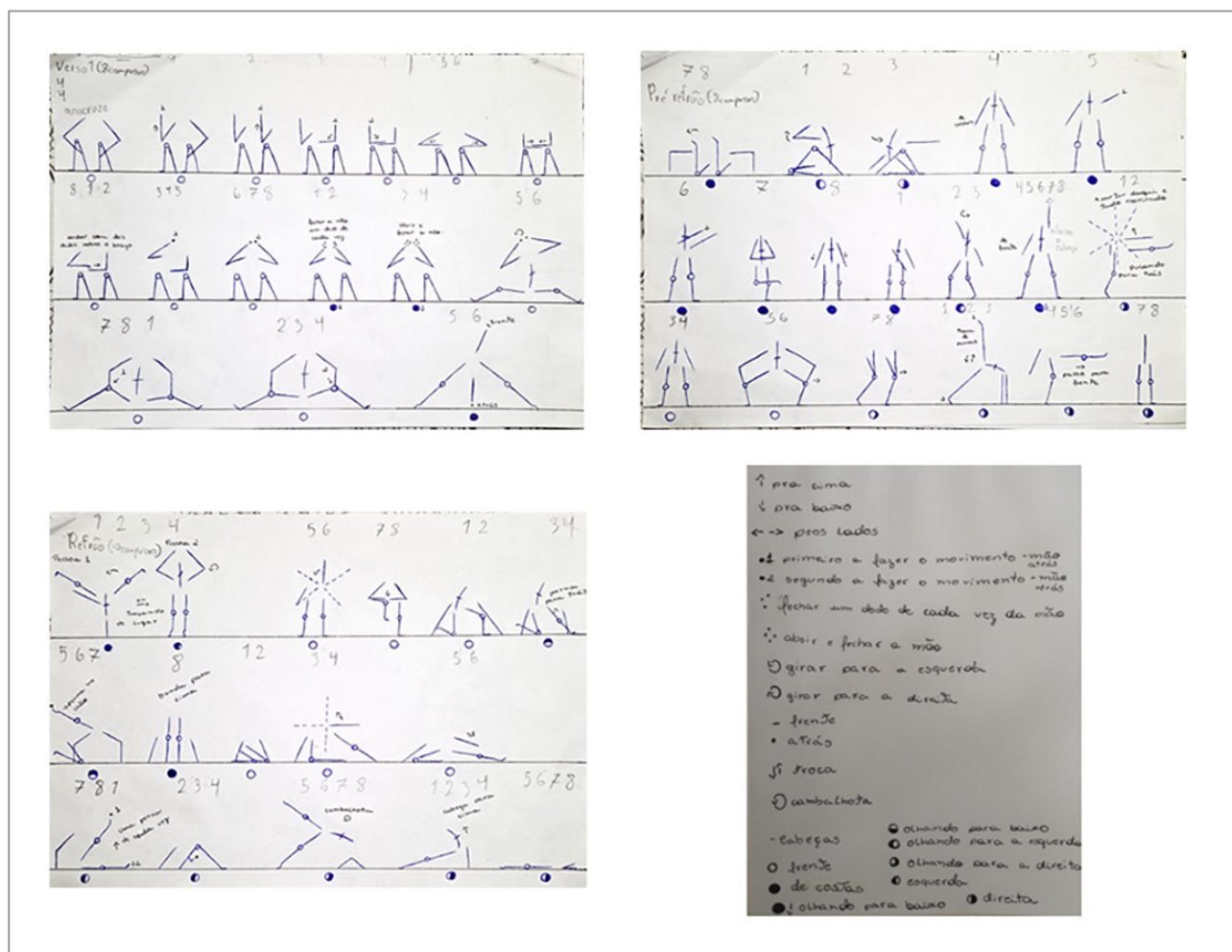


Figura 1 – Registro dos movimentos corporais com pulsos musicais e legenda dos símbolos. (Fonte: elaboração dos autores, 2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste relato de experiência descrevemos um processo criativo que une o registro de música e o de dança no intuito de desenvolver uma melhor consciência musical por licenciandos em Dança. Do lado do estudante, uma melhor compreensão pelo envolvimento mais profundo com a música de modo a expressá-la com mais acuidade na dança. E da professora, um entendimento mais profundo do movimento e suas variações (curtos ou longos) ao longo da música, mostrando que, enquanto a contagem do pulso/batida é constante, o da dança pode variar e por vezes coincidir com o pulso/batida ou com a métrica/compasso ou ainda pulsos mais curtos, como o contratempo ou mais longos, como o tempo 1 e 3 nos quaternários. Novos estudos devem aprofundar o estudo dos movimentos e suas implicações, quando mais curtos ou mais longos, nos elementos que exploram melhor elementos da textura musical.

Referências

CÔTÉ-LAURENCE, P. The role of rhythm in ballet training. *Research in Dance Education*, London, v. 1, n. 2, p. 173-191, 2000

DAVIDSON, A. The cycle of creativity: a case study of the working relationship between a dance teacher and a dance musician in a ballet class. *Research in Dance Education*, Kent – UK, v. 24, n. 4, p. 323-341, 2023.

FERREIRA, M. *Como usar a música na sala de aula*. 8 ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2001.

GELEWSKI, R. *Estruturas sonoras 1: uma percepção musical elementar a ser aplicada na educação*. Belo Horizonte: Casa Sri Aurobindo, 1973.

[1] Mais informações em: <https://www.bandlab.com/>.

[2] Música na versão acústica do YouTube:
<https://youtu.be/yoFX2W8uUHA?si=5P86tSWNDQ7bnrnP>.

ESCUTANDO A MÚSICA PARA DANÇAR: A MONITORIA DA DISCIPLINA DE FUNDAMENTOS DA MÚSICA I

Autor(es): Cynthia Eveline Farias Porto; Juliana Rocha de Faria Silva.

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília – IFB.

Contato: juliana.silva@ifb.edu.br

Resumo: *A música e a dança compartilham de estruturas rítmicas e expressivas que se completam na prática artística. No entanto, nem sempre o dançarino está consciente ou incorpora essas estruturas em seus movimentos. Este relato de experiência apresenta o percurso da monitoria na disciplina de Fundamentos da Música I, mais especificamente, da compreensão da análise musical enquanto subsídio para a composição coreográfica no âmbito de um curso de Licenciatura em Dança de uma instituição de educação, ciência e tecnologia do Centro-Oeste. As etapas dessa experiência envolveram o acompanhamento dos estudantes em oficinas musicais práticas, aulas expositivo-dialógicas e o desenvolvimento de um trabalho contendo um esquema de análise musical com as contagens do pulso, dos compassos, da estrutura musical e a proposta de uma contagem que envolvesse decisões de uma composição coreográfica de dança contemporânea. Os resultados mostraram que ao analisar a música antes de iniciar a criação da composição coreográfica abre mais possibilidades de diversificar os movimentos por meio das nuances percebidas na música, seja a mudança de melodia, a instrumentação ou a velocidade etc. adicionaram qualidade ao movimento, sutilezas que impressionam o público que reconhece a sensibilidade do dançarino. Para a monitora, a pesquisa ampliou sua gama de criações coreográficas levando em conta a mesma música por meio da intensificação das escutas permitidas pela análise musical.*

Palavras-chave: *apreciação musical; ensino de dança; aprendizagem musical.*

INTRODUÇÃO

A música e a dança compartilham de estruturas rítmicas e expressivas que se completam na prática artística (Gelewsky, 1975). No entanto, nem sempre o dançarino está consciente ou

incorpora essas estruturas em seus movimentos. Quando se fala em dança e música vem à lembrança de que a primeira coisa que a criança faz antes de caminhar, é dançar, e junto a isso a música estimula desde cedo várias áreas do cérebro relacionadas ao ritmo e ao movimento. Logo se vê que dança é música são interligados, Um complementa o outro e fazem parte do nosso desenvolvimento global desde a infância. E deveriam fazer parte da vida da gente, sempre. Principalmente como componente curricular nas escolas. Com isso, ter participado da monitoria na disciplina de música promoveu o meu desenvolvimento profissional e pessoal para me tornar uma docente com um olhar amplo para as possibilidades de criações coreográficas por meio da escuta da música.

Este relato de experiência apresenta o percurso da monitoria na disciplina de Fundamentos da Música I, mais especificamente, da compreensão da análise musical enquanto subsídio para a composição coreográfica no âmbito de um curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília. O estudo se justifica pela falta de materiais pedagógico-musicais que orientem os licenciandos em Dança para atuar com estudantes no contexto do ensino de Dança, que agreguem cada vez mais o conhecimento teórico/prático de música junto à dança nas instituições. Neste relato, o objetivo é mostrar um trabalho elaborado e apresentado aos estudantes da disciplina de Fundamentos da Música I resultante de um processo de ensino e aprendizagem ocorrido no 1º semestre de 2025. Esse trabalho integra um esquema de análise musical com o registro dos movimentos de uma composição coreográfica

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência ocorreu em uma instituição de ensino de Brasília que oferta o curso de Licenciatura em Dança. As etapas baseadas no planejamento envolveram oficinas práticas e o desenvolvimento de uma composição coreográfica contendo um esquema de análise musical com as contagens do pulso, dos compassos e da estrutura musical. O trabalho foi realizado sob a orientação da professora da disciplina que conduziu as correções no esquema de análise da música escolhida pela monitora.

As aulas envolveram (i) aulas expositivas e dialógicas da análise de canções, principalmente, levando em consideração as escolhas musicais dos estudantes; (ii) oficinas com convidados da área da dança e da música que mostraram maneiras da contagem da música e dos movimentos da dança; (iii) a proposição criativa de esquemas de análise tendo alguns modelos de referência (Ferreira, 2001; Gelewsky, 1973); (iv) a apresentação e discussão desses esquemas na sala de aula promovido pelo debate entre os estudantes e a professora; e (vi) a elaboração e apresentação da composição coreográfica pensada a partir da análise musical.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira atividade, os estudantes foram estimulados a escolher uma música da preferência deles e analisá-la tendo em mente os pulsos/as batidas, o compasso/a métrica e a estrutura da música. Nesse relato, consideramos como exemplo o trabalho realizado pela monito-

ra que foi apresentado aos estudantes partindo da sua vivência no desenrolar das propostas na sala de aula.

A música escolhida foi “Corpo e canção” da compositora Letícia Fialho. Na música analisada, as partes da canção (introdução, estrofes, refrões, pontes etc.) foram identificadas e suas frases comparadas de modo a encontrar aquelas que se repetiam percebidas nas mudanças da melodia ou da instrumentação tentando escutar as variações mais sutis entre elas. Logo, a composição coreográfica considerou as nuances trazidas por essa análise, as frases das estrofes que se repetiam, a movimentação se repetia e assim por diante. Além disso, a coreografia foi desenvolvida tendo como referência os pulsos/batidas da canção.

Realizou-se, então, o registro da música e dos movimentos da dança de maneira detalhada (Figura 1). No total foram contabilizados 128 compassos, considerando a métrica quaternária simples a aproximadamente 96 bpm de andamento.

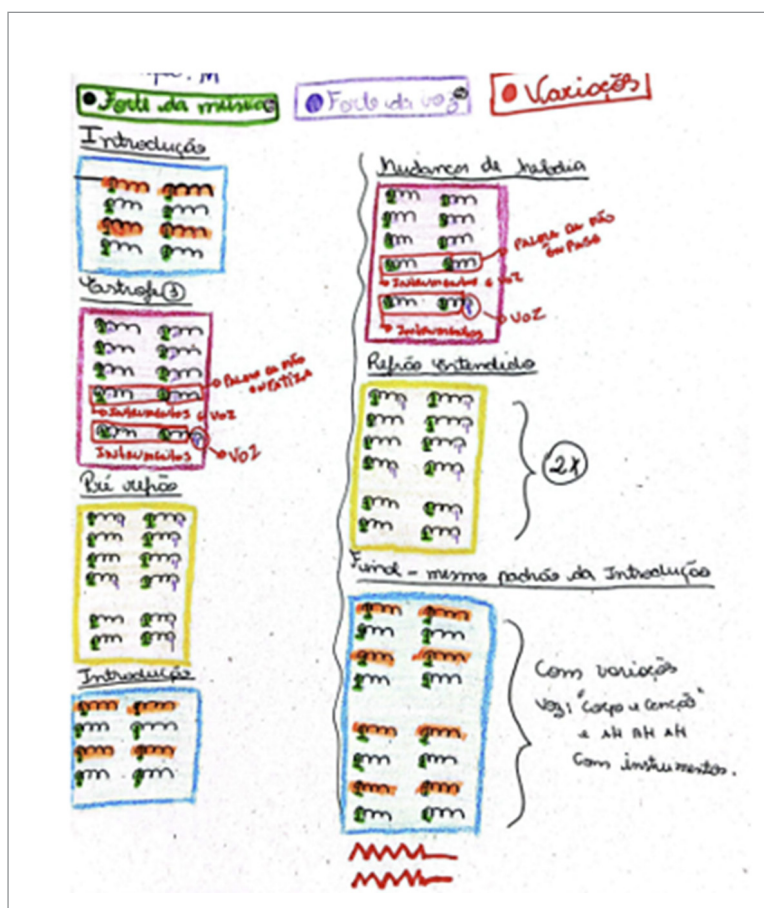


Figura 4 – Registro dos movimentos corporais com pulsos musicais.
(Fonte: elaboração das autoras, 2025).

Na introdução, a 1ª e a 3ª frases se repetem (representadas pela cor laranja) bem como a 2ª e a 4ª. O número 1 em verde indica o 1º tempo do compasso (mais forte). Na 1ª estrofe, o número 1 continua representando a parte forte da música e o 2, representado pela cor roxa, quer dizer que a parte forte é a voz que entra após o 1º tempo do compasso, a anacruse. Logo, o es-

paço existente representa as variações existentes nas duas últimas partes da música (representadas pela cor vermelha).

Na sequência o refrão repete o mesmo padrão das frases musicais, porém a parte forte da voz muda. A seguir, repete a introdução e muda-se a melodia, porém o padrão se repete igual ao da 1ª estrofe, inclusive com as mesmas variações. Tem-se o refrão estendido (repete duas vezes o refrão) e finaliza com o mesmo padrão da introdução, com variações de voz: “corpo e canção” e ah ah ah com instrumentos. Finaliza com dois riscos vermelhos que representam que a música finaliza com variações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste relato de experiência descrevemos um processo criativo que une o registro de música e o de dança no intuito de desenvolver uma melhor consciência musical por meio da apreciação e da análise no treinamento de monitores para atuarem na disciplina de Fundamentos da Música I. Considera-se que o aprendizado da monitora por meio dessa atividade ampliou seu entendimento das teorias e práticas musicais e da pesquisa proveniente da sua experiência de escrita deste relato. Novos estudos devem aprofundar bases teórico-práticas de musicalidade, com maior exploração e envolvimento do corpo.

Referências

FERREIRA, M. **Como usar a música na sala de aula**. 8 ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2001.

GELEWSKI, R. **Estruturas sonoras 1**: uma percepção musical elementar a ser aplicada na educação. Belo Horizonte: Casa Sri Aurobindo, 1973.

GELEWSKI, R. **A Dança e a Música**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

II FACAP - FESTIVAL DE ARTE E CULTURA DO ALTO PARAÓPEBA

Autores: *Camila Nogueira (Mestre em Educação Profissional e Técnica-administrativa no IFMG Campus Ouro Branco, Produtora Executiva do “II FACAP - Festival de Arte e Cultura do Alto Paraopeba”); Gracielle Paixão Santos Dias (Mestre em Educação Profissional e Tecnológica, Técnica-administrativa no IFMG Campus Ouro Branco, Colaboradora do “II FACAP - Artistas de Ouro Branco”); Jeanne Cristina Sampaio Botelho (Mestre em Letras, Técnica-administrativa no IFMG Campus Congonhas, Coordenadora do “II FACAP”); *Heleniara Amorim Moura (Doutora em Estudos Literários, Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – EBTT no IFMG Campus Ouro Branco, Coordenadora do Projeto de Extensão “II FACAP”).*

Instituição: *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – IFMG.*

Contato: *camila.nogueira@ifmg.edu.br; gracielle.paixao@ifmg.edu.br; jeanne.botelho@ifmg.edu.br; heleniara.moura@ifmg.edu.br*

Resumo: *O II Festival de Arte e Cultura do Alto Paraopeba (FACAP), realizado de 06 a 10 de agosto de 2025 em Lobo Leite, distrito histórico de Congonhas-MG, constituiu uma ação extensionista e cultural do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), em parceria com a Prefeitura Municipal de Congonhas e diversos colaboradores regionais. Idealizado por servidoras dos campi Congonhas e Ouro Branco, o festival teve como propósito valorizar a identidade regional e o patrimônio material e imaterial, ampliando o acesso da população a bens culturais e fortalecendo a economia criativa local. A programação foi construída coletivamente com a comunidade e incluiu teatro, música, literatura, oficinas, artesanato e gastronomia, contemplando públicos de diferentes faixas etárias. Participaram cerca de 3000 pessoas em atividades que reuniram artistas de quatro cidades do Alto Paraopeba, em um ambiente de intercâmbio cultural e de fortalecimento dos laços comunitários. Além do impacto artístico, o festival envolveu escolas, associações locais, grupos culturais e a comunidade acadêmica em rodas de conversa, workshops e encontros formativos, configurando-se como espaço de convivência, aprendizagem e participação social. Entre os resultados, destacam-se a consolidação do FACAP como marco cultural do território, a visibilidade conferida aos artistas locais, a movimentação econômica decorrente da economia criativa e o início do mapeamento dos agentes culturais da região, atualmente em desenvolvimento como legado desta edição. O FACAP reafirmou a cultura como dimensão estratégica de desenvolvimento social e de ressignificação simbólica de um distrito historicamente marcado pela mineração.*

Palavras-chave: *Alto Paraopeba; Cultura; Identidade regional; Economia criativa; Extensão.*

INTRODUÇÃO

A acentuada falta de interesse das pessoas pela memória cultural regional tem sido tema cada vez mais recorrente. O excesso de informação advindo da mídia virtual e televisiva tem criado um tempo repleto de dados, mas que, paradoxalmente, apresenta um esvaziamento no conhecimento da memória cultural das cidades e povoados do país. Há o acúmulo de informações, contudo, falta o desejo de conhecimento das lembranças daqueles que circundam a história, os costumes, as representações artísticas de cada região. Nesse aspecto, deixa-se de valorizar o patrimônio imaterial, muitas vezes passado de geração a geração. Segundo o IPHAN (2018), os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares. Muito desse patrimônio imaterial está presente em diferentes grupos que podem ser compreendidos como formadores da sociedade brasileira.

Nesse sentido, a realização do II FACAP – Festival de Arte e Cultura do Alto Paraopeba – foi fundamental para a valorização da cultura e das tradições locais. Tanto a primeira edição, em 2019, quanto a de 2025, consolidaram-se como marcos regionais ao reunir um público diverso em torno da riqueza artística do território. A programação abrangeu música, teatro, dança, artes visuais, gastronomia e oficinas, promovendo intercâmbio entre artistas locais e regionais. O evento contou com ampla participação comunitária, incluindo escolas, associações e grupos culturais, além de parcerias público-privadas com secretarias de cultura e empresas. Também envolveu a comunidade acadêmica em rodas de conversa e workshops, configurando-se como espaço de convivência, formação e construção coletiva com destaque para a atuação da comunidade de Lobo Leite.

A memória cultural regional vem sofrendo apagamento diante da massificação midiática, o que reduz o interesse pelas tradições e práticas comunitárias. O patrimônio imaterial, conforme o IPHAN (2018), abrange saberes, ofícios, celebrações e expressões transmitidas entre gerações, e precisa ser valorizado para não se perder. Nesse contexto, o II FACAP constituiu ação estratégica para preservar e difundir a herança cultural do Alto Paraopeba, ao mesmo tempo em que fortaleceu a identidade regional e estimulou a participação comunitária.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Na etapa de pré-produção, foram realizadas reuniões com secretarias de cultura de Congonhas, Ouro Branco e cidades vizinhas, além da Associação de Moradores de Lobo Leite, para definir a programação e alinhar parcerias. A construção foi coletiva e buscou atender diferentes públicos, resultando em uma grade com apresentações musicais e teatrais (voltadas também para o público infantil), oficinas de musicalização, teatro, artesanato e economia criativa, além de rodas de conversa e encontros formativos com a comunidade acadêmica. O planejamento incluiu ainda a mobilização de escolas, grupos culturais e associações locais, reforçando o caráter participativo do festival.

A realização ocorreu entre os dias 06 e 10 de agosto de 2025, em diferentes espaços de Lobo Leite, com infraestrutura garantida por patrocínios e apoio das prefeituras (transporte, palco, som e iluminação). A programação integrou artistas locais e regionais, promovendo trocas culturais e fortalecendo o arranjo produtivo da economia criativa. Mais de 10 oficinas atenderam públicos diversos, alcançando cerca de 3000 participantes ao longo do evento. A presença de barracas de gastronomia e artesanato, somada às atividades culturais e formativas, ampliou o impacto social e econômico do festival, consolidando o FACAP como um espaço de convivência, aprendizagem e valorização territorial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde a primeira edição do projeto, um dos principais resultados foi o interesse da comunidade de Lobo Leite em promover sua continuidade. O festival de 2019 apresentou à região um modelo de evento cultural de grande porte, desbravando um território até então pouco explorado pelo IFMG. Já a segunda edição, em 2025, permitiu não apenas o aperfeiçoamento na organização e realização de um evento que fortalece o arranjo produtivo regional, como também o mapeamento dos agentes culturais, realizado com a atuação de bolsista do IFMG. Esse processo promoveu trocas de saberes, produtos e serviços entre participantes do Consórcio Público para Desenvolvimento do Alto Paraopeba.

Além dos indicadores quantitativos (cerca de 3000 participantes), o impacto do FACAP pode ser observado em evidências qualitativas registradas no vídeo institucional final do Festival (<https://youtu.be/gPphCIPbTtY>). Nele, participantes destacam a importância simbólica do evento para a memória coletiva, como no depoimento: “esse festival resgata nossa história, faz com que a gente lembre do que é nosso”. As imagens das oficinas revelam intensa participação de crianças e jovens em atividades artísticas, assim como a movimentação das barracas de artesanato e gastronomia, demonstrando repercussão positiva também na economia criativa local. Esses registros reforçam que o FACAP ultrapassou a dimensão de um festival artístico, tornando-se um processo de fortalecimento comunitário, de ressignificação simbólica do território e de dinamização econômica e cultural.

O II Festival de Arte e Cultura do Alto Paraopeba configurou-se, assim, como uma possibilidade única de estreitar ainda mais os laços entre os campi do IFMG Ouro Branco e Congonhas e a comunidade externa, além de ampliar a visibilidade dessas instituições e impulsionar a cena artístico-cultural regional. Ademais, o projeto desponta como um caminho profícuo para dar protagonismo à população do Alto Paraopeba — especialmente distritos e municípios culturalmente ricos, mas ainda pouco reconhecidos nos roteiros culturais e turísticos da região.

Como legado, será publicado um portfólio digital que reúne o mapeamento dos artistas e coletivos culturais da região. Mais do que registro do festival, esse material constitui um recurso de memória e formação, a ser disponibilizado gratuitamente em escolas, associações culturais e plataformas digitais. O produto tem sido construído pelo bolsista PIBEX e pelos membros da equipe, que acompanharam todo o evento e as atrações, garantindo consistência e autenticidade ao registro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O FACAP – Festival de Arte e Cultura do Alto Paraopeba – consolidou-se como um marco cultural ao celebrar a riqueza material e imaterial da região em um território singular: o distrito histórico de Lobo Leite, Congonhas (MG). A programação diversa — com teatro, literatura, artes visuais, oficinas e música — envolveu diferentes faixas etárias e promoveu integração entre artistas, instituições e comunidade.

Mais do que um evento, o FACAP representou um processo coletivo de valorização territorial, ao ressignificar espaços antes associados à mineração por meio da arte e da participação social. Essa edição fortaleceu a cena cultural regional, estimulou a economia criativa e gerou um importante produto educativo de memória: o portfólio digital com o mapeamento dos artistas locais, construído pelo bolsista PIBEX e pela equipe que acompanhou todo o festival.

Além disso, os registros audiovisuais do festival (<https://youtu.be/gPphCIPbTtY>) revelam depoimentos emocionados da comunidade e cenas de intensa participação em oficinas e no comércio local, evidências qualitativas que reforçam o alcance social, simbólico e econômico do FACAP.

Como desdobramento, o festival se apresenta não apenas como celebração, mas como modelo inspirador para outros distritos e cidades, reafirmando a arte e a cultura como eixos de desenvolvimento, identidade e cidadania.

Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AZEVEDO, Fernando de. **Cultura brasileira**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1958.

FESTIVAL DE ARTE E CULTURA DO ALTO PARAOPEBA. História do FACAP. 2025. **1 vídeo** (8 min 22 s). Publicado no YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/gPphCIPbTtY>. Acesso em: 25 set. 2025.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Patrimônio Cultural Imaterial: Para Saber Mais. Brasília: IPHAN, 2018.

O DIREITO À LITERATURA EM CONTEXTO PRISIONAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Autor(es): *Pedro Henrique Elias de Albuquerque (UnB).*

Instituição: *Universidade de Brasília.*

Contato: *pedrophea@gmail.com*

INTRODUÇÃO

O sistema prisional brasileiro é marcado por estruturas de exclusão e silenciamento, que negam a dignidade e a subjetividade das pessoas privadas de liberdade. Em vez de cumprir uma função ressocializadora, a prisão reafirma mecanismos de disciplinamento e marginalização (FOUCAULT, 2014; WACQUANT, 2001). Nesse cenário, torna-se urgente pensar práticas pedagógicas que resistam à lógica punitiva e possibilitem a reconstrução identitária dos sujeitos encarcerados.

Entre tais práticas, a mediação de leitura se destaca como estratégia de humanização, ao possibilitar o acesso ao texto literário de maneira crítica e dialógica. Conforme defende Cândido (2011), a literatura deve ser compreendida como um direito humano, pois amplia horizontes simbólicos e favorece a alteridade. Este trabalho apresenta um relato de experiência de mediação de leitura desenvolvido na Penitenciária Feminina do Distrito Federal (PFDF), com alunas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), discutindo seus impactos na reaquisição simbólica de direitos e no fortalecimento da consciência crítica.

METODOLOGIA

A experiência foi realizada no primeiro semestre de 2025 com quatro turmas da EJA: três compostas por mulheres cisgênero e uma por mulheres trans, com idades variadas. A escolha pelo recorte de gênero partiu da necessidade de debater a violência contra a mulher, realidade presente tanto dentro quanto fora das prisões.

Foram selecionados quatro contos literários: Bar, de Ivan Ângelo; Para que ninguém a quisesse, de Marina Colasanti; Venha ver o pôr do sol, de Lygia Fagundes Telles; e Morre, desgraçado, de Dalton Trevisan. A seleção buscou contemplar narrativas que convergissem na abordagem de violências de gênero. Além dos textos literários, o projeto incorporou trechos da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), reportagens sobre casos de feminicídio e discussões sobre conceitos como machismo, misoginia, patriarcado, cultura do estupro e desigualdade estrutural.

A metodologia foi estruturada em três etapas:

1. Leitura coletiva e individual: os contos foram inicialmente lidos em voz alta, de forma compartilhada, e depois retomados individualmente para favorecer interpretações pessoais.
2. Tabela comparativa: cada aluna preencheu um quadro com informações sobre os textos (tema, tipo de violência, narrador, ambiente, representações de gênero, desfecho, crítica social). Esse recurso serviu como guia de análise e síntese das leituras.
3. Roda de conversa: após o preenchimento, foram realizadas discussões coletivas, nas quais as estudantes relacionaram as narrativas a suas próprias vivências, sempre em diálogo com conceitos e legislações.

A abordagem metodológica se fundamentou nos princípios da educação libertadora de Paulo Freire (2011), que propõe o diálogo como base da prática pedagógica, e nas concepções de letramento literário de Cosson (2022; 2023), que entende a leitura como prática social e formativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência revelou resultados significativos. As estudantes demonstraram forte identificação com as personagens femininas dos contos, reconhecendo nelas situações semelhantes às que já haviam vivenciado. Essa identificação funcionou como catalisador para a nomeação de violências que antes eram silenciadas ou naturalizadas. Durante as rodas de conversa, emergiram relatos espontâneos de violência física, psicológica e sexual, o que evidencia o papel da literatura como mediadora para a conscientização e a elaboração simbólica de experiências.

Um episódio marcante ocorreu na discussão do conto Morre, desgraçado. O desfecho, em que o agressor morre, gerou aplausos e comentários como “Finalmente uma história em que o homem morre” e “Pelo menos esse não mata mais ninguém”. Essa reação coletiva, embora breve, traduziu o desejo de justiça e a catarse diante de uma realidade marcada pela impunidade. O momento evidenciou a potência da literatura para provocar emoções, reflexões e tomadas de consciência.

A tabela comparativa também se mostrou um recurso eficaz. Ao organizar os elementos narrativos, as estudantes sistematizaram suas interpretações, relacionando a ficção à realidade social. Esse instrumento pedagógico reforçou a leitura crítica e permitiu visualizar padrões de violência de gênero, estimulando o pensamento comparativo e a consciência coletiva.

Do ponto de vista teórico, a experiência confirma a concepção de Cândido (2011) de que a literatura é direito fundamental, pois contribui para a formação humanizadora. Da mesma forma, vai ao encontro das reflexões de Cosson (2022; 2023), que entendem a leitura como prática social situada, capaz de construir pertencimento e sentido. No ambiente prisional, a mediação de leitura não apenas possibilita o acesso a narrativas, mas cria espaços de resistência ao silenciamento, valorizando a voz e a experiência das alunas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mediação de leitura na Penitenciária Feminina do Distrito Federal (PFDF) demonstrou-se uma prática potente para a humanização e a reaquisição simbólica de direitos. Ao abrir espaço para a escuta e o diálogo, a literatura funcionou como instrumento de resistência, promovendo a conscientização sobre a violência de gênero e possibilitando a ressignificação de experiências pessoais.

Entre as dificuldades enfrentadas, destacam-se as limitações estruturais do ambiente prisional, a vigilância constante de agentes de segurança e a ausência de recursos pedagógicos adequados. Ainda assim, a experiência evidenciou que, mesmo em condições adversas, a literatura pode cumprir seu papel emancipador.

Como perspectivas futuras, pretende-se ampliar o repertório literário utilizado, incluindo diferentes gêneros e autores, além de registrar sistematicamente as práticas de mediação para fins de pesquisa. Também se vislumbra a possibilidade de replicar a proposta em outras unidades prisionais, consolidando a leitura como prática educativa essencial e como estratégia de resistência frente à lógica punitiva do encarceramento.

REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 169-191.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

COSSON, Rildo. **Como criar círculos de leitura na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2023.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

WACQUANT, Loïc. **Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Instituto Carioca de Criminologia; Freitas Bastos, 2001.

DANÇA IMPROVISAZÃO E SOMAESTÉTICA

Autor(es): Helena de Lima Bastos*, Carla Sabrina Cunha.

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília – IFB.

Contatos: helena60631@estudante.ifb.edu.br; 1612636@etfbsb.edu.br

Resumo: *Este relato de experiência compõe parte da pesquisa de iniciação científica “Dança Improvisação e Somaestética”, desenvolvida no Instituto Federal de Brasília (IFB) com apoio da FAPDF, que investiga como a articulação entre dança improvisação, educação somática e educação estética pode contribuir para valorizar a sensibilidade, a arte e a integralidade dos corpos nos espaços de ensino-aprendizagem. A experiência ocorreu por meio de uma oficina de dança improvisação realizada com estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia do IFB do Campus São Sebastião, que não possuíam vivências prévias com técnicas de dança. As propostas buscaram ativar a percepção cinestésica, proprioceptiva, relacional dos participantes promovendo o estado de presença e a criação coletiva. Os depoimentos dos participantes destacam mudanças na relação com o próprio corpo, maior integração do grupo e reconhecimento da dança improvisação como caminho para a valorização da diversidade e a busca por sujeitos protagonistas do próprio processo de aprendizagem.*

Palavras-chave: *Dança improvisação; somática; estética; ensino-aprendizagem.*

INTRODUÇÃO

“Dança improvisação e somaestética” é uma pesquisa de iniciação científica com apoio da FAPDF que investiga como a dança improvisação se articula com a educação estética, com a educação somática e como esta interdisciplinaridade pode contribuir para valorizar a sensibilidade, a arte e a integralidade dos corpos nos espaços de ensino e aprendizagem. O relato de experiência que aqui será descrito faz parte do resultado parcial da pesquisa e busca mostrar os impactos da prática de dança com pessoas que não estudam Licenciatura em Dança ou que não tem repertório vivido com técnicas e movimento consciente. Convidando-nos, assim, a am-

pliar as percepções sobre dança e educação e como essas ações educativas criam novos significados em espaços formativos para iniciação à docência. Mediante a compreensão da interdisciplinaridade das áreas estudadas na construção dessa vivência, assumimos que a educação somática seria nossa abordagem e base pedagógica, a dança improvisação como método. Entre dança improvisação, somática e estética há lugares de intersecção, o corpo-soma cria, recria e dilata caminhos ao improvisar. Apresentar a improvisação como estilo de dança, metodologia e campo de conhecimento também ressalta a relevância dessa pesquisa.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Os conceitos estudados, as práticas vivenciadas no percurso acadêmico e as experiências artísticas dançantes para além dos muros do Campus Brasília foram estruturando a oficina de dança improvisação realizada no Campus São Sebastião do IFB, no dia 05 de fevereiro de 2025, com a turma de Licenciatura em Pedagogia do 6º semestre na componente de Pedagogia da Educação Infantil. Para o desenvolvimento da oficina, entendemos como necessário a presença de três fases: 1)“Você com você”; 2)“Você com o espaço”; e 3)“Você com as pessoas”. A primeira fase vamos chamar de Consciência de si, a segunda fase de Corpo e espaço e a terceira fase de Encontro com o outro. Além disso, vamos dispor das seguintes provocações como base: “O que acontece quando o corpo toma consciência?”; “O que isso tudo tem a ver com educação?”; “O que quero ver?”; “Como percebo esses corpos que não tem experiência com dança?” A sala multimídia didática usada no Campus São Sebastião como uma sala Multiuso foi um portal de corpos dançantes, presença e encontros. A (des)ordem do espaço foi palco para o mover. O revirar de mesas e cadeiras para o alto davam o tom de ordem para uns e bagunça para outros. Algumas cangas no chão, uma malinesa cantarolando ao fundo e um grande espaço que se abriu no centro da sala começavam a formar o ambiente. Deslocar cadeiras e mesas para caber dança é desenhar o espaço com o corpo em movimento e mobilizar estruturas institucionalizadas de como se aprende: sentado, ouvindo, anotando, copiando. Repensar esse modo traz formas não-diretivas e relacionais para o aprenderensinar como propõem as pedagogias: decolonial, crítica, somática e feminista. Fizemos uma rodada de expectativas e apareceram os seguintes pontos: "se soltar"; "tô muito cansado"; "ver pessoas dançando"; "dançar"; "período foi muito cansativo". Além disso, de toda a turma, apenas três pessoas já tinham experiência com dança, aula de ballet, capoeira e afro Bahia. Seria a primeira aula de dança de muitos naquele dia.

"Dançar é respirar, criar relação, movimento, se conectar consigo e com o outro" e foi assim que continuamos nosso mover. Iniciamos com uma somatização, trazendo a consciência para a respiração, usando a técnica de coerência cardíaca para essa chegada e logo levantamos para mover os líquidos sinoviais no corpo. A atenção posta e iniciado o mover pelas falanges das mãos foi despertando a expressão do corpo inteiro. Dedos, mãos, braços, ombros, cabeça, troncos, cintura pélvica, pernas e pés. Logo em seguida, os participantes foram conduzidos para explorar o deslocamento pelos níveis baixo, médio e alto e depois a partir dos tempos acelerado e desacelerado. Alguns momentos o grupo se organizava em círculo seguindo uma direção única e muitas vezes optavam por movimentos apenas com os braços. Verbalmente, foi pedido para acrescentarem movimentos circulares e lineares, mover pela sensação, combi-

nando níveis e velocidades e a partir disso o grupo foi criando novas formas e desenhos no espaço. Mediante condução verbal estes desenhos surgiram e à medida em que o grupo passou a experimentar novas possibilidades de movimento com outras partes do corpo e velocidades, ampliou-se a percepção coletiva e a relação com o espaço e com o grupo. Apreciando essas formas entre si e movendo pela sensação, o tempo desacelerado e a pausa possibilitaram o início das trocas de olhares. O mover pela sensação é permitir que os poros da pele se abram para a dança, é abrir a escuta para os órgãos internos, perceber quais músculos são acionados, ossos, articulações; é trazer sua troca mais sincera com o mundo, a respiração, para dar o ritmo desse baile. O comando era: pausem juntos, movam juntos. O grupo, neste momento, começou a pausar nas formas seguindo um líder e foram entrando nesse jogo, sem ele ter sido pré-combinado. Com isso, dei continuidade às próximas experimentações: interpretação de movimento e seguir o líder. A temperatura da sala já mudava aos poucos, a troca entre os pares trazia euforia e risos desses corpos em soltura. Interpretar um movimento do quadril apenas com o rosto foi para soltar de vez, a vergonha, o julgamento, o não saber. Se guiar pela dança do outro trouxe boas surpresas para o grupo. “Gostei de ver o Gabriel dançando”; “Achei um pouco difícil, mas foi divertido”. Encaminhando as dinâmicas para o fim, uma integrante soltou: “nossa, nem vi o tempo passar”

RESULTADOS E DISCUSSÃO.

Na roda final, fizemos um mapa cinestésico, com as perguntas: o que mudou? O que sei sobre dança improvisação? O que senti? O suor, olhar atento, sorrisos e a disponibilidade corporal mostraram no fim entrega e expansão expressiva em contraste com a timidez e recolhimento de quando chegaram. “A respiração também é dança” afirma uma estudante. Outros depoimentos suscitam algumas reflexões acerca da vivência: “ - A conectividade que a turma teve. Todos estarem participando. Isso enriqueceu muito. No final tava todo mundo se jogando. Contribui para a união da turma.” “ - Dança improvisação é se propor a participar dos movimentos e descobrir o que seu corpo pode aprender a fazer” “ - Dança improvisação é uma dança movimentando seu corpo todo, desde os dedos da mão até os dedos dos pés sem uma coreografia, apenas sentindo o seu corpo” “ - É um estilo de dança que utiliza o movimento inesperado, mas que possui técnicas.” “ - Pra criança é natural querer brincar com o corpo. Fiquei pensando o tanto que a gente tá travado.” (Depoimentos dos estudantes de pedagogia do 6º semestre do IFB São Sebastião)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desejo por novas formas de educar, a valorização da diversidade e a busca por sujeitos protagonistas do processo de aprendizagem, conectam com o que a dança propõe. A dança improvisação abre espaço para expressões não convencionais, evidencia o apagamento da expressividade corporal nas instituições de ensino aprendizagem, resgata a espontaneidade, o brincar, promove reconexões, amplia a percepção de si. A atenção à presença do outro passa a atravessar histórias, olhares, canções e silêncios. Dançar passa a ser mais que um simples movimentar-se de corpos, torna-se um exercício de relação e escuta. Nesse contexto, improvisar é

tecer um campo compartilhado em que cada corpo encontra seu espaço singular para dançar e se relacionar transformando a si, o outro e o ambiente.

“LATINIDADES DANCISTICAS:” ESTUDO METODOLÓGICO DO CURRULAO PARA O FREVO.

Autor(es): *Rafaela Silva Bispo dos Santos; Elisa Teixeira de Souza (Orientadora, Licenciatura em Dança)*

Instituição: *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília – IFB.*

INTRODUÇÃO

A pesquisa aborda duas danças tradicionais — o currulao Colombiano e o frevo Brasileiro — a partir de um estudo metodológico que analisa escolhas em contextos pedagógicos e propõe estratégias inspiradas neles. Com caráter decolonial, busca fomentar reflexões e expandir conhecimentos. Foi contemplada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-IFB 2024-25) e contou com orientação da professora Elisa Teixeira de Souza. O estudo surgiu após um intercâmbio acadêmico na Universidad del Valle (Colômbia), nas aulas de Taller de danza histórica, ministradas pelo professor Henry Ibargüen Murillo, cuja abordagem une motricidade e poética do corpo. O termo "dancístico", no título da pesquisa, remete às manifestações da dança como movimento, palavra, estudo e sensação. De caráter teórico-prático, a pesquisa inicia-se com estudos bibliográficos e audiovisuais sobre o currulao, e aplica a mesma abordagem ao frevo.

OBJETIVO GERAL

Analisar uma metodologia de ensino colombiana voltada para o ensino de danças tradicionais e adaptá-la ao ensino do frevo, testando a possibilidade de sua integração à pedagogias de danças brasileiras.

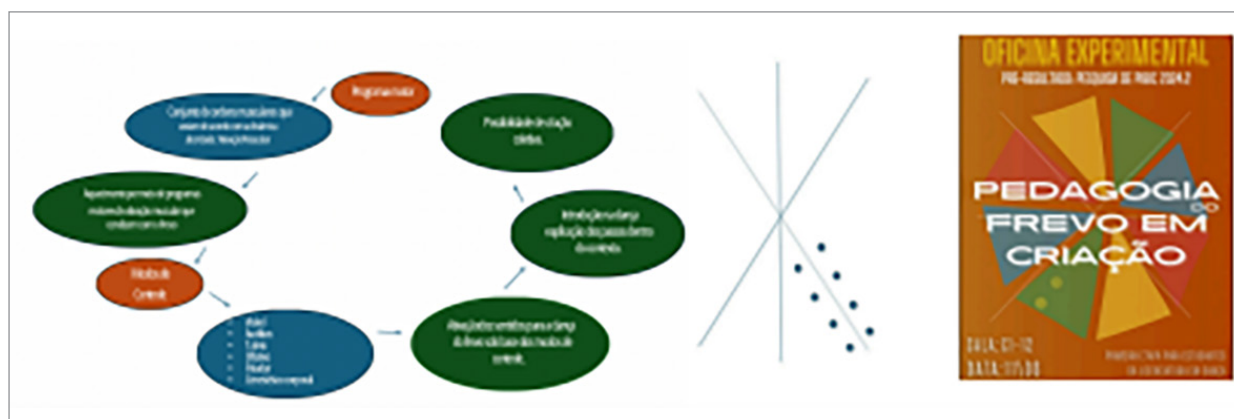
METODOLOGIA/DESCRIÇÃO DE EXPERIÊNCIA

Foi durante as aulas do professor Henry Ibarquén Murillo — docente da Universidad del Valle e mestre em danças folclóricas tradicionais e de projeção — que tive a oportunidade de mergulhar, de forma sensível e aprofundada, nas expressões musicais e corporais afro-colombianas. Educador do movimento para a dança e pesquisador da biomecânica do corpo em movimento, o professor Henry atua como formador e tecelão coreográfico, desenvolvendo práticas pedagógicas e artísticas sustentadas por uma abordagem autodidata, fundamentada na experimentação com diversas linguagens de educação corporal. Sua trajetória de pesquisa culminou na formulação da proposta conhecida como "Biomecânica Poética do Corpo Dançante", um sistema metodológico que articula técnica, escuta e sensibilidade, promovendo a construção de uma corporeidade singular. Henry possui graduação em Desporto e Atividade Física pela Escuela Nacional del Deporte (2001), especialização em Estudos Pedagógicos pela Universidad de San Buenaventura – Cali (2003) e mestrado em Educação pela mesma instituição (2010). Como artista, transita com naturalidade entre a dança, o teatro e a performance. Destaca-se, entre outras produções, como criador da obra Bororó — premiada nos Prêmios Nacionais de Cultura da Universidad de Antioquia (2023) — e como intérprete na peça Ghost Dance, do coreógrafo francês Heddy Maalem (2018). De forma sintética, sua metodologia organiza-se a partir de uma estrutura tripartida: consciência motora corporal, compreensão da dança no corpo e criação a partir do próprio aluno. Cada repertório tradicional introduzido abria um novo ciclo de experimentação e consciência corporal, adaptando a estrutura pedagógica aos elementos específicos de cada dança. Essa flexibilidade — que respeita a natureza viva e mutável da tradição — permite que a técnica se transforme em linguagem. Ao refletir sobre metodologias, compreendo que elas precisam inspirar e dialogar com os contextos contemporâneos — e com a tradição, isso não é diferente. Por isso, durante minhas investigações, busquei organizar o que mais me tocou na experiência colombiana e o que mais ressoa em mim aqui no Brasil. Esse olhar atento às particularidades do movimento tradicional, aliado a fundamentos teóricos consistentes, fortaleceu em mim a compreensão de que as danças populares e folclóricas não apenas preservam memórias coletivas, mas também abrem espaço para criação, reinvenção e pertencimento. Dentro desse sistema, três conceitos me inspiraram especialmente: programas motores, modos de controle (ou modos de ação) e circuitos, cujo são a base para estudo. Destrinchamos essa estrutura metodológica e aplicamos ao frevo pois o objetivo era adaptá-la ao ensino do frevo, testando a possibilidade de sua integração à pedagogias de danças brasileiras. Trabalhamos com deslocamentos e travessias, controles de movimento, programas motores e por fim criação coletiva como forma de avaliação da aplicação metodológica.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa é fruto de vivências pessoais. Enxergo neste trabalho uma práxis conectada à ancestralidade e à interculturalidade. Sua semente foi o projeto Latinidades Dancísticas; edição Colômbia, com documentário apresentado no 7º Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança (ANDA 2024), onde também desdobrou-se em pesquisa de campo em Recife. A proposta também foi submetida ao 8º Congresso da ANDA (2025) e lecionada em formato de oficina no Instituto Federal de Brasília e no 31º Congresso de inovação científica da UNB/ 21º Congresso de iniciação Científica do Distrito Federal buscando aprofundar o olhar sobre as dimensões pedagógicas e culturais dessas práticas de movimento.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agradeço a todos que estiveram presentes nesse projeto, e finalizo através dessa reflexão presente no estudo: “por isso que eu convido: se um dia for possível, vivenciem o frevo com o coração aberto. Mais do que observar, deixem-se atravessar. Por fim, essa soma de experiências e afetos me levou a verdadeiramente conhecer a dança. E agora, eu me pergunto — e te pergunto também: que fatores fazem você enxergar as danças que deseja estudar, conhecer ou dançar? O que em você se movimenta a ponto de criar a partir disso?”

Referências

IBARGÜEN MURILLO, Henry. Pensarse la danza. *Papel Escena*, n. 12, p. 1–12, 2012. Disponível em: <https://papelescena.bellasartes.edu.co/index.php/papel/article/view/162>. JOSE, Talles (org.); SARMENTO, Eduardo; RIBEIRO, Mario; GONDIM, Rebeca; LELIS, Carmen; VILA NOVA, Júlio; FIGUEIREDO, Jefferson; BEZERRA, Amílcar; SPOK, Maestro; VICENTE, Valéria; NASCIMENTO, Leilane; COSTA, Nicole. *Frevo Vivo Digital*. Recife: CEPE, 2022.

MONTEIRO, Marianna Francisca Martins. *Dança popular: espetáculo e devoção*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

OUTROS RELATOS

ECOMEMÓRIAS: CRIANDO COM CONSCIÊNCIA, REGISTRANDO COM AMOR

Autor(es): Alice Kunietscki Araujo* (Apresentadora, IFC Campus São Francisco do Sul); Anna Carolina Bettoni Amorim (IFC Campus São Francisco do Sul).

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense – IFC.

Contato: alice.araujo@aluno.sfs.ifc.edu.br; anna.amorim@aluno.sfs.ifc.edu.br

Resumo: O projeto de extensão *Ecomemórias: Criando com Consciência, Registrando com Amor* propôs oficinas para a confecção de álbuns fotográficos com papéis sustentáveis, unindo preservação ambiental e valorização de memórias afetivas. Em um contexto de crescimento do consumo de recursos naturais e aumento da geração de resíduos, a reciclagem e a economia circular tornam-se essenciais, como já discutido no Relatório Brundtland (WCED, 1987). A produção de papel, que demanda grandes quantidades de água, energia e árvores, reforça a urgência de práticas sustentáveis (Ellen MacArthur Foundation, 2023). As oficinas foram divididas em dois momentos: um teórico, no qual foram abordados temas como origem e consumo do papel, reciclagem e sensibilização ambiental; e outro prático, que envolveu a separação, recorte e montagem dos álbuns. Os resultados evidenciaram a produção de álbuns singulares, fortalecendo laços comunitários e culturais, além de promover o compartilhamento de narrativas pessoais. Os estudantes envolvidos desenvolveram habilidades em reciclagem, organização de oficinas e mobilização comunitária, ampliando sua formação cidadã. O projeto mostrou potencial de replicação e até mesmo geração de renda, configurando-se como prática eficaz na integração entre sustentabilidade e afetividade. Alinhado à Política Nacional de Educação Ambiental (Brasil, 1999), o *Ecomemórias* contribui para o consumo consciente e reforça a importância da economia circular. Estudos futuros podem avaliar sua expansão em diferentes contextos.

Palavras-chave: *Ecomemórias; Sustentabilidade; Papel Reciclado; Memórias Afetivas; Economia Circular.*

INTRODUÇÃO

O projeto surgiu da necessidade de promover consciência ambiental por meio de práticas educativas que integram sustentabilidade e cultura. A relevância da experiência está no estímulo ao consumo consciente, na valorização das memórias afetivas e na sensibilização comunitária em torno de práticas da economia circular. O objetivo do relato é apresentar as etapas desenvolvidas e os impactos obtidos.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

As oficinas foram realizadas no Instituto Federal Catarinense – Campus São Francisco do Sul, com a participação de estudantes do curso técnico em Guia de Turismo e da comunidade escolar. As atividades ocorreram em dois momentos: teórico e prático. No primeiro, discutiram-se temas como origem e produção do papel, consumo mundial, reciclagem e produção sustentável. No segundo, os participantes vivenciaram processos de separação, recorte e montagem de álbuns fotográficos. Projetor, computador e materiais fornecidos pelos proponentes garantiram a realização das atividades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados revelaram a criação de álbuns personalizados, que valorizaram histórias pessoais e fortaleceram laços culturais e comunitários. A exposição dos trabalhos estimulou o pertencimento e a partilha de memórias. Os estudantes adquiriram habilidades em reciclagem, organização de oficinas e sensibilização social, ampliando sua formação acadêmica e cidadã. O projeto apresentou ainda potencial para replicação em outras comunidades e para geração de renda, demonstrando a eficácia de integrar sustentabilidade e afetividade.



Figura 1 – Fotos 43º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul- Lages, 2025

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto Ecomemórias atingiu seus objetivos ao unir práticas de conscientização ambiental com a valorização de memórias afetivas, por meio da confecção de álbuns sustentáveis. A experiência fortaleceu vínculos culturais, promoveu engajamento comunitário e destacou-se como estratégia educativa alinhada à Política Nacional de Educação Ambiental. Como perspectivas futuras, sugere-se a expansão das oficinas para diferentes realidades, consolidando a relevância da iniciativa no campo da educação ambiental e da economia circular.

Referências

- Brasil. (1999). Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Política Nacional de Educação Ambiental. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm.
- Ellen MacArthur Foundation. (2023). Economia circular: visão geral. Disponível em: <https://www.ellenmacarthurfoundation.org/pt/temas/economia-circular-introducao/visao-geral>.
- WCED (World Commission on Environment and Development). (1987). Our Common Future (Relatório Brundtland). Disponível em: <https://www.are.admin.ch/are/en/home/media/publications/sustainable-development/brundtland-report.html>.

EFICIÊNCIA DA TÉCNICA DE TRANSPLANTIO DE MUDAS DE BURITI PARA RECUPERAÇÃO DE NASCENTES

Autor(es): Lorrany Pacheco Alves, Adriel Barbosa de Oliveira; Kauan Silva Freitas; Israel Lobato Rocha.

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI, Campus Corrente

Contato: lorrany680@gmail.com; adrielbarbosa697@gmail.com; silvafreitaskauan@gmail.com; Israel.lobato@ifpi.edu.br.

RESUMO: As nascentes são fundamentais para os ecossistemas aquáticos e o abastecimento de água, porém, ações humanas têm intensificado a degradação ambiental. Este trabalho teve como objetivo analisar o transplante de mudas, avaliando sua efetividade no crescimento saudável das espécies e na manutenção da diversidade vegetal. A coleta das mudas ocorreu em Riacho Frio (PI), com a participação de um professor e três alunos do IFPI, Campus Corrente. Cerca de 100 mudas, com altura entre 30 e 50 cm, foram extraídas, acondicionadas com adubo e transferidas para o viveiro do IFPI, recebendo substrato adequado e irrigação diária. Durante três meses, observou-se mortalidade de 50% das mudas, enquanto a parcela restante apresentou desenvolvimento satisfatório, atingindo altura média de 80 cm. A experiência integrou teoria e prática, proporcionando aprendizado sobre manejo, trabalho em equipe e preservação ambiental. O transplântio mostrou-se eficiente para recuperação vegetal, podendo ser replicado e aprimorado em outras áreas, promovendo práticas sustentáveis e formação de profissionais capacitados.

Palavras-chave: Transplântio de mudas; Viveiro; Recuperação ambiental; Biodiversidade; Manejo sustentável.

INTRODUÇÃO

As nascentes desempenham um papel crucial na manutenção dos ecossistemas aquáticos e no abastecimento de água potável. No entanto, ações humanas têm intensificado os impactos sobre o meio ambiente, resultando na ampliação de áreas degradadas e no agravamento dos problemas socioambiental (RODRIGUES; SILVA; OLIVEIRA, 2024).

Dessa forma, é fundamental adotar e implantar práticas para reverter este cenário. O transplante de mudas, surge como uma abordagem que visa acelerar o processo de recuperação vegetal. O transplante de mudas consiste na ação de transferir uma planta jovem de um local de cultivo inicial para outro, seja um novo vaso, um recipiente maior ou o campo definitivo, com o objetivo de dar-lhe mais espaço e nutrientes para um desenvolvimento saudável. Esta prática é fundamental na jardinagem e agricultura, pois permite que as plantas se estabeleçam melhor, desenvolvam um sistema radicular robusto e evitem o “choque” que poderia prejudicar o crescimento.

A vegetação nativa desempenha um papel fundamental na proteção do solo contra os agentes erosivos, além de regularizar o fluxo hídrico atuando na melhoria da qualidade da água ao filtrar poluentes e nutrientes em excesso (CARPANEZZI, 1998). Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo analisar o transplante de mudas, a fim de avaliar a qualidade e a efetividade desse procedimento para o desenvolvimento saudável das espécies bem como para a manutenção da diversidade vegetal. Nesse sentido, essa prática representou um momento de aprendizado significativo, unindo a teoria ao exercício prático do manejo adequado das mudas.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A coleta das mudas ocorreu no município de Riacho Frio, estado do Piauí no dia 12 de junho de 2025. A ação contou com a participação de uma equipe técnica do IFPI.



Figura 1 – Coleta das mudas realizadas no município de Riacho Frio-PI. (Fonte: autores, 2025)

Utilizou-se ferramentas manuais como enxadas e pás para realizar extração das mudas, em seguida, foram acondicionadas em sacos plásticos com adubo, conforme ilustrado na figura 1. Ao total foram transplantadas aproximadamente 100 mudas, apresentando altura entre 30 e 50 centímetros.

Posteriormente, com intuito de otimizar o sucesso do transplante, as mudas foram transferidas ao viveiro do Instituto Federal do Piauí (IFPI), Campus Corrente. No viveiro, receberam

substrato composto por esterco e areia e foram irrigadas uma vez ao dia para auxiliar na aclimação ao novo ambiente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ausência de espécies de buriti exigiu a adoção de uma alternativa prática e eficiente, de modo que o processo de cultivo não fosse interrompido e, conseqüentemente, as mudas continuassem apresentando crescimento saudável e adequada estatura. Nesse sentido, tal adaptação tornou-se essencial para assegurar a diversidade e a sustentabilidade do viveiro, uma vez que a espécie desempenha papel relevante na preservação ambiental e no equilíbrio dos ecossistemas.

Além disso, essa experiência proporcionou não apenas a execução prática da tarefa, mas também a ampliação da compreensão sobre a importância do manejo adequado das mudas e da continuidade do processo de produção no viveiro.

No entanto, no decorrer da ação, surgiram diversos desafios, como a definição do método mais apropriado para o transplante das mudas e o monitoramento constante do seu desenvolvimento. Tais dificuldades, por sua vez, exigiram atenção, dedicação e aplicação de conhecimentos prévios, o que reforçou a relevância do trabalho em equipe e do acompanhamento técnico no processo de aprendizagem. Assim, a atividade, além de cumprir sua função de garantir a permanência das mudas em boas condições de crescimento, contribuiu para a formação prática e pedagógica dos alunos, fortalecendo, desse modo, a consciência ambiental e destacando a importância de práticas sustentáveis na manutenção dos recursos naturais.



Figura 2 – Plantios de buritis (*Mauritia Flexuosa*). (Fonte: autores, 2025)

Portanto, durante um período de três meses de observação, registrou-se a mortalidade de 50 mudas, o que representa uma taxa de mortalidade de 50%, isso pode ter ocorrido em decorrência dos danos causados às raízes durante o processo de extração das mudas. Em contrapartida, a parcela restante, correspondente a 50% do total, apresentou crescimento saudável, atingindo uma altura média de 80 cm (Figura 2). Cumpre destacar que o primeiro plantio dessas mudas ocorreu em 11 de setembro de 2025, e, desde então, o desenvolvimento das mesmas segue sob monitoramento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de transplante de mudas demonstrou ser de grande relevância para a recuperação e manejo de espécies vegetais em ambientes degradados. Observou-se que, apesar dos desafios enfrentados, como a ausência de espécies específicas e a necessidade de adaptação de métodos de cultivo, foi possível assegurar o crescimento saudável das mudas, evidenciando a eficácia das estratégias adotadas e a importância do acompanhamento técnico constante.

Além disso, a atividade permitiu integrar teoria e prática, proporcionando aos participantes uma oportunidade de aprendizado significativo, ao desenvolver competências relacionadas ao manejo adequado das plantas, trabalho em equipe e observação criteriosa do desenvolvimento das mudas. A abordagem contribuiu para a formação de profissionais mais capacitados e qualificados para atuar em práticas de preservação ambiental.

Referências

- DOS SANTOS RODRIGUES, Geneci; SILVA, Gilvânia Ariele Souza; DE OLIVEIRA, Fabio. IMPLANTAÇÃO DE VIVEIRO E PRODUÇÃO DE MUDAS NATIVAS DO CERRADO COMO ESTRATÉGIA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL. **Revista ComCiência, uma Revista multidisciplinar**, v. 9, n. 13, p. e9132402-e9132402, 2024.
- CARPANEZZI, Antonio A. Espécies para recuperação ambiental. **Espécies não tradicionais para plantios com finalidades produtivas e ambientais**. Colombo: Embrapa Florestas, p. 43-53, 1998.

VARIAÇÃO DA TEMPERATURA EM DIFERENTES PADRÕES DE USO E OCUPAÇÃO DA TERRA EM CORRENTE – PIAUÍ

Autores

Adriel Barbosa de Oliveira*, Instituto Federal do Piauí, Campus Corrente

adrielbarbosa697@gmail.com

Lorrany Pacheco Alves*, Instituto Federal do Piauí, Campus Corrente

lorranyp680@gmail.com

Israel Lobato Rocha*, Instituto Federal do Piauí, Campus Corrente

Israel.lobato@ifpi.edu.br

Resumo: *Este estudo avaliou o impacto da vegetação na temperatura de áreas urbanas em Corrente, Piauí. Utilizando medições em um local arborizado e três áreas sem árvores, a pesquisa comprovou que a presença de vegetação reduz significativamente a temperatura. O ponto com cobertura vegetal registrou temperaturas até 5,8°C mais baixas que os outros, evidenciando que a arborização é uma estratégia eficaz para mitigar os efeitos da urbanização e promover o conforto térmico. O estudo conclui que a implementação de políticas públicas de arborização é crucial para criar cidades mais sustentáveis e com melhor qualidade de vida.*

Palavras-chave: *Urbanização, conforto térmico, arborização, sustentabilidade.*

INTRODUÇÃO:

O processo de urbanização provém benefícios socioeconômicos para a sociedade de forma em geral. No entanto, a expansão desordenada das cidades gera impactos significativos no meio ambiente, alterando as funções ecossistêmicas e interferindo nas condições do microclima local. Isto acontece por causa da intensa transformação nas características da paisagem, a supressão vegetal é uma das primeiras ações que modifica o espaço, acompanhado pelas infraestruturas, que resultam na impermeabilização do solo urbano.

De acordo com Tucci (2002), a cidade é formada por vários edifícios em uma mesma área, separados por metro ou centímetros de distância um do outro. A presença intensiva de construções de grande porte, acompanhada pela redução de áreas verdes, interfere diretamente na circulação do ar no perímetro urbana, elevando a temperatura por causa da absorção e retenção de calor pelas superfícies dos edifícios.

A temperatura é o elemento climático mais fácil de ser observado. Em uma região, podem ocorrer diferentes níveis de temperatura devido a fatores vegetais ou urbanizados. Jorge Filho e Cardoso (2017), realizaram um estudo na cidade de Cascavel (PR), analisando a influência da vegetação no conforto térmico para a condição microclimática local. Os autores ressaltaram em sua pesquisa que temperaturas em áreas verdes eram, em média, 2°C mais baixas em comparação às áreas sem vegetação. Evidenciando a importância de áreas com vegetação para mitigar o aquecimento no espaço urbano.

Segundo dados do Censo demográfico (2022), cerca de 87,7% da população brasileira vive em espaços urbanos, destacando assim, a necessidade de estratégias que promovam maior conforto térmico para os residentes. Compreender a influência da vegetação sobre as variações de temperaturas urbanas é essencial para planejar cidades mais sustentáveis às mudanças de temperaturas. Assim, o presente estudo objetivou avaliar o impacto da cobertura vegetal nas variações de temperaturas em áreas urbanas no município de Corrente (PI), com base em coletas de dados realizados em locais arborizados e não arborizado.

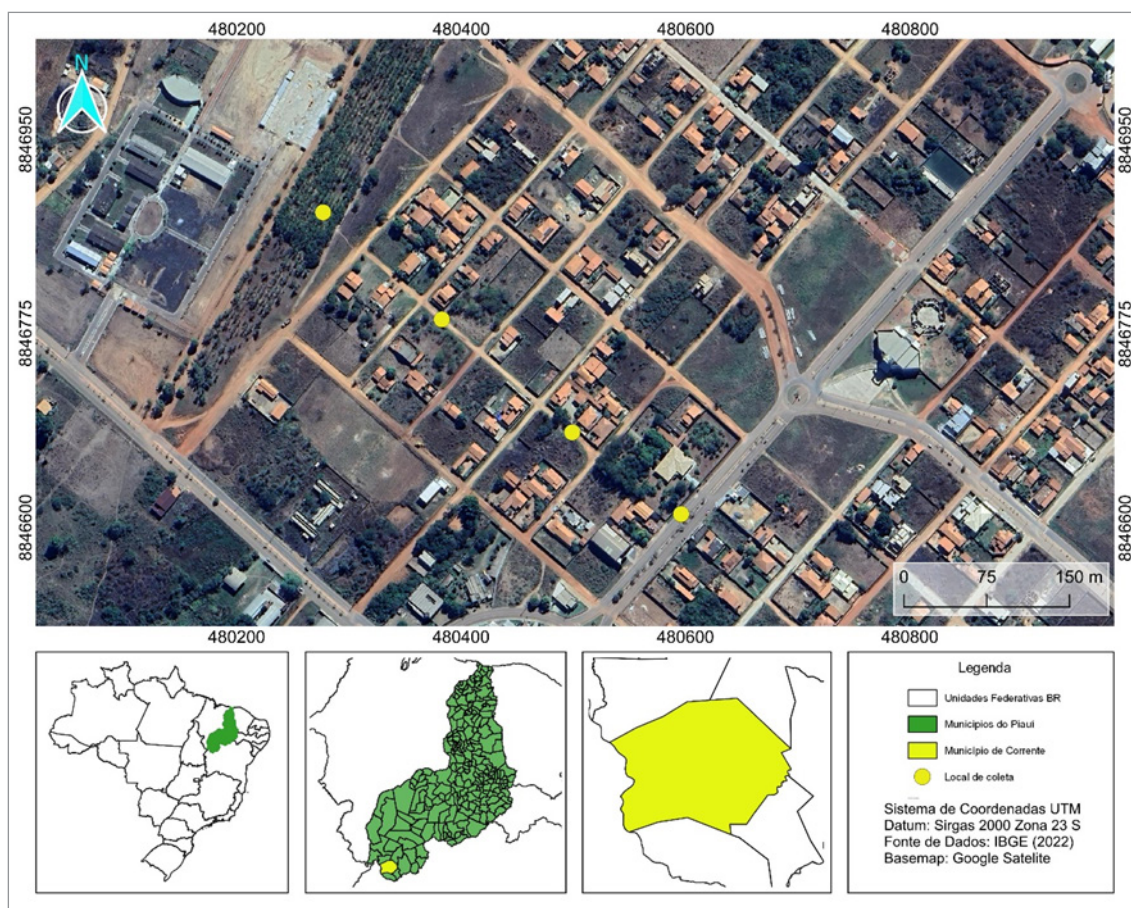
METODOLOGIA

Área de Estudo

A população do município de Corrente, é em torno de 27.285 habitantes, com densidade demográfica de 8,95 habitante por Km², correspondendo uma área territorial de aproximadamente 3.048,747 km², fixado no extremo sul do Piauí, a 843 km da capital Teresina (Censo Demográfico, 2022). O município de Corrente localiza-se na transição do bioma Cerrado com a Caatinga, com clima tropical subúmido quente. Dispondo um período seco de cinco meses, com precipitação pluviométrica anual de 980 mm (INMET, 2019). A vegetação nativa do município é campo cerrado, parque e caatinga arbórea e arbustiva.

AMOSTRA	CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA
01	Alto índice de vegetação, solo permeável, presença de graminhas, e sem residências em um raio de 60 metros.
02	Não apresenta arvores em torno, solo compactado, presença de algumas infraestruturas habitacionais ao redor, vazios urbanos e circulação moderada de veículos e pedestre.
03	Solo pavimentado com paralelepípedo, baixo índice de vegetação, e predominância maior de residências.
04	Alto tráfego de veículos e pedestre, pavimento asfáltico e vegetação escassa.

Tabela 01 – Caracterização do local das amostras escolhidas. (Fonte: Autores, 2024).



Mapa 1 – Localização dos pontos de coleta. (Fonte: autores, 2025).

Procedimentos metodológicos

A abordagem adotada, é de natureza qualitativa, pois envolve a avaliação de dados pertinente ao tema. Em relação ao procedimento metodológico, foi utilizado pesquisa bibliográfica para auxiliar no suporte teórico, e estudo de campo, que promoveu a coleta de dados. Em seguida, escolheu-se duas áreas: uma com vegetação (nativa ou não) da região e outra sem vegetação. Para medir a temperatura em °C, utilizou-se quatro termômetros digitais modelo espeto, posicionados a uma altura média de 1,50m do solo, com intervalos de distância de uma amostra para outra de aproximadamente 150m. As coletas foram feitas em um único dia, sendo realizadas duas coletas no dia 02 de abril de 2025, as 12 horas.

Os termômetros permaneceram no local por dois minutos após o horário programado para início da coleta, tempo necessário para a estabilização e processamento dos dados pelos aparelhos. E depois, os dados foram registrados em blocos de anotações.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na área arborizada obteve-se menores valores de temperatura em relação aos locais sem vegetação. A amostra 01, registrou a menor temperatura (30,5°C no horário de 12:30 a 12:45 e 30,6°C no horário de 15:30 a 15:45). As outras três amostras localizadas em ambiente sem

vegetação apresentaram temperaturas mais elevadas, variando de 34.4°C a 36.3°C no horário das 12:30 a 12:45, e 32.1°C a 33.8°C no horário das 15:30 a 15:45. Conforme apresentado no quadro 1.

HORÁRIO	AMOSTRA 01	AMOSTRA 02	AMOSTRA 03	AMOSTRA 04
12:30 – 12:45	30.5 °C	34.4°C	36.3°C	34.4°C
15:30 – 15:45	30.6°C	32.1°C	33.5°C	33.8°C

Quadro 1 – Variações das temperaturas por amostras. (Fonte: autores, 2025).

Nesse contexto, observou-se que, entre 12h30 e 12h45, a área com cobertura vegetal apresentou temperaturas mais baixa, cerca de 5,8 °C a menos em relação aos locais desprovidos de arborização. No período das 15h30 às 15h45, as amostras coletadas em ambientes expostos ao sol, sem sombreamento, apresentaram elevação na temperatura de aproximadamente 3,2 °C em comparação a amostra 1, localizada em área arborizada.

Em uma pesquisa conduzida por Matini; Biodi; Batista (2013) com o objetivo de analisar os valores extremos das variáveis meteorológicas entre ruas arborizadas e não arborizadas durante todas as estações do ano, na cidade de Curitiba (PR), foi constatado que as ruas sem vegetação apresentaram temperaturas mais elevadas em todas as estações do ano em comparação as ruas com vegetação.

Além disso, os autores observaram que a rua arborizada com a espécie arbórea *Handroanthus chrysotrichus* apresentou temperaturas similares das ruas sem arborização na estação da primavera. De acordo com os autores, a espécie arbórea *Handroanthus chrysotrichus* encontrava-se desprovida de suas folhas, o que levou a rua ter temperaturas mais elevadas nesse período (MATINI; BIODI; BATISTA, 2013).

Segundo DA SILVA & DE FIGUEIREDO (2019) no período de agosto a setembro o ipê-amarelo está em fase de mudança foliar e floração (o qual geralmente ocorre com a planta totalmente despida de folhas), dessa forma a radiação chega ao solo com mais facilidade criando um ambiente parecido com a rua desprovida de árvores.

O sombreamento proporcionado pelas copas das árvores intercepta parte da radiação solar antes que atinja as superfícies como solo, calçadas, ruas e casas, diminuindo assim a capacidade de absorção de calor pelas superfícies.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dito isto, ainda que de maneira simplificada, conclui-se com base nos resultados apresentados, que a presença de áreas verdes contribui para a redução de temperaturas, tornando as cidades mais resiliêntes às mudanças climáticas e proporcionando bem-estar à população.

Ademais, o estudo enfatiza a necessidade de políticas públicas que promovam a arborização e a conservação de áreas verdes em ambientes urbanos, visando a criação de cidades mais sustentáveis com melhor qualidade de vida para os residentes urbanos.

REFERÊNCIA

- Silva, Ana Luiza Thomaz; Figueiredo, Erika Ciconelli. A influência da arborização no comportamento térmico e no fator de visão do céu no microclima urbano no bairro de Santa Cecília. **Encontro Nacional de Conforto no Ambiente Construído**, v. 15, p. 389-398, 2019.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo Demográfico 2022**. <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 de jan. de 2025.
- INMET (Instituto Nacional de Meteorologia). **Dados Climáticos**. <http://www.inmet.gov.br>. Acesso em: 23 de jan. de 2025.
- Jorge Filho, Heitor Othelo; Cardoso, Nathalia Soares. A influência da vegetação no conforto térmico para a condição microclimática de cascavel/pr. **Revista Thêma et Scientia**, v. 7, n. 1E, p. 90-104, 2017.
- Martini, Angeline; Biondi, Daniela; Batista, Antonio Carlos. Variação diária e estacional do microclima urbano em ruas arborizadas de Curitiba-PR. **Floresta e Ambiente**, v. 20, p. 460-469, 2013.
- Tucci, Carlos Eduardo Morelli. Gerenciamento da drenagem urbana. Rbrh: **Revista Brasileira de Recursos Hídricos**. Porto Alegre, RS. Vol. 7, n. 1 (2002 jan./mar.), p. 5-27, 2002.

BSBGASTRO: FUSÃO DE SABORES E SABERES

Autor(es): Janaína Sarmiento Vilela; Marcelo Oliveira Schelle; Mylena Leite Alves; Samira Fernandes Guimarães.

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília – IFB

Contato: myleitealves@gmail.com)

Resumo: O presente relato expõe a experiência do grupo “BsBGastro: fusão de sabores e saberes” no concurso “Prática profissional - IFBRASILIDADES”, que integrou a Semana Nacional de Educação Profissional e Tecnológica (SNEPT), promovida pelo Ministério da Educação (MEC). O projeto teve como objetivo estimular a criatividade e criar oportunidades para a troca de experiências entre estudantes, educadores e profissionais do Instituto Federal de Brasília (IFB). A realização de um concurso gastronômico, com a participação dos campi Riacho Fundo e Gama, que atuam nas áreas de Gastronomia e Tecnologia de Alimentos, respectivamente, representou uma oportunidade para valorizar e fortalecer a formação técnica e acadêmica dos estudantes dos cursos ligados ao eixo da alimentação na Instituição. No concurso, o grupo teve como objetivo proteger e valorizar as riquezas culturais e os sabores das culinárias regionais brasileiras por meio da releitura e elaboração de três preparações que contemplaram a diversidade gastronômica do Norte ao Sul do país. As receitas foram desenvolvidas com alimentos nutritivos, sustentáveis e locais, aliados a técnicas gastronômicas, tendo como referência a tríade “Inclusão, Sustentabilidade e Inovação”.

Palavras-chave: Culinária Brasileira; Sustentabilidade; Inovação; Gastronomia Regional.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa expor o relato de experiência dos participantes do grupo “BsBGastro: fusão de sabores e saberes” como vencedores do concurso “Prática profissional - IFBRASILIDADES”, que teve como tema central a tríade “Inclusão, Sustentabilidade e Inovação”. O referido concurso buscou reconhecer a excelência dos estudantes do Instituto Federal e fomentar o

desenvolvimento de habilidades essenciais que conectassem teoria e prática, oferecendo uma experiência educacional completa alinhada à tríade ensino, pesquisa e extensão.

A relevância desta experiência residiu na necessidade de proteger e valorizar as culinárias regionais, além de ter representado uma oportunidade valiosa para os alunos aplicarem os conhecimentos adquiridos em desafios práticos, aprimorando as capacidades de pesquisa sobre ingredientes nacionais e técnicas gastronômicas. Além disso, ao explorar os diversos biomas e tradições culturais do Brasil, a experiência enriqueceu a compreensão dos saberes e sabores tradicionais, bem como sua relação com a sustentabilidade alimentar.

Nesse sentido, o presente relato busca retratar a experiência dos participantes e os principais fundamentos que envolveram a escolha dos pratos e dos ingredientes utilizados pelo grupo, que teve como estratégia abordar a complexidade dos biomas e regiões de norte a sul do Brasil.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O grupo participou do concurso “Prática profissional - IFBRASILIDADES” em novembro de 2024, em Brasília, onde sua experiência se concentrou na construção de três preparações utilizando, obrigatoriamente, ao menos dois ingredientes-chave, como mel, café, mandioca, especiarias brasileiras e ervas nativas, incluindo PANCs.

A estratégia central foi trabalhar com o conceito de “passaporte gastronômico” pelos sabores do Brasil, explorando em cada prato uma parte do país para representar a variedade encontrada de norte a sul. Na escolha dos insumos, a experiência destacou a sustentabilidade ao optar, preferencialmente, pelo consumo de produtos orgânicos ou biodinâmicos e pela valorização dos produtos locais, pelo uso integral dos ingredientes chave e a valorização da agricultura familiar.

A Entrada, "RODA DO LEME" (Região Norte), foi uma releitura do timbale de peixe, utilizando pescada amarela, camu-camu, tuille de tapioca, molho campanha de caju, azeite de jambu e kombucha de guaraná com mel e café de açai. O Prato Principal, "CONEXÃO CENTRAL" (Região Centro-Oeste/Sudeste), valorizou a "vaca atolada", optando pela costela suína (por economicidade e relevância na culinária local) marinada em café e mel, servida com duchesse de mandioca e ora-pro-nobis. A Sobremesa, "JARDIM DAS ABELHAS" (Região Sul), celebrou a influência europeia na doçaria brasileira, sendo um entremet com crocante de castanhas, caramelo de mel e mousse de café e cumaru.

Nesse contexto, os alunos foram responsáveis pela pesquisa e preparo dos pratos, enquanto a professora forneceu suporte para esclarecimento de dúvidas e orientação. A experiência seguiu etapas metodológicas que se iniciaram pela revisão sistemática da literatura sobre "gastronomia brasileira", estudo de técnicas para adaptação de preparos aos ingredientes brasileiros e levantamento de pratos relevantes nas diferentes regiões do Brasil. Na etapa de execução, os pratos selecionados foram testados em laboratório/cozinha, a fim de se avaliar o sabor, a textura e o tempo de preparo antes da escolha final.

Na definição dos pratos, a equipe utilizou-se do conceito de “Passaporte Gastronômico” para apresentar pratos que contavam a história e a diversidade culinária de norte a sul do país. Com isso, conseguiu-se cumprir o objetivo de fomentar nas pessoas em geral que compareceram ao evento uma mudança no padrão de consumo através da oferta de alimentos comuns no Brasil, nutritivos, sustentáveis e locais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O grupo conquistou o primeiro lugar na premiação ao desenvolver uma narrativa gastronômica que protege e valoriza as riquezas culturais, os sabores das culinárias regionais brasileiras e o desenvolvimento sustentável, atendendo a todos os critérios do evento.

O acompanhamento e o sucesso da experiência resultaram não só na premiação, mas também no desenvolvimento de habilidades essenciais nos alunos, como liderança, capacidade de tomada de decisões e habilidades de gerenciamento, fazendo uso de produtos nacionais e ingredientes nativos.

Essa experiência destacou a vastidão e diversidade do Brasil, refletidas em sua culinária, que serve como um veículo de história, memória e identidade. No entanto, evidenciou também desafios significativos, como a globalização, que tende a favorecer ingredientes e métodos estrangeiros em detrimento das tradições locais. Além disso, a monocultura e o uso excessivo de pesticidas representam obstáculos à promoção de uma gastronomia sustentável.

A despeito dessas limitações, o projeto se destacou pela originalidade e criatividade ao adaptar pratos tradicionais às realidades dos insumos brasileiros, utilizando técnicas inovadoras para valorizar o patrimônio imaterial, a identidade local e a culinária sustentável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação no concurso “Prática Profissional – IFBRASILIDADES” foi uma experiência enriquecedora que uniu prática pedagógica, valorização cultural e inovação gastronômica. O projeto atendeu às exigências do edital, utilizando os ingredientes obrigatórios de forma criativa em três preparações que refletiram a biodiversidade brasileira ao incorporarem insumos das regiões Norte, Centro-Oeste/Sudeste e Sul. Essa abordagem resultou em pratos que respeitaram a tradição, ao mesmo tempo em que promoveram inovação e consciência ambiental.

O projeto ainda destacou a importância da integração acadêmica ao unir estudantes de diferentes níveis e modalidades, como os Cursos Subsequentes em Gastronomia e Panificação e Tecnologia em Gastronomia. Essa diversidade enriqueceu o processo formativo e reforçou a interdisciplinaridade da experiência. Assim, a conquista do primeiro lugar no concurso valida o esforço coletivo, demonstrando que a gastronomia, ao ser combinada com pesquisa, criatividade e sustentabilidade, pode também abrir novos caminhos para a segurança alimentar e a valorização da identidade brasileira.

Por fim, destaca-se que o conceito de “passaporte gastronômico” que explora os sabores do Brasil é altamente replicável e oferece oportunidades de continuidade e aprimoramento. Iss

o poque devido à limitação de representar a diversidade regional do país (seis biomas e 27 unidades federativas) em apenas três pratos, futuros projetos podem adotar um modelo similar, aprofundando o estudo de ingredientes e receitas tradicionais brasileiras e suas reinterpretações. Contudo, é fundamental a manutenção do foco na sustentabilidade, promovendo o uso integral dos ingredientes e a valorização da gastronomia brasileira.

Referências

ATALA, Alex. DOM **Redescobrimo ingredientes brasileiros**. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

NASCIMENTO, Lúcia e Silva, Edir Nascimento. **O banquete dos sentidos**. Editora Bei, São Paulo, 1ª edição, 1998.

SCHNEIDER, Kamila Guimarães. **A revolução está no "prato"**: do global ao local no movimento *slow food*. Mestrado em Antropologia Social Instituição de Ensino, 2015.

RESULTADO DO PROJETO DE EXTENSÃO MENINAS E MULHERES EM AÇÃO: FORTALECENDO OS DIREITOS RACIAIS, SOCIAIS E PROFISSIONAIS

Autor(es): Ana Cristina do Nascimento Peres Albernaz (IFB Campus Planaltina); Ana Maria Soares Freire Pereira Leal (IFB Campus Taguatinga); Fabiana dos Santos Silva (IFB Campus Planaltina); Neiza de Almeida Silveira (UnB/IFB Campus Planaltina); Paula Fabiana Rosa Ferreira Salomão - SEEDF - CAIC Assis Chateaubriand.

Instituição: - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília - IFB; Universidade de Brasília - UnB; Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF; Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente- CAIC.

Contato: ana.albernaz@ifb.edu.br ; ana.leal@ifb.edu.br; fabiana.santos2@estudante.ifb.edu.br; neizadealmedasilveira@gmail.com; paulinhafrf@gmail.com

RESUMO: O projeto de extensão "Meninas e Mulheres em Ação: Fortalecendo os Direitos Raciais, Sociais e Profissionais", realizado entre novembro de 2024 e fevereiro de 2025, teve como objetivo promover o conhecimento e o protagonismo das meninas e mulheres negras na defesa dos direitos raciais, sociais e profissionais, utilizando elementos da cultura de paz. O trabalho foi desenvolvido no Instituto Federal de Brasília (IFB) em parceria com o CAIC Assis Chateaubriand, envolvendo servidoras, estudantes e egressos, com ações voltadas para crianças da educação infantil e ensino fundamental.

INTRODUÇÃO

A desigualdade racial e de gênero no Brasil gera desafios para a inclusão social e profissional, especialmente em contextos vulneráveis, como o atendimento a crianças no CAIC, cuja maioria tem entre 4 e 11 anos e inclui um grupo significativo de pessoas com deficiência, especialmente autismo. O projeto buscou enfrentar essas desigualdades ao valorizar a identidade negra e fortalecer os direitos fundamentais, combinando ações educativas, culturais e oficinas práticas, além de promover capacitação profissional e debates sobre racismo e inclusão.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O projeto foi dividido em três momentos principais:

1. Primeiro encontro: Direitos raciais

- Dinâmicas de integração e palestra dialogada sobre personalidades negras inspiradoras e temas como racismo, desigualdade e políticas afirmativas.
- Depoimentos de egressos negros do IFB que enfrentaram e superaram adversidades.
- Oficinas para crianças com confecção de cartazes, cerâmica e cabine fotográfica para reforço da autoestima racial, finalizando com entrega de brindes.

2. Segundo momento: Direitos sociais e proteção contra a violência

- Atividades lúdicas para crianças, utilizando a história "Pipo e Fifi" e a dinâmica do Semáforo do Toque, para ensinar a prevenção da violência sexual.
- Momentos de meditação e conscientização sobre o direito das crianças à proteção e ao respeito ao corpo.
- Registro fotográfico da participação infantil.

3. Terceiro momento: Fortalecimento dos direitos profissionais

- Oficinas online sobre os desafios das comunidades quilombolas no acesso à educação e mercado de trabalho, ministrada por assistente social.
- Oficina de elaboração de currículo e preparação para entrevistas, com foco em reduzir ansiedade e preparar para processos seletivos presenciais e virtuais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto resultou em avanços relevantes na valorização da identidade negra e na conscientização sobre direitos raciais, sociais e profissionais no grupo atendido. A metodologia incorporou:

- Palestras dialogadas baseadas em trajetórias de superação pela educação.
- Atividades práticas (cabine fotográfica, oficinas manuais) que reforçaram o senso de pertencimento e autoestima.
- Inclusão efetiva de pessoas com deficiência em todas as etapas, garantindo acessibilidade.

Foi identificado o desconhecimento da comunidade sobre o IFB, reforçando a necessidade de maior divulgação. A entrega de fotos personalizadas às crianças foi um destaque, gerando alegria e fortalecendo a marca do IFB, bem como a identidade negra uma vez que as crianças nas se viram como pessoas negras pretas e pardas. O projeto enfrentou desafios do calendário acadêmico e do formato híbrido, mas superou-os via planejamento flexível e adequação com as demandas da instituição parceira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse projeto, fomentado pelo Edital 13/2024 - PREX/RIFB/IFBRASILIA, foi concluído em fevereiro de 2025. Apresentou resultados positivos, com forte engajamento das crianças e dos profissionais da instituição parceira. Ao final, diversas professoras elogiaram a equipe, destacando a condução da ação do Dia da Consciência Negra, que valorizou as potencialidades das pessoas negras enquanto sujeitos de direitos, em vez de focar nas dificuldades. A metodologia desenvolvida demonstrou-se na ação como inovadora para fortalecer a identidade racial de forma potencialmente replicável, ao combinar palestras, histórias de vida, atividades práticas e ações inclusivas. Também ficou evidente a necessidade de ampliar a visibilidade do IFB junto à comunidade local.

REFERENCIAS

ARCARI, Caroline. **Pipo e Fifi ensinando a proteção contra a violência sexual para crianças**. 5 ed. Curitiba Ed. Caqui, 2018

CÂMARA TÉCNICA DE MONITORAMENTO DE HOMICÍDIOS E FEMINICÍDIOS. **Relatório 2023**. Brasília: Governo do Distrito Federal, 2023.

FERRAZ, Maira de Maria Pires; XAVIER, Milene Maria; CABRAL, Veloso Isabel Rosa. Violência sexual contra crianças e adolescentes: análise das notificações a partir do debate sobre gênero. DENSIDADES: **Revista Científica da Infância, Adolescência e Juventude**, n. 29, p. 134-150, 2021.

QUIRINO, Simony Rafaeli., BARBOSA, Renata Peres., SCHNEIDER, Gabriela. **Educação, Pobreza e Desigualdade Social: A Escola e o Direito à Educação**. Brasil: Editora Appris, 2020.

RIBAS, João. **Preconceito contra as pessoas com deficiência: As relações que travamos com o mundo**. Brasil, Cortez Editora, 2017.

UNICEF e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Panorama da Violência Letal e Sexual contra Crianças e Adolescentes no Brasil**. 2024. Disponível em: [Panorama da Violência Letal e Sexual contra Crianças e Adolescentes no Brasil 2021-2023]. Acesso em: 28 set. 2024

FORMAÇÃO CIDADÃ E DIVERSIDADE: A CULTURA XAVANTE NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Autor(es): *Acsa Priscilla Peres Torquato (Estudante do Curso Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio); Emelly Costa Cunha (Estudante do Curso Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio); Karla Amâncio Pinto Field's. (Professora do Curso Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio).

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília – IFB Campus Riacho Fundo.

Contato: acsatorquato@gmail.com; cunhaemelly5@gmail.com; karla.fields@ifb.edu.br

Resumo: Este relato apresenta a experiência de alunos do curso técnico em Cozinha integrado ao ensino médio do IFB – Campus Riacho Fundo, por meio de um projeto interdisciplinar voltado ao estudo da cultura indígena, com ênfase na etnia Xavante, localizada no leste do estado de Mato Grosso. A iniciativa foi motivada pelo cumprimento da Lei nº 11.645/2008, que torna obrigatória a abordagem da história e cultura afro-brasileira e indígena em todas as instituições de ensino, públicas ou privadas. Desenvolvido pelas turmas do primeiro ano, o projeto integrou diversas áreas do conhecimento e proporcionou aos estudantes uma vivência educativa que ultrapassa os limites da sala de aula. Além de atender à legislação vigente, a proposta reforçou a importância da interdisciplinaridade como ferramenta para a formação crítica e cidadã dos alunos, promovendo reflexões sobre identidade, diversidade e respeito às culturas originárias. Ao explorar a cultura Xavante, os estudantes puderam compreender aspectos demográficos, linguísticos e a produção de corantes naturais dessa população, valorizando saberes tradicionais e reconhecendo a pluralidade cultural brasileira.

Palavras-chave: projeto interdisciplinar, etnia Xavante, Lei 11.645/2008.

INTRODUÇÃO

A Lei 11.645/2008 torna obrigatório o ensino da história e cultura indígena (e afrobrasileira) em todas as escolas públicas e privadas de ensino fundamental e médio em todo o país. Essa lei altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para garantir que nas escolas brasileiras se ensine e valorize a diversidade cultural nacional, incluindo os povos indígenas como parte essencial da formação cidadã. A ampliação do conhecimento da diversidade cultural brasileira é essencial para a formação de cidadãos críticos e respeitosos, independentemente da

presença direta dos povos indígenas na escola. Conhecer a história, geografia, língua e cultura dos povos originários contribui para superar preconceitos e promover o respeito. A valorização e visibilidade das culturas originárias através do currículo fortalecem a identidade nacional plural e promovem a inclusão simbólica e política desses povos, que são parte fundamental da história do nosso Brasil. A educação sobre povos indígenas contribui para a preservação e valorização dos saberes tradicionais e da biodiversidade, reforçando a responsabilidade socioambiental entre jovens.

Uma forma para efetivar essa prática é por meio de projetos interdisciplinares, no qual permite integrar saberes das ciências humanas (geografia), ciências da natureza (química) e a linguagem (língua portuguesa) enriquecendo o aprendizado de forma significativa e contextualizada. Projetos dessa natureza estimulam o desenvolvimento de competências socioemocionais como empatia, diálogo intercultural e consciência crítica, preparando os estudantes para conviver em uma sociedade diversa. O presente relato de experiência refere-se ao desenvolvimento de um projeto interdisciplinar realizado no início do ano de 2025 envolvendo as disciplinas de Geografia, Química e Língua Portuguesa. O objetivo do projeto foi aprofundar o conhecimento sobre povos indígenas brasileiros, suas culturas, territórios e linguagens, integrando aspectos geográficos, químicos e linguísticos. O trabalho desenvolvido culminou na apresentação dos resultados no segundo bimestre do ano letivo.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A elaboração deste projeto foi realizada com a participação de todas as três turmas do primeiro ano dos cursos técnicos de cozinha e hospedagem integrado ao ensino médio do IFB Campus Riacho Fundo. Na componente curricular de química os alunos pesquisaram sobre os tipos de corantes naturais usados na produção de tintas corporais e para artesanatos, os tipos de gráficos e seus significados. Ainda leram e discutiram o artigo - A química dos povos indígenas da América do Sul (Soentgena, Hilbert: 2016). Na componente curricular de língua portuguesa discutiram sobre as obras do Ailton Krenak e em geografia discutiram sobre população indígena e demografia. Cada turma desenvolveu pesquisas sobre diferentes povos indígenas, abrangendo as cinco regiões do Brasil. Todas as turmas fizeram suas apresentações no auditório para todos as turmas presentes e para os professores responsáveis pelas componentes curriculares que participaram do projeto. Posteriormente para envio ao Conecta 2025 foi selecionado um trabalho representativo de cada região, destacando a diversidade cultural e territorial dos indígenas brasileiros. O texto apresentado aqui corresponde ao estudo da Tribo Xavante, povo originário do leste matogrossense.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Geografia e Demografia

Os Xavante vivem em onze terras indígenas (Areões, Areões I, Areões II, Chão Preto, Mãiwatsede, Marechal Rondon, Parabubure, Pimentel Barbosa, Sangradouro-Volta Grande, São

Marcos e Ubawawe), das quais uma delas (Marãiwatsede) não apresenta uma população estável por estar ainda em processo de demarcação. Encontram-se inseridas em doze municípios no leste do Estado de Mato Grosso, que estão situados nas bacias hidrográficas dos rios das Mortes e Araguaia, em uma região de cerrado que faz parte da Amazônia Legal. As terras foram intencionalmente e erroneamente demarcadas em ilhas, e assim como a maioria das terras indígenas do Brasil representam fragmentos do território indígena. Em 2002, eram 140 aldeias, variando entre oito e 619 indivíduos. Há uma diferença no tamanho das diversas terras (de 98 a 329 mil hectares) e também nas respectivas populações residentes (480 a 4.229 pessoas), o que resulta em densidades demográficas distintas. Atualmente estima-se que existam 160 aldeias, e em média 19.000 indivíduos. (SOUZA, SANTOS, COIMBRA JR., 2010).

Como indicado na pirâmide da população Xavante, figura 1, a dinâmica populacional é caracterizada por elevados níveis de natalidade e de mortalidade nos primeiros anos de vida, resultando em uma estrutura etária composta de 55,5% dos indivíduos com idade abaixo dos quinze anos. As crianças de zero a quatro anos constituem 26,1% da população. Estima-se que no cenário atual (2020-2025) a população tenha aumentado progressivamente entre 18.000 e 20.000 Xavante, com base no crescimento constante de 5% ao ano desde os anos 1970. (SOUZA, SANTOS, COIMBRA JR., 2010)

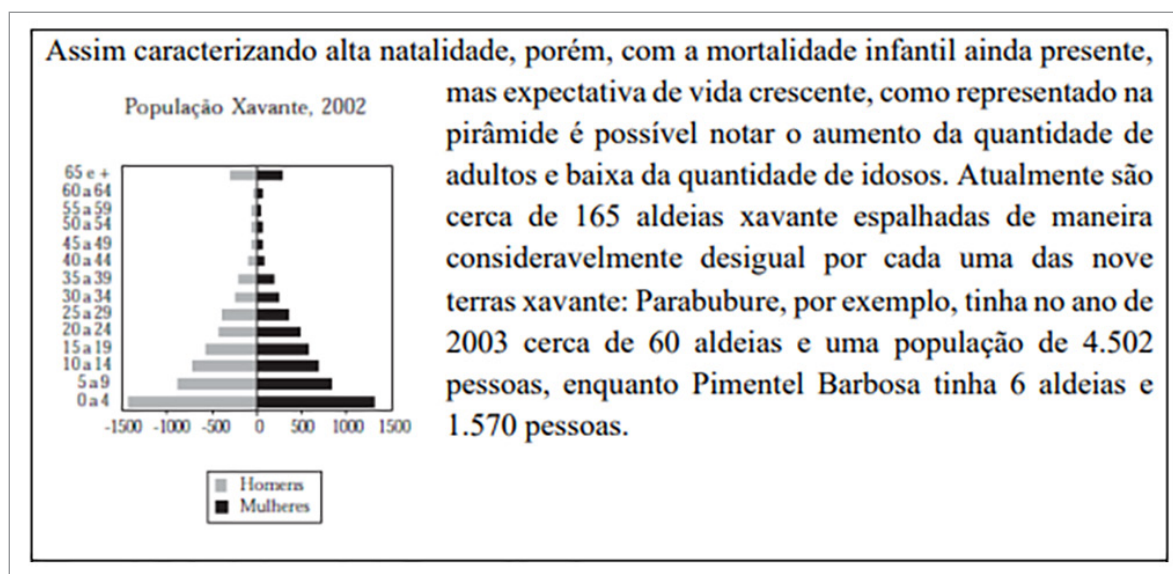


Figura 1 – Pirâmide da população Xavante, Mato Grosso. (Fonte: Souza, Santos, Coimbra Jr., 2010)

Cultura e Química das Tintas Corporais Dentre as diversas práticas culturais como o próprio cotidiano indígena, a pintura corporal é uma das principais tradições. Com a mistura de diferentes substâncias, óleos, água e os pigmentos utilizados para fazer as tintas de cores diversas, que são extraídos da natureza, de frutos ou matérias-primas como por exemplo o urucum que gera cor vermelha, o jenipapo e o carvão que geram a cor preta e tons escuros de azul, a cúrcuma que gera a cor amarela e em alguns casos específicos, a cor branca vinda da argila. O urucum ilustrado na Figura 3 é uma planta nativa da América tropical, e sua semente é utilizada para produzir uma tintura vermelha vibrante. As sementes são maceradas, o pigmento ex-

traído é misturado em água ou óleo para diluição sendo utilizado para pintura corporal e também para tingir objetos como cestos e pontas de flechas.

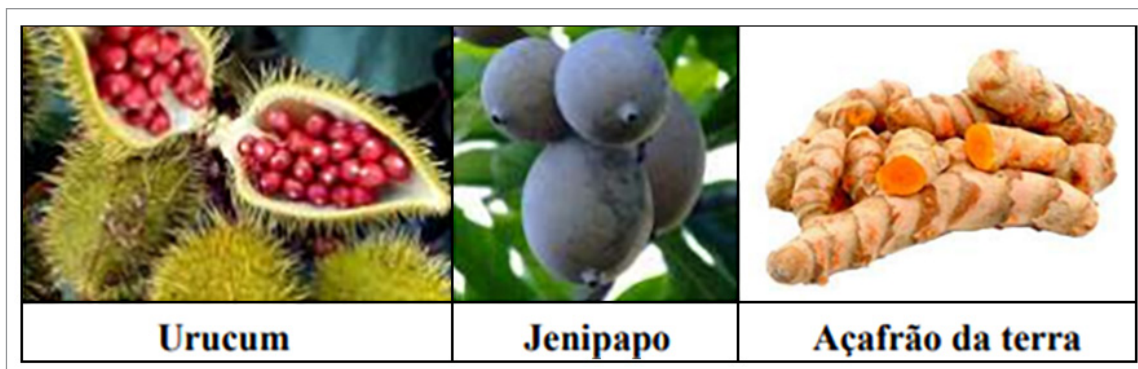


Figura 1 – Pirâmide da população Xavante, Mato Grosso. (Fonte: Souza, Santos, Coimbra Jr., 2010)

O açafrão-da-terra é extraído da raiz de uma planta chamada cúrcuma, raiz utilizada para obter a cor amarela, após a secagem dessas raízes, são moídas para produzir um pó fino, o pigmento. Depois é diluído em óleos para produção da tintura. O fruto verde do jenipapo é colhido e o suco é extraído, geralmente por meio de prensagem ou sendo ralado. O suco, inicialmente amarelo, escurece gradualmente ao entrar em contato com o oxigênio do ar, devido à oxidação da genipina, um composto presente no fruto. O carvão vegetal é adicionado ao suco para intensificar a cor preta e ajudar na fixação da tinta na pele, atuando como um pigmento e auxiliando na durabilidade. A tinta de jenipapo é utilizada tanto para pintura corporal como para decoração de objetos. Linguagem Agora mencionando a parte linguística, o povo Xavante conta com aproximadamente 18.380 indivíduos em 170 aldeias em 2014, mas a língua é falada por 9.600 pessoas, das quais cerca de 7.000 são monolíngues. Os falantes atuais, composto por pessoas de todas as idades, usam a língua vigorosamente e têm atitudes positivas em relação aos Xavante. Foi ortograficamente traduzido como Chavante e Shavante, e também é chamado de Akuen, Akwen, A'uwe Uptabi, A'we, Crisca, Pusciti e Tapuac. Na linguagem falada pelo povo, variações morfológicas de palavras são um aspecto significativo na geração de novas construções dentro da língua. Por exemplo, a morfologia reflete status honorífico, na medida em que morfemas são usados para denotar relações de intimidade e parentesco. Similarmente, posições sociais e situações de indivíduos são marcadas usando construções morfológicas; como por exemplo, o a'ama, um grupo de homens Xavante treinados em novas formas de palavras pré-existentes são referidos por outros membros do clã usando um conjunto específico de formas morfológicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho interdisciplinar proporcionou uma aprendizagem integrada e significativa, permitindo compreender a complexidade cultural, territorial e linguística da Tribo Xavante. A riqueza do estudo contribuiu para uma visão mais ampla sobre a diversidade indígena no Brasil, associando conceitos das ciências humanas e naturais de forma prática e contextualizada. Este relato sintetiza o projeto desenvolvido pelas turmas do primeiro ano, que além de estar

alinhado à legislação vigente, que estabelece a obrigatoriedade da inserção dos conteúdos sobre povos indígenas em todas as escolas do país, reforça a importância da interdisciplinaridade para a formação crítica e cidadã dos estudantes e amplia a educação para além da diversidade imediata da escola, promovendo inclusão, cidadania e valorização das culturas originárias em âmbito nacional.

Referências

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Xavante - Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xavante>. Acesso em: 13 jun. 2025. RIBEIRO, Marcela. Açafrão e cúrcuma são a mesma coisa? Entenda! Terra, Vida e Estilo – Degusta, 15 mar. 2024. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-eestilo/degusta/acafrao-e-curcuma-sao-a-mesma-coisaentenda,753fef52b9335d536513dc166cc55da379aawjta.html>. Acesso em: 13 jul. 2025. SOUZA, Luciene Guimarães de; SANTOS, Ricardo Ventura; COIMBRA JR., Carlos Everaldo Alvares. Estrutura etária, natalidade e mortalidade do povo indígena Xavante de Mato Grosso, Amazônia, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, supl. 1, p. 1–10, jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/4mcmydxVJTQ8Wmtn9YPxXj>. Acesso em: 13 jun. 2025. SOENTGENA, Jens; HILBERT, Klaus. A química dos povos indígenas da América do Sul disponível. *Quím. Nova*. 39 (09), Nov 2016. em <https://doi.org/10.21577/0100-4042.20160143>

FOSSA VERDE COMO TECNOLOGIA SOCIAL DE SANEAMENTO: ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA NA ZONA RURAL DE SÃO GONÇALO DO GURGUEIA-PI

Autor(es): Kauan Silva Freitas*; Lorrany Pacheco Alves; Israel Lobato Rocha.

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFB Campus Corrente.

Contato: silvafreitaskauan@gmail.com; lorrany680@gmail.com; israel.lobato@ifpi.edu.br

Resumo: Este trabalho analisa a experiência do Projeto Escolas Sustentáveis, desenvolvido no município de São Gonçalo do Gurgueia – Piauí, com foco na comunidade Batalha, destacando sua contribuição para a promoção da sustentabilidade e da educação ambiental em escolas rurais. O projeto, implementado em parceria entre o Instituto Federal do Piauí e escolas municipais de São Gonçalo do Gurgueia e Corrente, teve como objetivo integrar ações de intervenção ambiental com a adoção de tecnologias sociais adequadas ao contexto local. A metodologia utilizada foi qualitativa, envolvendo diagnóstico ambiental na Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima, elaboração de uma lista de tecnologias sociais aplicáveis e realização de oficina participativa com a equipe escolar para escolha da solução mais adequada. Como resultado desse processo, foi selecionada a tecnologia da fossa verde, devido à sua viabilidade técnica, baixo custo e potencial de atender às demandas locais de saneamento. Os resultados demonstraram que, antes da intervenção, todos os efluentes da escola eram despejados diretamente no solo, sem tratamento, o que gerava riscos à saúde e ao meio ambiente. A implantação da fossa verde, com custo inferior a R\$ 1.000,00, trouxe uma alternativa de saneamento eficiente, sustentável e acessível, além de fortalecer o engajamento da comunidade escolar. Conclui-se que a adoção de tecnologias sociais, como a fossa verde, constitui estratégia eficaz para integrar educação ambiental, sustentabilidade e melhoria da infraestrutura escolar, sendo um modelo passível de replicação em outras instituições de ensino rurais.

Palavras-chave: Tecnologias sociais; Educação ambiental; Saneamento sustentável; Desenvolvimento comunitário; Fossa verde.

INTRODUÇÃO

As tecnologias sociais fomentadas por projetos são de grande importância para o desenvolvimento sustentável em pequenas localidades. Conforme estudo realizado por Cruz (CRUZ et al., 2024, p. 1), “A implementação de práticas sustentáveis em ambientes escolares tem se mostrado uma estratégia eficaz para promoção da educação ambiental e o desenvolvimento de uma consciência ecológica [...]”. Essa perspectiva é especialmente relevante para regiões que enfrentam carência de políticas públicas estruturantes.

No Brasil, a escassez de saneamento básico em escolas rurais é um problema constante, que pode comprometer tanto a saúde dos funcionários e alunos quanto o processo educativo. Muitas instituições estão inertes nessa problemática, onde não possuem sistemas adequados para o tratamento de efluentes, resultando em riscos ambientais e insegurança no ambiente escolar. Nesse contexto, o Projeto Escolas Sustentáveis: Tecnologias Sociais e Intervenções Ambientais no Extremo Sul do Piauí tem como objetivo promover oficinas temáticas voltadas à aplicação de tecnologias sociais para o uso sustentável dos recursos naturais na bacia do rio Gurgueia, além de replicá-las em escolas públicas dos municípios de São Gonçalo do Gurgueia e Corrente. A importância desse tipo de iniciativa é ressaltada por Andreoli (2023), ao afirmar que projetos de extensão em saneamento são fundamentais para suprir a ausência de soluções adequadas em comunidades rurais e para melhorar a qualidade de vida da população. Além disso, a educação ambiental no ambiente escolar constitui ferramenta essencial para a sensibilização e mudança de comportamento, como afirmam Rosa e Pedron (2019), ao reconhecer que práticas educativas voltadas à dimensão socioambiental promovem a formação cidadã e ampliam o engajamento comunitário. Diante desse cenário, o presente estudo tem como intuito relatar a experiência do Projeto Escolas Sustentáveis: Tecnologias Sociais e Intervenções Ambientais no Extremo Sul do Piauí, enfatizando a implantação da fossa verde na comunidade Batalha em São Gonçalo do Gurgueia. Busca-se descrever o processo de implementação da tecnologia, analisar os resultados obtidos e discutir a relevância da iniciativa para a melhoria das condições socioambientais no âmbito escolar.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A ação foi realizada no extremo sul do Piauí, especificamente na Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima, localizada na comunidade rural Batalha, município de São Gonçalo do Gurgueia, região caracterizada pela carência de políticas públicas de saneamento básico. O processo de conclusão e entrega da tecnologia teve duração de dois meses. O público envolvido foi majoritariamente composto por funcionários da escola, que participaram ativamente da escolha e do desenvolvimento da tecnologia socioambiental. Além disso, representantes da Secretaria Municipal de Meio Ambiente colaboraram em diferentes etapas do processo. A primeira etapa consistiu na realização de um diagnóstico ambiental da escola, com o objetivo de identificar as principais necessidades socioambientais que demandavam soluções urgentes (Figura 1A). Em seguida, foi realizada uma oficina participativa, onde foram discutidas as possíveis tecnologias sociais a serem aplicadas. Durante a oficina, os funcionários da escola optaram pela implantação da fossa verde, reconhecida como uma solução sustentável e de baixo custo para o tratamento de águas residuais, adequada à realidade local (Figura 1B). Por fim, a fossa verde foi implantada e entregue à escola, consolidando-se como uma alternativa viável para o tratamento de efluentes residuais e uma opção sustentável de saneamento (Figura 1C). Figura 1 – Etapas da experiência na Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima: (A) Diagnóstico ambiental; (B) Oficina participativa para escolha da tecnologia socioambiental; (C) Fossa verde implantada.



Fonte: acervo do Projeto Escolas Sustentáveis, 2025.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciaram que a escola carecia de alternativas de saneamento sustentável, sendo a fossa verde uma solução eficiente para minimizar os impactos ambientais causados pelo descarte inadequado de efluentes. Antes da intervenção, 100% das águas residuais da escola eram despejadas diretamente no solo, sem qualquer tipo de tratamento, representando riscos à saúde e ao meio ambiente. Após a implantação, a escola passou a dispor de uma tecnologia de tratamento de baixo custo, cujo investimento total foi inferior a R\$1.000,00, configurando um ótimo custo-benefício para o saneamento escolar. A experiência também demonstrou o valor das práticas participativas na definição de soluções ambientais, fortalecendo o engajamento da comunidade escolar e ampliando a compreensão sobre a importância da gestão sustentável dos recursos. Como desafio, destacou-se a necessidade de acompanhamento técnico para garantir a manutenção adequada da tecnologia, aspecto essencial para sua efetividade a longo prazo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implantação participativa da fossa verde na comunidade Batalha consolidou-se como uma experiência relevante de integração entre educação ambiental, tecnologias sociais e gestão comunitária. O processo permitiu não apenas a solução de um problema ambiental concreto, mas também promoveu a conscientização e o protagonismo da comunidade escolar. A experiência apresenta grande potencial de replicação em outras escolas da região, considerando seu baixo custo e elevada eficiência ambiental, além de representar uma importante contribuição para a promoção do desenvolvimento sustentável em localidades rurais carentes de ações governamentais de impacto.

Referências

ANDREOLI, Fernando César. Aplicação de Tecnologia Social em Projetos de Extensão em Saneamento. **Revista de Cultura e Extensão USP**, São Paulo, v. 15, supl., p. 41-49, 2023. CRUZ, Andriella Maciel da; ALVES, Ryan Douglas; CRUZ, Pablo Kauã Maciel da; ROCHA, Israel Lobato. Implementação da tecnologia social 'Fossa Verde' nas escolas públicas dos municípios de Corrente e São Gonçalo do Gurguéia, no extremo sul piauiense. **Relato de experiência, 2024**. ROSA, Marcelo Barcellos da; PEDRON, Nilva de Araújo. Educação ambiental em escolas: sensibilizando o professor de pequenos municípios. **Revista Monografias Ambientais**, Santa Maria, v. 9, n. 2, p. 100-118, 2019

EXPERIÊNCIA PRÁTICA NO PROGRAMA DE AQUISIÇÃO DE ALIMENTOS (PAA)

Autor(es): *Fernanda Maciel Cordeiro, IFPI - Campus Corrente, macieffernanda341@gmail.com* Lorraine Stéfani Martins de Miranda, IFPI - Campus Corrente, Lorrannestefani@gmail.com. Geminiano Viana de Sena, Secretaria de Estado da Agricultura Familiar - SAF, geminianosena43@gmail.com. Israel Lobato Rocha, IFPI - Campus Corrente, Israel.lobato@ifpi.edu.br.*

Resumo: *O relato apresenta a experiência no âmbito do Programa “Juventude Rural Transformadora”, envolvendo atividades práticas de acompanhamento territorial vinculadas ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). A ação ocorreu em Cristalândia do Piauí e Gilbués, no Território da Chapada das Mangabeiras (PI), onde os jovens auxiliaram na entrega de alimentos para comunidades vulneráveis e organizações sociais. O objetivo é descrever a experiência e refletir sobre o papel do PAA no fortalecimento da agricultura familiar e da segurança alimentar. A vivência evidenciou a importância da articulação entre políticas públicas, juventude e comunidades locais. Palavras-chave: Agricultura Familiar; Juventude; Extensão Rural; Cozinha Solidária.*

INTRODUÇÃO

A agricultura familiar caracteriza-se pela gestão das terras pela própria família, com o uso predominante de mão de obra familiar e diversificação de atividades produtivas (Da Silva; Soares, 2023). No contexto brasileiro, ela é responsável por grande parte da produção de alimentos consumidos no país, desempenhando um papel fundamental na segurança alimentar e no desenvolvimento rural. Apesar de sua relevância, as famílias camponesas enfrentam desafios como envelhecimento da população rural e à saída dos jovens para as cidades em busca de melhores oportunidades (Santos; Knox; Aquino, 2024). Esse contexto reforça a necessidade de políticas públicas que estimulem a permanência da juventude no campo, assegurando a sucessão geracional e a valorização da agricultura familiar. Nesse contexto, surge o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), uma política pública que utiliza o poder de compra do governo federal para apoiar a agricultura familiar, contribuindo para seu fortalecimento e para

a redução da insegurança alimentar e nutricional no Brasil (Sambuichi et al., 2022). Assim, o PAA garante mercado para os pequenos agricultores e, ao mesmo tempo, distribui alimentos para famílias em situação de vulnerabilidade e instituições sociais. O Programa “Juventude Rural Transformadora”, iniciativa da Secretaria da Agricultura Familiar (SAF), busca formar jovens de todos os territórios do Piauí em extensão rural e assistência técnica, por meio de atividades teóricas e práticas, acompanhadas por agentes territoriais. O presente relato tem como objetivo apresentar a experiência do grupo da região sul do Território da Chapada das Mangabeiras, composto por quatro jovens, na participação das entregas do PAA nas Cozinhas Solidária em Cristalândia e Gilbués.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

As atividades práticas ocorreram entre dezembro de 2024 e agosto de 2025, nos municípios de Cristalândia e Gilbués. Em Cristalândia, o recebimento e a entrega dos alimentos ocorreram na ONG Projeto Social Caminhos da Esperança, que atende famílias em situação de vulnerabilidade social. Já em Gilbués, os produtos foram recebidos no Sindicato dos Agricultores e posteriormente transportados até as Cozinhas Solidárias das comunidades quilombolas Marmelada e Compra Fiado. Durante as entregas, realizadas pela manhã, os agricultores pesavam os alimentos, e os valores eram calculados conforme a tabela de preços do PAA, que define um preço específico para cada produto. Os jovens do Programa Juventude Rural tinham a responsabilidade de registrar os dados de cada agricultor, anotando os pesos e valores dos produtos e somando o total a ser recebido por cada um. Além disso, oferecer assistência técnica, orientando os agricultores sobre os procedimentos e esclarecendo possíveis dúvidas e acompanhar toda a dinâmica do processo, garantindo organização e transparência. Essa participação permitiu acompanhar de perto o funcionamento do PAA, compreender a dinâmica da comercialização da produção familiar e observar o impacto direto das entregas na vida das famílias beneficiadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A participação nas entregas evidenciou a importância do PAA para o desenvolvimento rural sustentável. Em Cristalândia, foram realizadas entregas à ONG Projeto Social Caminhos da Esperança e, em Gilbués, às comunidades Marmelada e Compra Fiado, beneficiando as famílias em situação de vulnerabilidade (Tabela 1)

Município	Local/Comunidade	Datas das Entregas	Nº de Entregas
Cristalândia do Piauí	ONG Projeto Social Caminhos da Esperança	17/12/2024	4
		25/02/2025	
		25/04/2025	
		22/08/2025	
Gilbués	Comunidade Marmelada e Compra Fiado	31/01/2025	5
		26/02/2025	
		27/02/2025	
		15/04/2025	
		26/04/2025	

Os produtos entregues incluíam, abóbora, melancia, banana, feijão, cheiro-verde, limão, mandioca, milho, entre outros, destinados tanto para o consumo das famílias quanto para o abastecimento das instituições beneficiadas (Figura 1).



Nesse sentido, o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) mostra-se essencial, pois garante a comercialização dos alimentos produzidos pelos agricultores, contribuindo para a valorização da agricultura familiar. Além de assegurar renda aos agricultores, o programa também beneficia comunidades e organizações sociais. A experiência possibilitou o contato com diferentes realidades, evidenciando o potencial de transformação social do PAA e promovendo o diálogo com pequenos produtores e comunidades em situação de maior vulnerabilidade. No entanto, também foram identificadas dificuldades de logística como, a distância entre as comunidades, o mau estado das estradas e a dificuldade de acesso, fatores que tornam o transporte mais lento. Soma-se a isso a limitação no alcance do programa, uma vez que alguns municípios do território não conseguiram participar por falta de assistência técnica para compreender o edital e realizar as inscrições. Apesar desses desafios, reafirma-se a importância da continuidade e da ampliação de políticas públicas como o PAA, que se apresentam como instrumentos fundamentais para a redução das desigualdades no campo e para o fortalecimento da agricultura familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação nas entregas do PAA representou uma oportunidade de aprendizado significativo no âmbito do “Programa Juventude Rural Transformadora”, permitindo vivenciar na prática a execução de uma política pública estratégica para a agricultura familiar. Além de compreender melhor a dinâmica da extensão rural, foi possível refletir sobre a importância da articulação entre governo, produtores e comunidades para a promoção do desenvolvimento rural sustentável. A vivência reforça a importância da agricultura familiar para a segurança alimentar e demonstra que o protagonismo juvenil pode contribuir para o fortalecimento das políticas públicas no campo. A ampliação de experiências como essa são essenciais para garantir a continuidade dos impactos positivos gerados pelo PAA e para consolidar a formação prática dos jovens em extensão rural.

Referências

DA SILVA, Andreia Avelina; DE OLIVEIRA SOARES, José Carlos. Agricultura familiar e produção de alimentos no Brasil: impactos na segurança alimentar. *Geografia: Ambiente, Educação e Sociedades*, v. 1, n. 4, 2023. SANTOS, Elaíne Cristina dos; KNOX, Winifred; AQUINO, Joacir Rufino de. Famílias camponesas e sucessão no nordeste brasileiro: limitações à permanência dos jovens no “ofício de agricultor. *Mundo agrário*, v. 25, n. 60, 2024. SAMBUICHI, Regina Helena Rosa et al. Contribuições do Programa de Aquisição de Alimentos para a segurança alimentar e nutricional no Brasil. *Texto para Discussão*, 2022

APROVEITAMENTO DE EXCEDENTES DA PRODUÇÃO DE ABACAXI EM ARAGUAÍNA-TO: UMA AÇÃO PRÁTICA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

INTRODUÇÃO

Araguaína, município do Norte do Tocantins, exerce papel relevante na produção agrícola regional, destacando-se o cultivo de abacaxi. No entanto, estima-se que cerca de 5 a 7% da produção seja descartada por não atender padrões estéticos exigidos pelo mercado, mesmo quando mantém qualidade sensorial e nutricional adequada. Esse desperdício acarreta prejuízos econômicos para produtores, impactos ambientais e reflete fragilidades na agregação de valor da produção local. Programas de reaproveitamento de excedentes, ligados à economia circular e à sustentabilidade, são apontados pela literatura como estratégias eficazes de mitigação de perdas, geração de renda e valorização da agricultura familiar (FAO, 2019; Guimarães; Zambiasi; Mendonça, 2018; Silva et al., 2021). Nesse cenário, alunos da UFNT, por meio do grupo de pesquisa em Ecogastronomia, desenvolveram em 2022 uma ação aplicada com produtores de abacaxi de Araguaína-TO, integrando ensino, pesquisa e extensão, com objetivo de formular produtos com excedentes, capacitar os produtores e avaliar aceitação mercadológica.

METODOLOGIA

O estudo possui natureza aplicada, com abordagem mista (qualitativa e quantitativa). Inicialmente foi realizado diagnóstico junto às comunidades produtoras de abacaxi em Araguaína - TO para identificar o percentual de frutos descartados, bem como as causas do descarte — tamanho menor, deformidades, coloração fora do padrão. A seguir, alunos de Gastronomia da UFNT elaboraram fichas técnicas e desenvolveram quatro produtos utilizando os exceden-

tes: abacaxi em calda; geleia de abacaxi com hortelã; geleia de abacaxi com pimenta; geleia de abacaxi com gengibre. Os produtos foram feitos com insumos de fácil acesso, buscando procedimentos simples para possibilitar replicação. Para avaliação, aplicou-se teste sensorial de aceitação durante a Feira Agrotins 2022, em Palmas (TO), coletando dados de aparência, aroma, sabor, textura e aceitabilidade geral. Paralelamente, realizou-se oficina de capacitação com produtores sobre reaproveitamento, higiene, padronização mínima para comercialização. Os dados foram analisados por estatística descritiva (médias, percentuais) e comparados com literatura similar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O diagnóstico confirmou que frutos descartados não apresentam comprometimento organoléptico, mas sofrem rejeição estética. Os quatro produtos desenvolvidos obtiveram aceitação sensorial satisfatória, com médias elevadas nos critérios de sabor e textura, especialmente as geleias com hortelã e gengibre, que se destacaram pelo aroma e sabor diferenciado. A iniciativa permitiu que produtores percebessem alternativas de valor agregado e utilizassem parte dos excedentes que antes seriam perdidos. Comparando com literatura, os resultados convergem com estudos de geleias de frutas tropicais que obtiveram índices de aceitação maiores que 70% quando adequadas ao paladar regional (Oliveira et al., 2020; Maciel et al., 2023). Também se observou que a capacitação foi fator decisivo para que os produtores compreendessem aspectos básicos de higiene e apresentação, essenciais para inserção no mercado formal. As barreiras identificadas incluíram logística de transporte, acesso a embalagens apropriadas e custo de insumos para conservação e envase.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação evidencia que o tripé ensino-pesquisa-extensão pode produzir resultados concretos em sustentabilidade e geração de renda. O aproveitamento de excedentes de abacaxi contribui para mitigação de desperdício, diversificação de produtos locais e empoderamento dos produtores. Futuramente, recomenda-se aprofundar estudos de viabilidade econômica, negociar parcerias para comercialização institucional (merenda escolar, feiras locais), realizar análise microbiológica e assegurar o cumprimento de padrões de segurança alimentar, além de expandir o leque de produtos e replicar a ação em outras comunidades.

Referências

- BRASIL. Ministério da Agricultura e Pecuária. Perdas e Desperdício de Alimentos. Disponível em: . Acesso em: 15 set. 2025. FAO (Food and Agriculture Organization). The State of Food and Agriculture 2019: Moving Forward on Food Loss and Waste Reduction. Roma: FAO, 2019.
- GUIMARÃES, Grazielle; ZAMBIAZI, Rui Carlos; MENDONÇA, Carla Rosane Barboza. Abacaxi: produção, mercado e subprodutos. Boletim do Centro de Pesquisa e Processamento de Alimentos, Curitiba, v.22, n.2, 2018.

MACIEL, Maria Inês Sucupira; MELO, Enayde de Almeida; GALVÃO DE LIMA, Vera Lúcia Arroxeias et al. Características sensoriais e físico-químicas de geleias mistas de manga e acerola. Boletim do Centro de Pesquisa e Processamento de Alimentos, v.27, n.2, 2023.

OLIVEIRA, Layanara Faria de; et al. Análise sensorial e aceitação comercial de diferentes formulações de geleia de jabuticaba. Revista Agrotecnologia, v.10, n.2, 2020. SILVA, M. A.; SOUZA, D. O.; GASTAL, S. Gastronomia, território e sustentabilidade: diálogos possíveis. Revista Rosa dos Ventos, v.13, n.3, p.650-669, 2021.

CONDE, Lucivam Júnior. Economia circular nos processos agroindustriais: um estudo sobre oportunidades e barreiras no Estado de São Paulo. São Paulo, 2022.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. EXCHANGE 4 CHANGE BRASIL. Agricultura Circular: recomendações para boas práticas na cadeia de frutas e hortaliças. Brasília: Embaixada dos Países Baixos, 2022.

AGÊNCIA GOV. Economia circular: desafios e oportunidades para a indústria brasileira. EBC, 2024. PLANTA CAMPO. SLC Agrícola adota economia circular para reduzir resíduos e aumentar produtividade. 2023de expandir o leque de produtos e replicar a ação em outras comunidades.



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO,
INDÚSTRIA, COMÉRCIO
E SERVIÇOS

